



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

de marvila ao tejo

um habitar contemporâneo

Título:

de marvila ao tejo | um habitar contemporâneo

Nome:

Ana Teresa Afonso

Orientadores científicos:

Doutor Arquitecto Miguel Baptista-Bastos

Doutor Arquitecto Hugo Lopes Farias

Juri:

Doutora Maria Soledade Gomez Paiva Sousa (Presidente do Júri)

Doutor Miguel Calado Baptista Bastos (Orientador)

Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa (Vogal)

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, Outubro 2016

de marvila ao tejo

um habitar contemporâneo

Ana Teresa Afonso
(Licenciada)

Documento Provisório

Projecto Final para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Doutor Arquitecto Miguel Baptista-Bastos
(Orientador Científico)

Doutor Arquitecto Hugo Lopes Farias
(Orientador Científico)

Lisboa, Outubro 2016

Título:

de marvila ao tejo | um habitar contemporâneo

Nome:

Ana Teresa Afonso

Orientadores científicos:

Doutor Arquitecto Miguel Baptista-Bastos

Doutor Arquitecto Hugo Lopes Farias

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, Outubro 2016

resumo_

Numa análise urbana, social e arquitectónica a um tecido ribeirinho procuramos criar uma estrutura urbano-arquitectónica capaz de abarcar as necessidades de uma sociedade contemporânea, quer em termos habitacionais e da qualidade de vida característica de uma sociedade pós-modernista, quer em termos de programa e conseqüentemente de equipamentos de proximidade. O resultado consiste numa proposta de desenho urbano, a uma escala mais afastada, garantindo as necessidades da população e suprimindo as carências de um território retalhado; procura-se, ainda, uma proposta para dois conjuntos habitacionais onde se apresentam várias configurações residenciais, que tentam descortinar uma solução que, podendo (ou devendo) não ser definitiva, procure uma melhoria do habitar, segundo as características e exigências do nosso quotidiano.

palavras chave:

marvila; cidade ribeirinha; habitação contemporânea; tipologia; padrões de vida

Title:

de marvila ao tejo | um habitar contemporâneo

Name:

Ana Teresa Afonso

Main advisers:

Doctor and architect Miguel Baptista-Bastos

Doctor and architect Hugo Lopes Farias

Integrated Master in Architecture

Lisbon, October 2016

abstract_

We studied from a sociological and urbanistic perspective a peripheral coastal tissue of the eastern Lisbon, seeking the creation of an urban-architectural structure able to cover the needs of a contemporary society, both in terms of program, providing proximity equipments, or in terms of housing and quality of life, as understood by a postmodernist society.

The result is an urban design proposal, (draw at a bigger scale) that guarantee in our view not only the local population's needs but corrects as well some of the main deficiencies of a territory shredded by successive layers of infrastructures implanted in the past considering only the convergence of accesses to the center of the capital.

We present, further to this, in what we consider an improvement in regard to the usual offered solutions of dwelling, proposals for two standard housing projects that are not rigid and definitive but instead with the elasticity to adapt itself to the different demands of the heterogeneous family structures of nowadays.

keywords:

marvila; riverside town; contemporary housing; typology; living standards

agradecimentos_

Agradeço, antes de mais, ao meus orientadores cujo acompanhamento foi decisivo no desenvolvimento deste trabalho e que ao longo deste último ano sempre se mostraram disponíveis para me apoiar.

Ao Professor Miguel Baptista-Bastos por todo o apoio e disponibilidade ao longo dos dois anos de Mestrado, em especial durante o projecto final. Agradeço principalmente pela aprendizagem da arquitectura e pelo papel essencial na construção do meu pensamento arquitectónico.

Ao Professor Hugo Farias pela orientação rigorosa de todas as fases do projecto final, pela sua disponibilidade, dedicação, motivação e apoio.

Aos meus pais que, por me proporcionarem esta experiência, me permitiram o início do realizar de um sonho. Agradeço-lhes todo o apoio e confiança que me provaram ao longo deste percurso.

Aos meus amigos e colegas que me acompanharam e apoiaram nestes últimos 6 anos.

Ao Alex.s

índice de figuras_

Fotografias e Imagens

F01 - fotografia da velha rua Zófimo Pedroso em Marvila	4	F25 - Planta de implantação do conjunto de edifícios da Av. Infante Santo	20
F02 - fotografia da velha rua Zófimo Pedroso em Marvila	4	F26 - perfil longitudinal a partir da Avenida	20
F03 - fotografia do antigo bairro chinês em Marvila.	5	F27 - Alçado Sudoeste	20
F04 - fotografia do antigo apeadeiro de comboio em Marvila.	5	F28 - Planta dos pisos de habitação 2, 4, 6 e 8	21
F05 - fotografia da rua do açúcar com vestígios da existência do eléctrico na Marvila antiga	5	F29 - Planta dos pisos de habitação 1, 3, 5 e 7	21
F06 - fotografia da rua do açúcar com vestígios da existência do eléctrico na Marvila antiga	5	F30 - Vista do conjunto habitacional na Avenida do Brasil	22
F07 - vista aérea de Marvila	7	F31 - Perfil Norte do conjunto	23
F08 - desenho do projecto do arq. Renzo Piano para o Braço de prata.	9	F32 - Planta tipo A	23
F09 - desenho do projecto do arq. Renzo Piano para o Braço de prata.	9	F33 - Planta tipo B	23
F10 - fotografia aérea do complexo industrial da fábrica do braço de prata.	10	F34 - Fotografia do Bloco das águas livres	25
F11 - fotografia antiga do edifício Abel Pereira da Fonseca e o seu já não existente cais privativo.	10	F35 - Planta de implantação do projecto construído	26
F12 - fotografia da fachada principal para o largo Leandro da Silva.	10	F36 - Vista da galeria de acesso às lojas comerciais	26
F13 - vilas operárias da rua do açúcar.	11	F37 - Planta do piso de habitação.	27
F14 - Vila Pereira	11	F38 - Tipologias (por ordem: T4+1 ; T1+1; T2+1; TO+1)	27
F15 - frente de rua do palácio de Mitra.	11	F39 - Planta da cobertura (ateliers para artistas)	27
F16 - Jardins do Palácio de Mitra	11	F40 - Vista do hall de entrada	28
F17 - Sede da Fábrica de Borracha Luso-Belga.	12	F41 - Vista da fachada norte com o volume das escadas	28
F18 - armazéns da fábrica de borracha Luso-Belga	12	F42 - Vista da fachada nascente com as varandas dos espaços de estar	28
F19 - fotografia aérea do bairro das estacas - 1954	18	F43 - Vista da fachada sudoeste dos blocos de habitação	29
F20 - fotografia do alçado poente dos blocos habitacionais	18	F44 - Vista da fachada noroeste dos blocos de habitação	29
F21 - planta do piso 1 dos blocos habitacionais do bairro das estacas	19	F45 - Planta de Implantação dos blocos de habitação	29
F22 - aproximação da planta do piso 1 dos blocos habitacionais do bairro das estacas	19	F46 - Planta do piso tipo de habitação	30
F23 - perspectiva dos espaços exteriores colectivos entre os blocos habitacionais	19	F47 - Planta das duas variantes tipológicas a maior (à esquerda) e a menor (à direita)	30
F24 - Conjunto de edifícios da Av. Infante Santo	20		

Mapas e Ortofotomapas		Plantas e Desenhos técnicos	
M1 - ortofotomapa da cidade de Lisboa	6	P1 - planta de proposta de demolições	39
M2 - ortofotomapa da freguesia de Marvila	9	P2 - planta de proposta do novo edificado	39
Diagramas		P3 - Diagrama das circulações verticais;	45
D1 - diagrama de evolução do território e edificado da frente ribeirinha de Marvila	8	P4 - Diagrama das tipologias;	45
D2 - diagrama do edificado, respectivos usos e estrutura viária	34	P5 - Diagrama dos espaços húmidos (instalações sanitárias, lavandarias e cozinhas);	45
D3 - diagrama de detecção de situações e elementos	35	P6 - Diagrama dos módulos dos quartos;	45
D4 - diagrama de articulação entre situações e elementos dispersos pelo território	36	P7 - Diagrama das zonas de estar;	45
D5 - Diagrama de identificação e proposta de princípios estruturantes e a sua relação com as situações e elementos existentes.	37	P8 - Diagrama com das zonas exteriores e de contacto com o exterior.	45
D6 - Diagrama conceptual e ideias de projecto	38	P9 - Planta tipo do T2	46
D7 - diagrama conceptual da proposta de intervenção.	39	P10 - Planta tipo do T1	46
D8 - diagrama explicativo da relação da fachada e das dimensões do tijolo com o ritmo dos vãos e interiores;	44	P11 - Planta tipo do T3	46
D9 - diagrama explicativo da relação do núcleo com as tipologias e os acessos aos fogos.	44	P12 - Planta tipo do T0	46
Painéis de Estudo		P11 - Planta do piso 0 da banda de moradias;	47
PE1 - painel de estudo 1 - Contexto Urbano, Envolvente e proposta Conceptual	41	P12 - Planta do piso -1 da banda de moradias.	47
		P15 - planta do piso 0;	48
		P16 - planta do piso -1;	48
		P17 - axonometria exterior da moradia;	48

índice

introdução	2
1. local	4
1.1. marvila	4
1.1.1. história	4
1.1.2. caracterização	6
1.1.3. edificado e território	8
1.2. tejo	13
2. contemporaneidade	14
2.1. habitar contemporâneo	14
2.2. estruturas familiares	16
3. intenções	18
3.1. habitação	18
3.2. reflexão	31
3.3. desafio	32
4. proposta	34
4.1. urbana	38
4.2. tipológica	44
5. considerações finais	49
bibliografia e fontes	51
referências	53
anexos	56

introdução

O tema que lançou inicialmente o estudo de Marvila e as suas problemáticas foi "A cidade como antro-po-urbis, Lisboa", desenvolvido durante o primeiro semestre de quinto ano na faculdade de arquitectura da universidade de Lisboa.

Numa primeira abordagem e a uma escala mais aproximada, como desenho urbano e antropológico, interpretou-se a freguesia de Marvila e a sua relação com a cidade de Lisboa.

Foi feito um estudo prévio do edificado, que se relaciona com o espaço público, de como este contribui para os propósitos urbanos e a para a continuidade da sua estrutura, bem como para um quotidiano contemporâneo.

A primeira premissa no desenvolvimento desta proposta de intervenção foi a revitalização de uma zona anteriormente industrial, que se mostra agora como uma faixa intersticial e fragmentada entre a zona antiga e a zona nova da cidade.

A proposta procurará criar uma estrutura urbano-arquitectónica que envolva o edificado pré-existente, a estrutura e malha urbana, bem como as necessidades locais e requisitos contemporâneos, uma estrutura que permita a revitalização de uma zona abandonada e que sirva de núcleo difusor e atractivo de e para uma cultura contemporânea Lisboeta.

A segunda premissa da proposta e a uma escala mais aproximada, revela uma preocupação e interesse pessoal desenvolvido ao longo do estudo da arquitectura: a habitação. Mais uma vez, é de referir o conceito de contemporaneidade. É objectivo deste projecto o estudo de um modelo contemporâneo, de uma ou mais tipologias habitacionais capazes de responder às necessidades da sociedade portuguesa, que se inclua neste organismo arquitectónico que é proposto.

Uma questão prevaleceu, para que os objectivos pretendidos e relacionados com o tema, determinassem esta pesquisa: Qual seria a tipologia habitacional mais adequada para corresponder aos actuais padrões de vida no nosso país?

Esta questão porventura falaciosa, torna-se clara quando nos deparamos com os diversos exemplos existentes e as suas possíveis alternativas. Na última metade do século XX, a edificação habitacional teve uma construção massiva, devido muito em parte à ascensão da classe média portuguesa. Por outro lado, a qualidade dessas mesmas casas não foi a melhor, sendo a esmagadora maioria de fraca qualidade, não só construtiva, como também constitutiva.

Ainda assim, alguns excelentes exemplos foram não só projetados, como também construídos, sendo futuros casos de estudo para este trabalho.

Os mais conhecidos, como o conjunto habitacional do Bairro das Estacas (1949-1958), o Bloco das Águas Livres (1956) e outros não tão conhecidos mas igualmente excelentes exemplos, como Olivais Norte Lisboa (1959), o Conjunto da Avenida Infante Santo (1952-1955) e, ainda, o conjunto habitacional da Avenida do Brasil (1948).

O trabalho elabora uma análise a estas matérias, tentando descortinar uma eventual solução que não sendo de todo definitiva, procure uma melhoria na qualidade do habitar e do dia-a-dia da população residente.

Para alcançarmos as premissas que guiarão a proposta urbana e arquitectónica o trabalho terá várias fases de pesquisa, análise e estudo que permitirão um desenho consciente do projecto. Inicialmente será feita uma investigação e pesquisa sobre o local de intervenção do projecto (Marvila), que abordará não só a sua história como também, o seu edificado, a sua condição actual e a relação da freguesia com a cidade de Lisboa e o rio; que nos ajudará a perceber o que deve ser proposto no desenho urbano.

Numa segunda parte é feita uma reflexão sobre os vários casos de estudo seleccionados (pela sua qualidade e pelo marco que representam na história da arquitectura em Portugal) de forma a perceber quais as características positivas e negativas das várias tipologias e como poderão contribuir para um melhor desenho habitacional.

A par do estudo tipológico das obras seleccionadas será feito um pequeno estudo sobre a população contemporânea e as estruturas familiares de maneira a perceber como é que os novos comportamentos domésticos podem e devem influenciar o projecto de arquitectura habitacional.

Por fim será apresentada a proposta urbana, tipológica e estética como resultado do estudo desenvolvido neste trabalho escrito, cujo objectivo é, de facto, apresentar um projecto contemporâneo capaz de corresponder a uma população contemporânea e a uma freguesia fracturada.

“de marvila ao tejo, um habitar contemporâneo”

Este trabalho, propõe uma estrutura urbano-arquitectónica que permita uma relação mais próxima entre marvila e o tejo (actualmente dilacerada pelas estruturas fabris e viárias), possibilita um percurso directo, seguro, estético e contemplativo entre a cota mais alta e a mais baixa da freguesia. Propõe, também, uma clara integração na malha dos quarteirões operários lisboetas e nas estruturas viárias adjacentes, formando um momento de charneira entre marvila antiga e marvila moderna, unindo-as num espaço que procura corresponder à contemporaneidade com os requisitos e necessidades essenciais para receber novos residentes e assim trazer de volta a vida à freguesia.

1. local

1.1. marvila

1.1.1. história

A freguesia de Marvila, oficialmente criada em 1959, revela vestígios arqueológicos pré-históricos, romanos, visigóticos e marcos da contemporaneidade (rapidamente desactivada). É uma freguesia por vezes esquecida e pouco valorizada mas, no entanto, uma das mais antigas da cidade de Lisboa e com uma história rica e complexa.

É uma área que foi até "recentemente" maioritariamente rural e onde se destacam quintas e hortas que abasteciam os vários mercados da zona e até mesmo a capital.

A aristocracia encontrou aqui durante muito tempo o local ideal para construir os seus palácios, como é o caso do Palácio da Mitra.

Entre edifícios comerciais, jardins, quintas e palácios encontramos vários marcos arquitectónicos da freguesia mais recentemente elevados a património do estado.

Com o terramoto de 1755, as quintas e os palácios foram em grande parte abandonados, dando oportunidade a novas actividades de se instalarem, transformando Marvila e conferindo-lhe uma identidade muito particular.

A disponibilidade de área promoveu a transformação das quintas, palácios e conventos da freguesia em fábricas, armazéns, vilas e pátios. Tornou-se uma zona essencialmente fabril e conseqüentemente habitacional. A adjacência fábrica-casa revelou-se vantajosa, refletindo-se nas formas, nos ritmos e na identidade do lugar, bem como na relação dos residentes com a sua residência (tanto com o espaço privado como o público).



F01



F02

F01 e F02 - fotografias da velha rua Zófimo Pedroso em Marvila

Marvila foi durante o início do século XX espaço de socialização urbana e integração de populações que migravam dos campos. O crescimento demográfico acentuado justifica-se pela já referida condição industrial e portuária da zona e influenciando, conseqüentemente, o crescimento urbano da capital. Marvila foi durante muito tempo sustentada pelas suas funções industriais, residenciais e de socialização urbana.

Com a perda da actividade económica e o encerramento de fábricas, a vitalidade demográfica ressentiu-se, a estrutura de solos desagregou-se e a relação da área com a cidade tornou-se ainda mais frágil.

Este decréscimo da indústria (nos anos 80 do século XX) levaram ao desactivamento de grande parte das fábricas, deixando os edifícios que as albergavam devolutos e entregues à degradação.



F03



F04



F05



F06

F03 - fotografia do antigo bairro chinês em Marvila.

F04 - fotografia do antigo apeadeiro de comboio em Marvila.

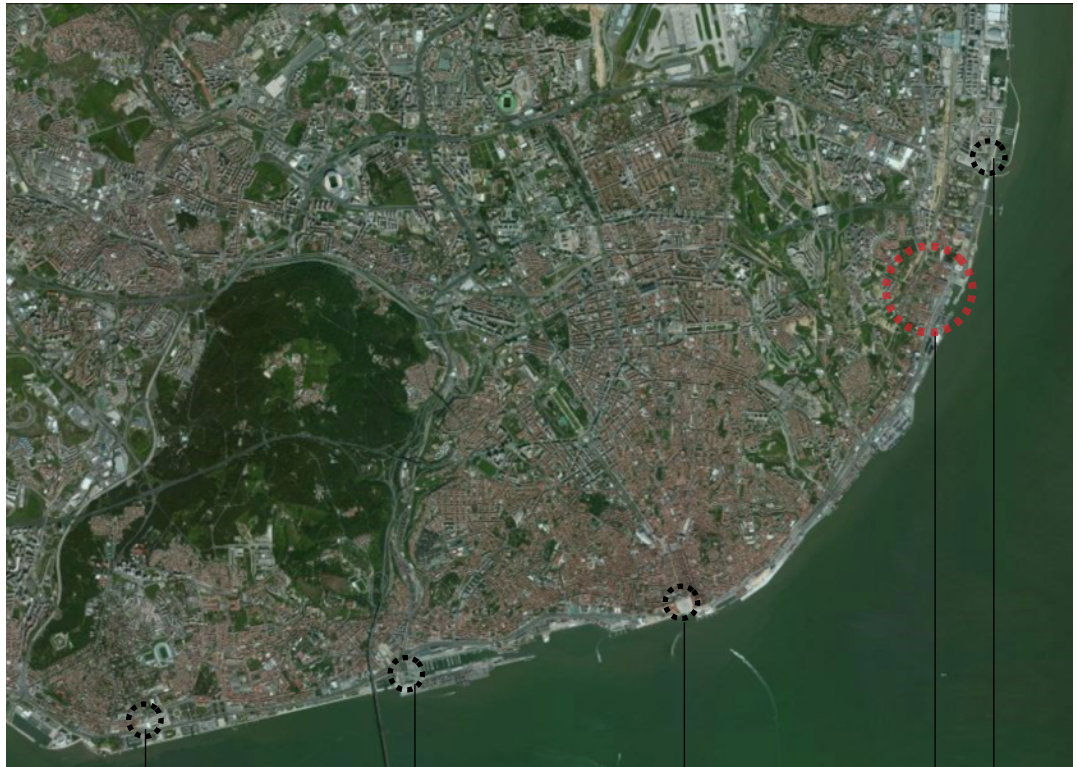
F05 e F06 - fotografias da rua do açúcar com vestígios da existência do eléctrico na Marvila antiga

Marvila tornou-se uma área urbana periférica desprovida de equipamentos básicos e de proximidade, essenciais a um estilo de vida contemporâneo e cidadão. As diversas vias de circulação, como a ferrovia e Avenida Infante Dom Henrique, isolaram ainda mais o território dando-lhe poucas expectativas de reactivação e um cariz marginal perante a cidade de Lisboa.

Com o objectivo de acabar com o isolamento de Marvila investiu-se na criação de redes viárias e na construção de bairros sociais. No entanto, com a falta de desenho urbano nas zonas intersticiais e conectoras, o desaparecimento do eléctrico e a falta de preocupação com os espaços circundantes, este tipo de intervenções revelaram-se pouco eficazes, resultando em pequenas zonas fragmentadas e circulações desconexas, acentuando a marginalidade da freguesia.

1.1.2. caracterização

Marvila é uma freguesia da zona oriental da metrópole de Lisboa, entre o Parque das Nações e a Baixa, entre Chelas e o porto de Lisboa e o Tejo.



M1 - ortofotomapa da cidade de Lisboa

Belém

doca de Alcântara

terreiro do Paço

Marvila Parque das Nações

A freguesia é um núcleo habitacional degradado, de população envelhecida, pouco escolarizada de baixos rendimentos.

Única pelo seu trajecto urbano e social, bem como pela sua ascensão e declínio industrial que definiu não só o seu traçado urbano e identidade, mas também a sua relação com a cidade.

É um território intrincado e contraditório, cujo percurso e importância na actividade portuária e industrial, e conseqüentemente na residência, o tornaram numa freguesia complexa, pontuada por algum comércio e pequenos equipamentos.

Estas estruturas, com o "declínio" da indústria, foram desactivadas e Marvila ficou esquecida entre a zona nova de Lisboa e antiga zona da metrópole. Este desenho urbano multifacetado ficou sempre por resolver e a integração da freguesia na cidade nunca foi realmente conseguida.

Marvila tornou-se numa área urbana periférica desprovida de equipamentos básicos e de proximidade essenciais a um estilo de vida contemporâneo e citadino. As diversas vias de circulação, como a ferrovia e Avenida Infante Dom Henrique, isolaram ainda mais o território, dando-lhe poucas expectativas de reactivação e um cariz marginal perante Lisboa.

Marvila mantém-se como um território desestruturado e sem articulação com o resto da cidade, com focos de exclusão social e marginalidade, uma rede de transportes públicos deficiente, degradação do espaço habitacional e industrial e uma fraca representatividade de serviços essenciais. Ainda assim, revela pontos fortes que podem e devem servir de base para a reestruturação de Marvila, como uma população relativamente jovem e uma grande diversidade cultural, uma melhoria das acessibilidades, disponibilidade de espaço, tradição industrial, infra-estruturas; estabelecimentos de ensino público e previsões de investimento público.

A reabilitação de Marvila implora por uma nova ordem urbana local, consciente do lugar e dos percursos da sua população. A sua zona ribeirinha, por sua vez, requer uma série de operações que renovem, reactivem e devolvam à população a frente de água, de forma a criar uma nova centralidade ribeirinha e a qualificar o espaço urbano, e que atraiam novos públicos, usos e actividades.



F07 - vista aérea de Marvila

1.1.3. edificado e território

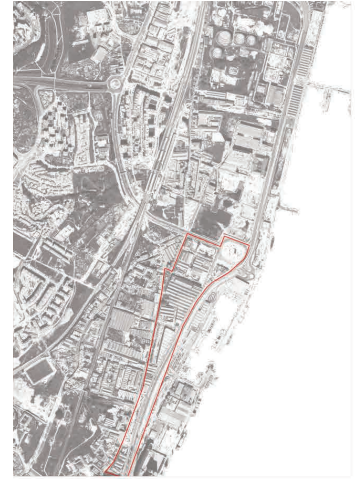
O perfil da frente ribeirinha de Marvila foi redesenhado ao longo dos tempos, roubando área ao rio. No diagrama seguinte conseguimos perceber a evolução do limite da terra com o rio.



planta de Marvila em 1904



planta de Marvila em 1950

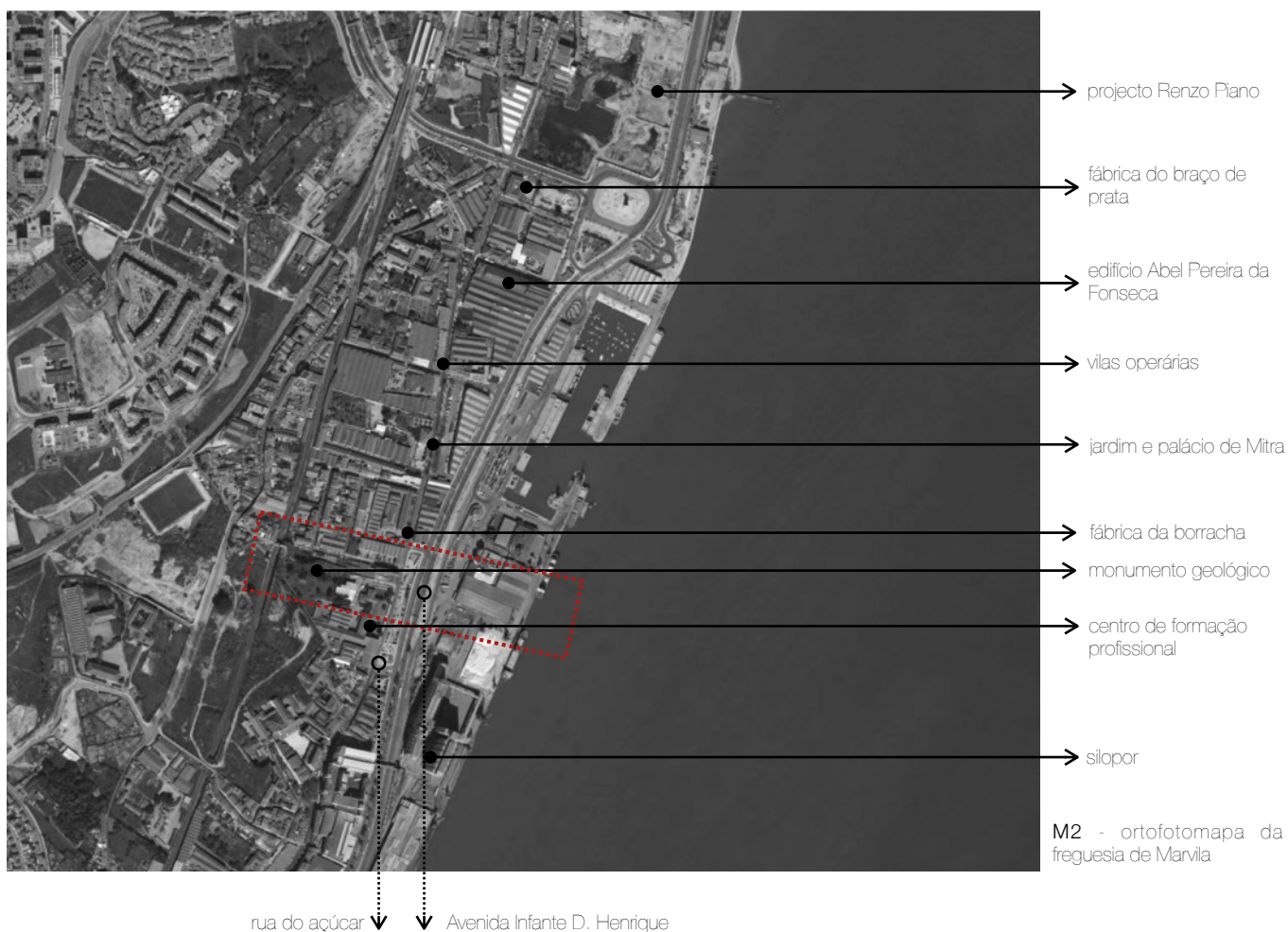


planta actual de Marvila

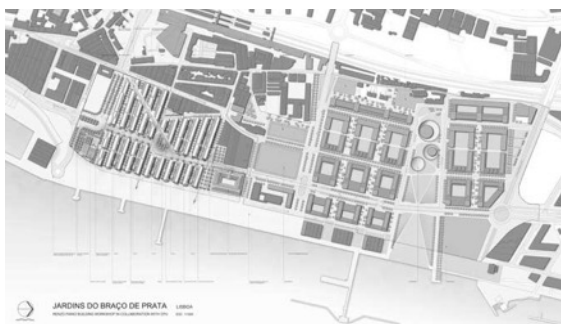


D1 - diagrama de evolução do território e edificado da frente ribeirinha de Marvila

Como já referido, Marvila é um território marcado por apontamentos arquitectónicos de grande valor, que estão na sua grande maioria deixados ao abandono mas que, ainda assim, dão personalidade a uma freguesia essencialmente industrial. Estes edifícios marcam cada um deles uma época, levando-nos por uma cronologia histórica.



Os terrenos a sul da tabaqueira (património do estado) serão lugar do projecto elaborado pelo arquitecto Renzo Piano¹ que pretende reformular a circulação viária da zona e aumentar as áreas habitacionais e de pequeno comercio.



F08



F09

F08 e F09 - desenhos do projecto do arq. Renzo Piano para o Braço de prata.

¹ 1937 - arquitecto italiano formado pela Escola de Arquitectura do Instituto Politécnico de Milão

A fábrica do braço de prata é actualmente um centro cultural privado que habita as antigas instalações da sede da fábrica militar do braço de prata; destaca-se pela sua arquitectura e valor histórico. Foi a maior fábrica de artilharia portuguesa e esteve activa até 1990. Do seu complexo industrial apenas restou o edifício sede.



F10

O edifício Abel Pereira da Fonseca (1910), projectado pelo arquitecto Norte Júnior², classificado como património da cidade de Lisboa, foi durante muito tempo um dos principais locais de trocas comerciais do porto de Lisboa e considerado a "catedral do vinho" pelos grandes armazéns, adegas e indústria de vinhos, licores e azeites. É um edifício marcante e estruturante do território, não apenas pela sua importância comercial e industrial, mas também pela sua arquitectura peculiar, principalmente ao nível da fachada. Os seus armazéns com coberturas de duas águas são um símbolo dos edifícios industriais de Marvila. Em 1910 tinha a fachada principal sobranceira ao Tejo e assentava numa estrutura que mergulhava ao rio. Junto ao edifício desenvolvia-se o cais privado da Abel Pereira da Fonseca, onde acostava a frota particular. Apenas em 1917 é construída a frente principal para o actual largo Leandro da Silva. Esteve activo até 1993 e foi reabilitado para um espaço de convívio temporário durante a Exposição Mundial de 1998.

F10 - fotografia aérea do complexo industrial da fábrica do braço de prata.

F11 - fotografia antiga do edifício Abel Pereira da Fonseca e o seu já não existente cais privado.

F12 - fotografia da fachada principal para o largo Leandro da Silva.



F11



F12

² 1878-1962 - arquitecto português formado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

Na Rua do Açúcar, em Marvila, encontramos duas das mais marcantes vilas operárias da freguesia: a vila operária pertencente à fábrica do açúcar que esteve activa até 1782, e a vila Pereira, da sociedade Santos Lima.



F13



F14

O palácio de Mitra foi edificado na quinta de Marvila nos finais do século XVII, e é um dos maiores marcos arquitectónicos de Marvila e da rua do Açúcar. Era inicialmente um palácio episcopal, e é hoje em dia a sede da ANAFRE, após ter sido o museu da cidade de Lisboa entre 1942 e 1979.



F15



F16

F13 e F14 - vilas operárias da rua do açúcar.
F15 - frente de rua do palácio de Mitra.
F16 - Jardins do Palácio de Mitra

A fábrica de borracha tem lugar num edifício característico da arquitectura modernista e esteve activa entre 1926 e 1980. Inseriu-se no programa de reabilitação "caminho do oriente" à data da Expo 98, e é actualmente propriedade da Sociedade Agrícola da Quinta da Freiria.



F17



F18

F17 - Sede da Fábrica de Borracha Luso-Belga.

F18 - armazéns da fábrica de borracha Luso-Belga

Elementos estruturantes do território de Marvila são também os dois principais eixos viários que atravessam a freguesia: a Rua do Açúcar e a Avenida Infante D. Henrique.

A Rua do Açúcar apesar de edificada desde 1763 como "rua direita para o beato", apenas aparece no edital da cidade em 1889. O nome deve-se à fábrica de açúcar refinado, existente na quinta do Bettencourt. Antes dos aterros e da consequente alteração do limite do território e contacto com o rio, era a rua que acompanhava a costa e onde tocavam as antigas praias.

A Avenida Infante D. Henriques, ou cintura do porto de Lisboa, é uma das maiores avenidas da cidade de Lisboa, que liga os concelhos a norte e o parque das nações ao centro da cidade. O seu nome foi escolhido em homenagem ao Infante D. Henrique, a figura mais importante do início dos Descobrimentos.

1.2. tejo

No século XVI, Portugal era a principal potência marítima da Europa, e Lisboa a principal "rótula" nas relações comerciais entre outros continentes e países europeus. Destacava-se não apenas comercial e financeiramente, mas também técnica, científica e demograficamente.

Nesta época, é clara a relação da cidade com o rio, pois é neste limite que reside a vida económica, política, social e cultural de Lisboa.

Lisboa como cidade ribeirinha é hoje memória quinhentista marcada pelos espaços urbanos ribeirinhos, pelo cadastro pela morfologia e toponímia directamente ligada aos lugares e vida da cidade.

Aquando da perda do monopólio marítimo de Portugal (século XVII), Lisboa perde a sua importância como cidade comercial reduzindo os investimentos na modernização da cidade. Este declínio financeiro e comercial que Lisboa enfrenta, tende a agravar-se com a crise trazida pelo terramoto de 1755. Vindicando a necessidade de pensar uma nova estrutura para a cidade, surge a intenção de ligar Lisboa ao seu interior, valorizando novas perspectivas, e assim, a preocupação de manter uma relação entre a cidade e o rio é deixada para segundo plano.

Com o tempo, deu-se prioridade à criação de novas infra-estruturas urbanas como construções de linhas e estações de caminho-de-ferro. Mais tarde, com um pensamento mais pragmático e funcional, optou-se por obras portuárias direccionados à indústria, desenhando um novo perfil ribeirinho para a cidade de Lisboa, que se via agora marcado por docas, aterros, acessos e armazéns. Os centros da vida urbana deslocaram-se para o interior através de novos eixos de transporte e afastando as áreas residenciais do Tejo. Este afastamento da vida social e urbana do rio foi reforçada pelos terrenos baratos e desqualificados disponíveis para actividades agora dependentes das linhas ferroviárias e marítimas e pelos planos urbanos dos anos 40, que destacaram a dicotomia entre a zona oriental de Lisboa (de indústria e proletariado) e a zona ocidental de Lisboa (residência, lúdica e turística).

Só muito recentemente se aceitou a ideia e a necessidade de devolver o rio à cidade, tanto por questões de qualidade de vida, como pela identidade da cidade. Sendo assim possível estimular o turismo e devolver a Lisboa a fama de uma das mais bonitas cidades ribeirinhas do mundo.

O primeiro projecto de grande escala a seguir este caminho foi o plano para a Expo 98. A selecção de Lisboa para a realização da exposição mundial de 1998, compôs a oportunidade para a concretização de um plano capaz de devolver o rio à cidade, deixando claras as intenções de relação das actividades e infra-estruturas com o Tejo. Destaca-se a ponte Vasco da Gama que veio ajudar a definir a nova paisagem da cidade ao marcar a sua faixa ribeirinha pela modernidade.

Lisboa usou a Expo 98 como motor para a requalificação da sua frente oriental e recuperação da cidade ribeirinha.

2. contemporaneidade

2.1. habitar contemporâneo

A habitação é, ainda, em grande parte, construída segundo os modelos de habitação moderna e apenas respondeu à pós-modernidade através da estética e sem inovações relevantes no que toca à concepção da forma, do espaço e da construção, deixando para trás as mutações essenciais que possibilitam o acompanhamento da contemporaneidade pela arquitectura.

Esta falta de resposta da arquitectura perante a contemporaneidade parece especialmente urgente quando percebemos que a habitação é a estrutura que esteve sempre mais próxima dos comportamentos sociais. A mutação dos hábitos de vida e rituais, bem como a alteração dos indivíduos e das famílias, deveriam obrigar a uma mudança constante do espaço habitacional, capaz de se adaptar às novas exigências. Assim, faz sentido através de uma reapreciação do presente (com atenção aos novos estilos de vida e necessidades contemporâneas), redefinir as premissas essenciais para, através de um estudo da habitação, se proceder à concepção de uma "célula habitacional".

Procuramos um modelo guiado por premissas, tiradas de uma análise social e arquitectónica, que sirva de solução para as necessidades actuais dos seus utilizadores.

Nas últimas décadas, a organização do espaço habitacional e os requisitos comuns de uma habitação pouco evoluíram, tornando as casas incompatíveis com as necessidades dos moradores. Apenas alguns aspectos funcionais foram corrigidos como a separação das zonas de circulação, de áreas de serviço e novas articulações entre serviços e zonas sociais.

Estas diferenças registaram-se nos anos 40 e 50, directamente ligadas à mudança do papel da mulher na sociedade e, por sua vez, em casa e na estrutura familiar. Ao ganhar a sua independência e reclamando a igualdade de direitos, a mulher conseguiu mudar a dinâmica familiar e a maneira da família tradicional viver o espaço.

Já não se justifica, agora, que a cozinha seja considerada apenas uma área de serviço e completamente separada do resto da casa, porque não é apenas da mulher a responsabilidade de "cuidar do lar". As tarefas domésticas passam a ser feitas em família e o momento da refeição, e até a sua preparação, passa a ser um momento de convívio familiar, o que justifica cozinhas com áreas mais generosas e/ou até directamente ligadas à sala, ou a outros espaços sociais e de convívio. Outra das poucas alterações nas tipologias habitacionais foi a exclusão do "quarto da empregada" característica das antigas habitações clássicas das grandes famílias de classe média ou alta.

No entanto, seria de esperar que nos dias de hoje a arquitectura da habitação já tivesse sofrido alterações mais relevantes e significativas na composição das tipologias (até quando comparada com outras áreas da arquitectura). (Canotilho, 2008)

Numa época onde a pós-modernidade dita os costumes, revelam-se novos pensamentos e comportamentos que proporcionam mudanças de valores.

Frente à necessidade económica, a mulher passa a trabalhar fora de casa para ajudar monetariamente, e com a sua inserção no mercado de trabalho torna-se fulcral o seu ingresso no universo académico, levando-a a passar mais tempo fora de casa e menos com a família. Com os dois pais fora de casa a trabalhar, as crianças passam a ficar ao cuidado de creches ou dos avós.

O avanço tecnológico passa a fazer intensamente parte do quotidiano das famílias, influenciando as relações e a comunicação familiar. As pessoas acabam por reformular os valores e o tempo despendido na família, bem como a sua privacidade-intimidade.

Numa sociedade contemporânea, na era da informação, da virtualização do mundo, numa época em que o tempo é tão rápido e que há tanto para fazer e em que tudo se quer pragmático, racional e funcional, é imperativo que as habitações sejam um instrumento útil na vida das famílias, que lhes proporcionem um estilo de vida actual e o conforto pedido por uma sociedade consumista e capitalista, mas, ainda assim, com as directrizes e limitações de uma sociedade que deve ser pragmática e reservada face ao contexto social e ambiental.

De um ponto vista mais prático e numa abordagem mais directa, as famílias querem casas com áreas capazes de abarcar as suas actividades, querem arrumação para as suas vidas, querem conforto, privacidade, querem estar perto e longe da agitação, querem exterior e interior ao mesmo tempo, querem o conforto do clássico, associado à exaltação do moderno com a tecnologia. Querem casas com condições para crescer uma família, ou talvez não, e apenas queiram uma casa onde possam viver sozinhos e trabalhar, casas que se adaptem ao seu dia-a-dia e espaços que os tornem mais produtivos e lhes poupem tempo num mundo em que tempo é o bem mais escasso.

Para isto é, também essencial criar uma relação directa entre o utilizador, o arquitecto e a arquitectura (é perceptível que o debate arquitectónico ignora tendencialmente o utilizador), e perceber que é necessária uma intervenção directa do utilizador na apropriação do espaço, especialmente no espaço habitacional. (Melo, 2013)

Deve fazer parte da consciência arquitectónica que a habitação deve introduzir possibilidades que ultrapassem os valores clássicos e tradicionais e focar-se no valor qualificativo do espaço a habitar, e é aqui que reside o grande desafio da arquitectura habitacional contemporânea.

“os modelos convencionais de habitação colectiva tendem para o seu esgotamento, configurando a necessidade de questionar e explorar diferentes alternativas de habitação, na tentativa de responder melhor aos actuais ‘estilos de vida’.”

(Melo, 2013)

Para compreendermos as necessidades habitacionais da actual população portuguesa é essencial compreender a evolução da estrutura familiar.

2.1. estruturas familiares

Na segunda metade do século passado, através das várias influências sociais, políticas e económicas, e a par do aparecimento de uma perspectiva sobre as questões de género, a família passou por transformações acentuadas.

A condição feminina foi-se modificando e concomitantemente houve mudanças no papel masculino, que geraram reformulações na relação conjugal e, evidentemente, na relação entre pais e filhos.

Este e outros factores vão-se agregando e contribuindo para que a estrutura tradicional familiar não seja a única forma de relacionamento familiar, deixando espaço a novas configurações.

“Com o aparecimento de novas tecnologias que passam a fazer parte do quotidiano das pessoas, mais rapidamente novos comportamentos são adquiridos, surgindo novas necessidades e expectativas.”

(Helena Hintz, 2001)

Uma profunda mudança de comportamentos familiares e individuais obrigam a repensar a forma de fazer habitação e os conceitos necessários para medir estas novas realidades.

Na observação e análise da evolução da estrutura familiar (tradicional- pai, mãe e filhos), verificamos que de uma estrutura hierárquica, a família tende para uma estrutura de igualdade. Em famílias hierarquizadas havia uma relação distante entre pais e filhos, a aproximação física como manifestação de afecto era contida e resguardada; este afastamento era reflectido na organização do espaço da casa que separava os espaços que os adultos usavam dos espaços das crianças.

A família também registou alterações no que se refere ao número de membros da estrutura. No início do século, a família era um sistema extenso onde conviviam pais, filhos, avós, tios, primos, outros parentes afastados ou por afinidade e empregados. A partir do meio do século XX, a família é preferencialmente uma família nuclear onde apenas convivem no mesmo espaço (habitação) pais e filhos. Assim, esta família nuclear passa a habitar sozinha um espaço, que tendo em conta a simplificação da estrutura familiar pressupões também a simplificação do espaço de habitar.

E agora, é importante clarificar alguns conceitos e perceber que os núcleos familiares já não se resumem a famílias clássicas (associadas a relações conjugais heterossexuais e paternais/maternais).

Os núcleos familiares podem ter várias configurações, para além da família nuclear tradicional: grupos de pessoas da mesma família de sangue, relações conjugais heterossexuais ou homossexuais, uniões consensuais, famílias monoparentais ou reconstituídas, casais sem filhos por opção, famílias unipessoais, filhos adultos que moram com os pais. (Casimiro, 2011)

A família sofre tantas transformações que torna-se essencial aceitar novos comportamentos, ideias e valores. Os conceitos de família e núcleo familiar constituem elementos fundamentais no projectar da habitação e revelam as relações entre as várias pessoas dentro de uma habitação e a sua relação com o espaço.

Perceber os novos núcleos familiares e as necessidades intrínsecas ao seu estilo de vida é fulcral na concepção de modelos tipológicos habitacionais capazes de acompanhar a sociedade contemporânea.

3. intenções

Para a conclusão das premissas essenciais à concepção do módulo habitacional, foram seleccionados vários exemplos de arquitectura de habitação em Portugal. Segue-se uma breve análise às obras que nos permita perceber como contribuíram na evolução do desenho da habitação, que melhorias apresentam e que inovações trazem. O objectivo é retirar directrizes de forma a conceber uma tipologia que resulte na melhoria da qualidade de habitar, não só construtiva mas também constitutiva, estética e qualitativamente.

3.1. habitação

_ Bairro das Estacas

Os edifícios habitacionais do Bairro das Estacas, cuja construção terminou em 1955, da autoria dos arquitectos Ruy D'Atouguia³ e Formosinho Sanches⁴, criaram um marco na arquitectura portuguesa, não só por ter sido a primeira obra encomendada pela Câmara Municipal de Lisboa a arquitectos exteriores, mas também por ter sido a primeira proposta moderna em Alvalade. Moderna pela implantação, pelo desenho dos edifícios e pelo equilíbrio do desenho entre a estrutura e a estética. O conjunto transforma o espaço interior do quarteirão num jardim público aberto, eliminando a separação do espaço exterior privado e público e a dicotomia frente / traseira.

“O objectivo era implantar blocos de habitação sobre um jardim”
(Formosinho Sanchez, 1974)



F19 - fotografia aérea do bairro das estacas - 1954

F20 - fotografia do alçado poente dos blocos habitacionais

Cada prédio tem 8 habitações (de um piso nos 2 primeiros andares e *duplex* nos superiores). os pisos superiores estão apoiados em pilotis no piso térreo que abrem o interior ao espaço público. No entanto, a clara modernidade representada no desenho das fachadas não se difundiu para o interior, que

³ 2006 - arquitecto português formado pela Escola de Belas Artes do Porto

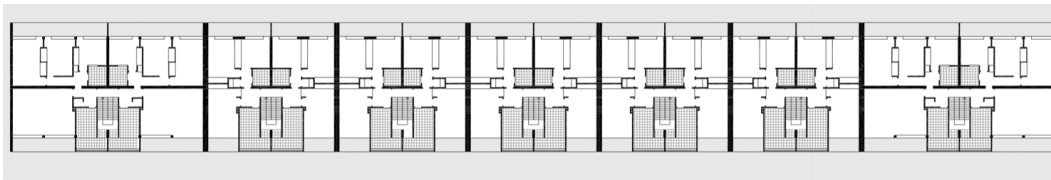
⁴ 1922-2004 - arquitecto português formado pela Escola de Belas Artes de Lisboa

mostram, ainda, uma tipologia muito clássica. O desenho dos lotes não apresenta nenhum tipo de avanço na habitação urbana.

As tipologias apresentam áreas mínimas e o tradicional zonamento diurno / noturno mantém-se tal como a separação da zona comum das áreas de serviços e de estar.

As inovações tipológicas são essencialmente é a introdução das varandas que caracterizam toda a fachada e prolongam para o exterior as salas e quartos, criando espaços de transição entre o exterior e o interior e a introdução da tipologia dúplex, que não era até aqui adoptada.

No que toca a construção dos blocos são seguidos os princípios modernos de Le Corbusier com a influencia da arquitectura moderna brasileira: a independência estrutural, os pilotis e a janela em comprimento. Apesar da exploração plástica, a variedade de matérias e técnicas construtivas foi pouco inovadora.



F21



F22



F23

F21 - planta do piso 1 dos blocos habitacionais do bairro das estacas

F22 - aproximação da planta do piso 1 dos blocos habitacionais do bairro das estacas

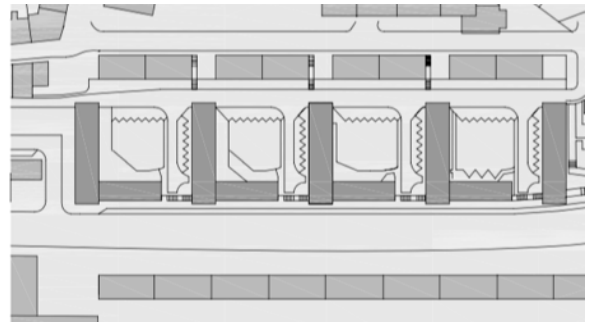
F23 - perspectiva dos espaços exteriores colectivos entre os blocos habitacionais

_ Conjunto habitacional na Avenida Infante Santo

O conjunto de edifícios na Av. Infante Santo data 1953 e foi dos primeiros projectos em Portugal a cargo de um colectivo, formado pelos arquitectos Alberto Pessoa⁵, Hernani Gandra⁶ e Abel Manta⁷. O projecto foi prémio municipal de Arquitectura, capa da exposição de arquitectura portuguesa (com lugar em Londres), publicada em revistas e seleccionada na publicação da Pelikan Books " The new architecture in Europe"⁸.



F24

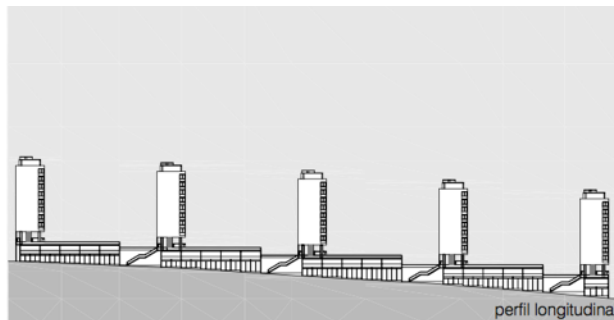


F25

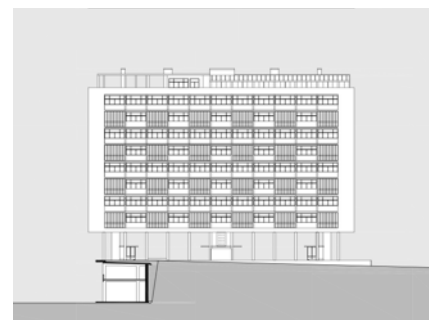
O projecto, delimitado por duas frentes de via e inserido em duas faixas de terreno, consegue articular a sua forma com a morfologia do sítio.

A noroeste o edifício desenvolve-se paralelamente á Avenida (com os espaços de comércio e serviços) e a Sudoeste, devido à topografia, organiza-se perpendicularmente à via (edifícios de habitação).

É um projecto que segue os requisitos urbanos modernos e aclama os princípios da carta de Atenas.⁹



F26



F27

F24 - Conjunto de edifícios da Av. Infante Santo

F25 - Planta de implantação do conjunto de edifícios da Av. Infante Santo

F26 - perfil longitudinal a partir da Avenida

F27 - Alçado Sudoeste

O plano revela-se inovador pela sua organização, não só em função da rua corredor mas, principalmente, pela orientação solar, pelos espaços públicos exteriores verdes, criados pela construção em altura e pelo respeito da morfologia do terreno segundo as normativas modernas que evita o estrangulamento das vias.

⁵ 1919-1985 - arquitecto português formado pela escola de Belas Artes de Lisboa

⁶ 1914-1988 - arquitecto português formado pela escola de Belas Artes de Lisboa

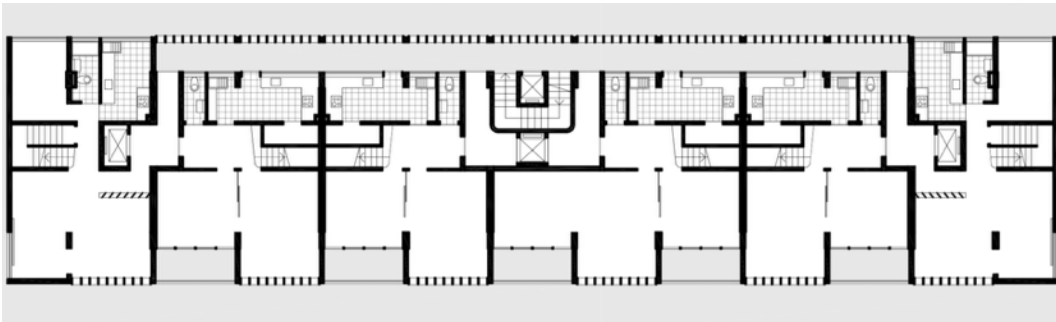
⁷ 1888-1982 - arquitecto português formado pela escola de Belas Artes de Lisboa

⁸ George Everard Kidder Smith, 1962, Penguin editora

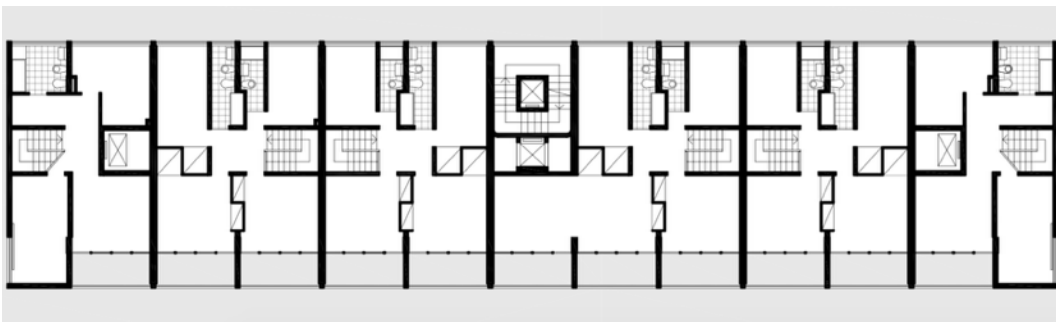
⁹ Carta de Atenas: manifesto urbanístico resultado do Congresso Internacional de Arquitectura Moderna - Atenas 1933

O conjunto assume dois níveis: o urbano, onde resolve as questões formais e funcionais essenciais à estrutura da Avenida, marcando a estrutura de rua com a frente de quarteirão; e a relação com a natureza, através dos parques a cotas superiores que se desenvolvem no interior de quarteirão sobre a cidade mas, ainda assim, refugiado da agitação urbana.

Os edifícios habitacionais do conjunto desenvolvem-se ao longo de 8 níveis sobre *pilotis*, organizam-se numa sequência de 6 tipologias dúplex, cujo acesso é feito pelo piso inferior através de uma distribuição esquerdo/direito.



F28



F29

F28 - Planta dos pisos de habitação 2, 4, 6 e 8
F29 - Planta dos pisos de habitação 1, 3, 5 e 7

O fogo divide-se entre os espaços diurnos (sala e cozinha), junto á entrada, e a zona nocturna, no piso superior (quartos). Tendo em conta a orientação solar do edifício, os espaços de estar e quarto estão orientados a Sudoeste e os espaços de serviços e quarto da empregada orientados a Nordeste (sentido de organização que não foi tida em conta na projecção do caso de estudo anterior - o bairro das estacas).

A compartimentação segue a modulação estrutural que guia a organização interna dos apartamentos. Assim no interior temos os espaços de comunicação e infraestruturas, enquanto, todos os outros espaços de estar se encontram numa relação mais estreita com o exterior. Esta relação, a par da consequente iluminação, ditam o funcionalismo e estética modernos, e à semelhança do Bairro da Estacas, prolongam os quartos e salas através de varandas que garantem iluminação, ventilação e uma maior privacidade.

Apesar de uma estrutura organizacional do interior das tipologias ainda muito clássica / tradicional e quase burguesa, existem pequenas variações que permitem alguma "elasticidade de utilização", como a possível utilização do quarto da empregada como um escritório ou a utilização dos painéis de correr e divisória formadas com armários passíveis de ser retirados para um espaço mais amplo.

_ Conjunto de edifícios na Avenida do Brasil

Jorge Segurado¹⁰ foi o arquitecto responsável pelo projecto do conjunto habitacional na Avenida do Brasil, que teve início em 1956, e que se traduziu na edificação de oito edifícios de habitação colectiva no limite Norte do plano de Alvalade.

O projecto revoluciona uma via tradicionalmente marcada por habitações unifamiliares e equipamentos de grande escala ao implantar-se numa sequência organizada de edifícios perpendiculares à via intercalados por espaços verdes, demonstrando os princípios urbanos modernos aliados às estruturas da cidade-jardim.

“O problema da habitação é, antes de tudo um problema de urbanismo... e nestas circunstâncias tem de se pôr de parte o velho hábito de traçar ruas sem a preocupação inicial de implantar higienicamente os edifícios de habitação colectiva.”

Jorge Segurado, 1948



F30 - Vista do conjunto habitacional na Avenida do Brasil

As directrizes da modernidade reforçam-se com a orientação solar dos edifícios (que deixa de ser definida pela traçado da rua para seguir o padrão modernista - nascente / poente) e com o desenho dos espaços verdes abertos para o espaço público, articulando percursos entre os edifícios e a Avenida.

¹⁰ 1808-1990 - arquitecto português formado na Escola de Belas Artes de Lisboa

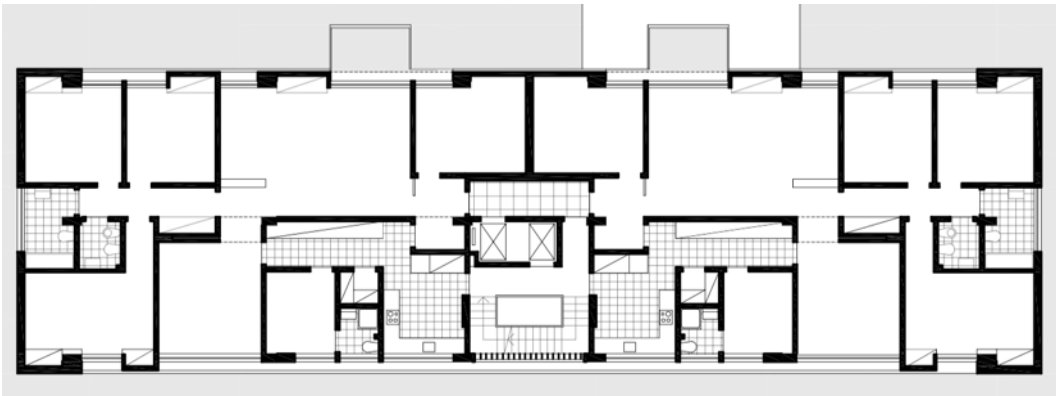
Na realidade, o objectivo de libertar o espaço no piso térreo acabou por se desvanecer na sua concretização, pelo condicionamento da presença de acessos verticais, arrumos e casa do porteiro, comprometendo em parte os percursos, atravessamentos, acessos e até os espaços verdes. Os passeios contínuos aos edifícios são pouco comunicativos com os espaços sob os *pilotis*, que, por sua vez, ficam, também, comprometidos pela necessidade da utilização do espaço para o estacionamento automóvel.

Os edifícios, originalmente concebidos com um piso térreo e cinco pisos superiores, acabaram por ganhar dois pisos extra, o que devido aos afastamentos e proporção do espaço entre edifícios, traz consequências de iluminação nos pisos mais baixos e cria momentos de tensão nos espaços verdes.

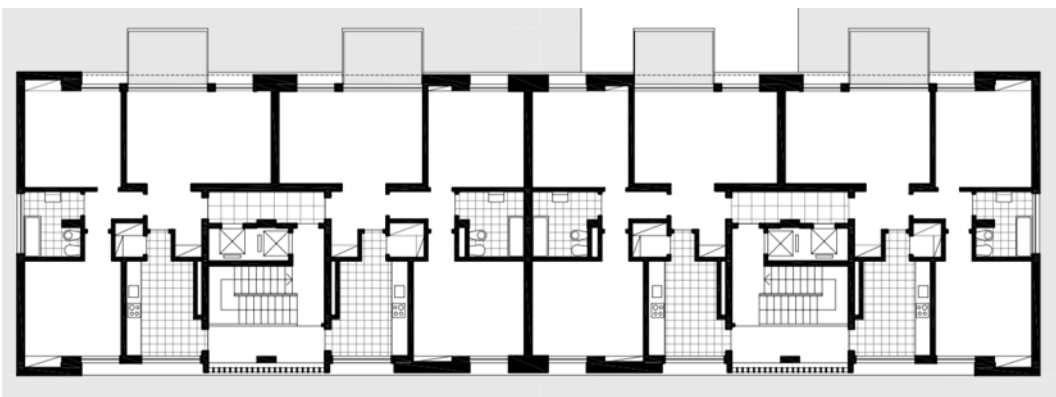


F31

No que se refere às tipologias dos apartamentos, o conjunto apresenta apenas duas variações. Uma opção mais espaçosa destinada a famílias grandes, com vários filhos e empregada residente (F32); e uma outra de áreas mais reduzidas para pequenas famílias de filhos únicos (F33). Ambas as variações respondem aos códigos burgueses da população.



F32



F33

F31 - Perfil Norte do conjunto
F32 - Planta tipo A
F33 - Planta tipo B

Os fogos orientam a norte/nascente os espaços mais representativos e a sul/poente os serviços e cozinha.

As cozinhas são pequenas, sem espaço para refeições, e fica clara a sua identidade de espaço laboratorial.

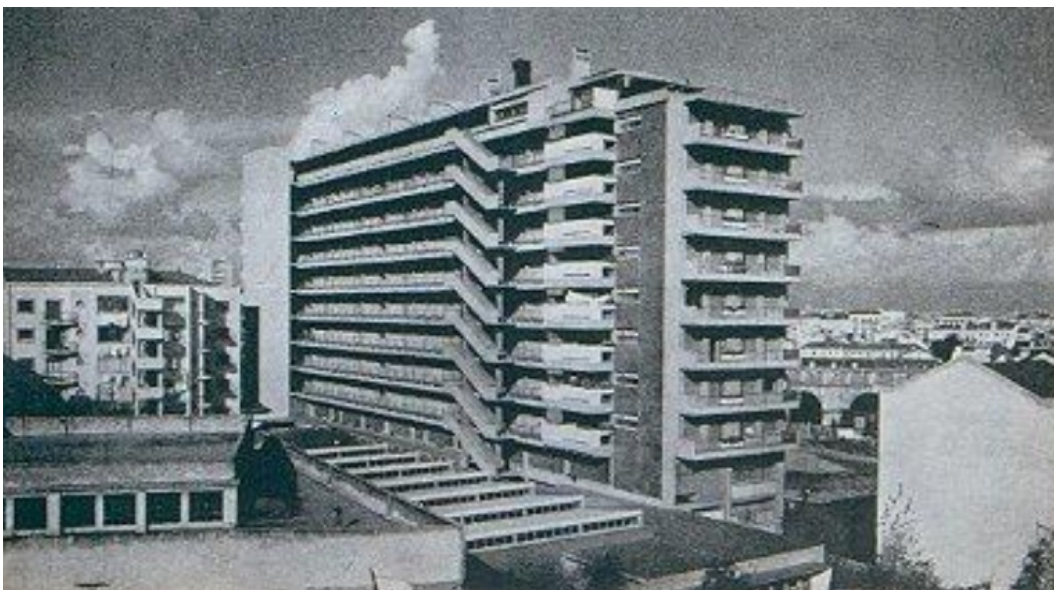
As principais inovações modernistas do projecto são a secundarização das escadas, dando a preferência ao elevador como acesso principal, a utilização das coberturas como espaços de lavagem e secagem de roupa individuais, sistemas de ventilação natural das instalações sanitárias, conduta central para recolha de lixos, tectos falsos para as instalações, armários embutidos e painéis de correr.

A sua expressão formal segue algumas das características modernas, como as varandas em consola, as janelas rasgadas na horizontal, áreas envidraçadas e caixas de escadas com grelhas pré-fabricadas.

_ Bloco das águas livres

Projecto dos arquitectos Nuno Teotónio Pereira¹¹ e Bartolomeu Costa Cabral¹², cuja edificação data de 1953, representa um dos primeiros momentos da arquitectura portuguesa em que se dominam as diferentes escalas associadas à cidade moderna. Esta modernidade reflecte-se na proposta urbana, no programa, na distribuição, na expressão estética e nas técnicas construtivas.

A obra foi homenageada em duas exposições: uma primeira vez na exposição de artes plásticas da Gulbenkian e na exposição "Contemporary Portuguese Architecture", foi também, exaltada por Nuno Portas¹³ e seleccionada por "The new architecture in Europe."¹⁴ É hoje património cultural.



F34 - Fotografia do Bloco das águas livres

O Bloco foi construído para a Companhia de Seguros Fidelidade e destinava-se a grupos sócio-económicos favorecidos. Fazia parte de um plano urbano do arquitecto Manuel Tainha¹⁵, que nunca chegou a ser completado (na realidade apenas o Bloco das Águas Livres e a praça chegaram a ser construídos) e as soluções posteriores em nada respeitaram o plano inicial.

A orientação do bloco, por limitação das pré-existências que o envolvem, não segue as premissas modernas: os apartamentos estão orientados a nascente e as galerias a poente.

¹¹ 1922-2016 - arquitecto português formado em arquitectura pela Escola de Belas-Artes de Lisboa

¹² 1929 - arquitecto português formado em arquitectura pela Escola de Belas-Artes de Lisboa

¹³ 1934 - arquitecto português formado em arquitectura pela Escola de Belas-Artes do Porto

¹⁴ "The new Architecture in Europe", G E Kidder Smith , Pinguin Books

¹⁵ 1922 - arquitecto e professor português formado em arquitectura pela Escola de Belas-Artes de Lisboa

É de destacar o envolvimento do arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles¹⁶ que foi o responsável pelo desenho dos exteriores e zonas de contacto com os limites do lote.

F35 - Planta de implantação do projecto construído

F36 - Vista da galeria de acesso às lojas comerciais



F35



F36

Apesar do uso da galeria como solução para os acessos e dos serviços e infra-estruturas colectivos, não era objectivo do projecto um sentido de vida comunitária, uma vez que a população a quem o projecto se destinava não favorecia a colectividade, mas sim um equilíbrio entre os princípios da modernidade e o sentido de uso dos futuros moradores.

Numa plataforma acima da cota da rua encontram-se os espaços comerciais e a entrada principal para o bloco; à cota de rua temos a entrada da garagem e o jardim infantil. O edifício é constituído por doze pisos, dos quais o primeiro destinado a escritórios e a partir do segundo habitação. Em cada piso habitacional existem sete apartamentos (esquerdo/direito) com tipologias entre o t1 e o t4+1. Na cobertura para além dos acessos de serviço e da casa do porteiro, localizam-se os ateliers para artistas.

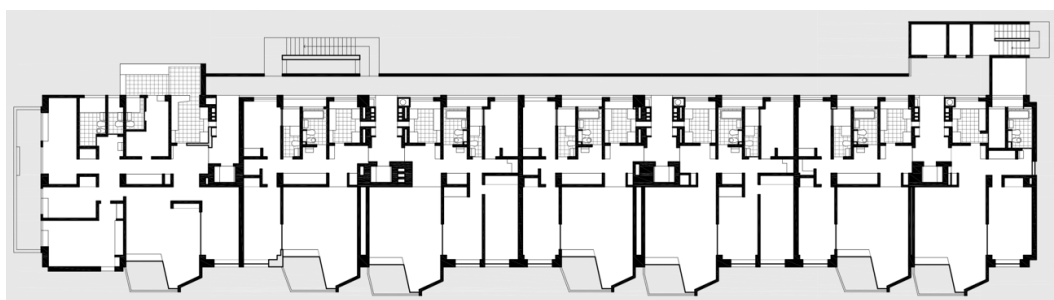
O bloco garante todos os serviços segundo os critérios e necessidades características de uma vida moderna: áreas de apoio colectivo, jardins, salas de festas, casa de porteiro, monta-cargas, lavandaria, central de aquecimento das águas para consumo e aquecimento da temperatura ambiente, zonas de serviço e de recolha de lixos.

As tipologias questionam em parte a habitação burguesa e procuram, até certo ponto, uma economia de espaço e um programa funcional à altura de uma casa moderna.

¹⁶ 1922 - arquitecto paisagista, ecologista e político português formado no instituto superior de agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

A entrada é feita por um pequeno hall que distribui para todos os compartimentos do apartamento (tanto áreas sociais como de serviço). A área central da casa é a sala, marcada por uma ampla janela e por uma porta de correr que permite o seu ampliamto ou uso do espaço contíguo como mais um quarto, um escritório ou uma zona de refeições. À imagem dos casos de estudo anteriores, a cozinha revela-se com uma zona laboratorial sem espaço para refeições e, no caso das tipologias de maior dimensão é sugerido um quarto de emprega que abre para a fachada poente.

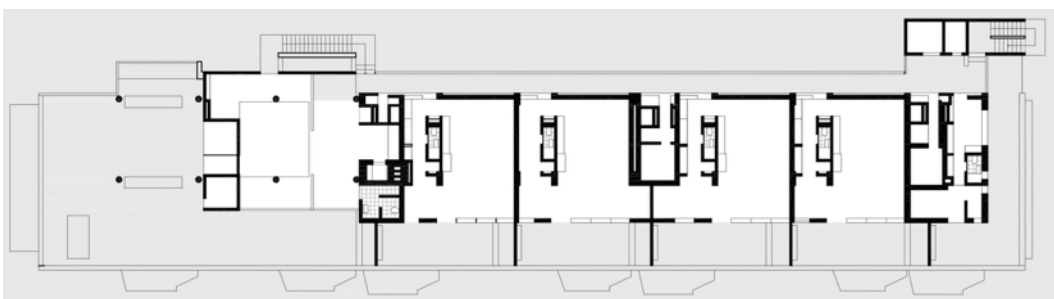
As tipologias menores apresentam maior flexibilidade funcional ao contrário das maiores, que pelo desenho mais definido e fechado do espaço revelam um uso mais tradicional.



F37



F38



F39

F37 - Planta do piso de habitação.
F38 - Tipologias (por ordem: T4+1 ; T1+1; T2+1; T0+1)
F39 - Planta da cobertura (ateliers para artistas)

O desenho do projecto é caracterizado por duas premissas: o desenho dos espaços pela sua função, pelo seu uso; e o desenho pela construtividade e pelos materiais aliados às técnicas modernas.

No que toca à linguagem estética, a fachada poente tem uma expressão mais horizontal, marcada pelos jogos de luz e sombra, enquanto, a nascente é reforçada pelas linhas verticais dos planos de parede pintados e pelo alinhamento vertical das varandas.

Os espaços comuns estão preenchidos de apontamentos de obras de arte criados pelos maiores artistas da altura (Almada, Cargaleiro, entre outros).

F40



F40 - Vista do hall de entrada
F41 - Vista da fachada norte
com o volume das escadas
F42 - Vista da fachada nascente
com as varandas dos espaços
de estar

F41

F42

_ Blocos de habitação em Olivais Norte

Edificados em 1964 e projectados pelos arquitectos Artur Pires Martins¹⁷ e Palma de Melo¹⁸, os edifícios inserem-se no plano geral de Olivais Norte. A sua implantação desfasada (por questões de insolação e ritmo) segue as indicações do plano, a morfologia do terreno e cumpre o programa. O piso intermédio entre a rua e as habitações garante as articulações entre o espaço exterior e interior e permite as suas exigências funcionais, servindo também de varanda colectiva com uma relação directa com o jardim.

Os blocos, apesar de terem a mesma solução, adaptam-se individualmente ao terreno, criando situações particulares.

F43



F44



F45

F43 - Vista da fachada sudoeste dos blocos de habitação

F44 - Vista da fachada noroeste dos blocos de habitação

F45 - Planta de Implantação dos blocos de habitação

¹⁷ 1914 - arquitecto português formado pela Escola de Belas-Artes do Porto

¹⁸ 1922 - 2003 - arquitecto português formado pela Escola de Belas-Artes de Lisboa

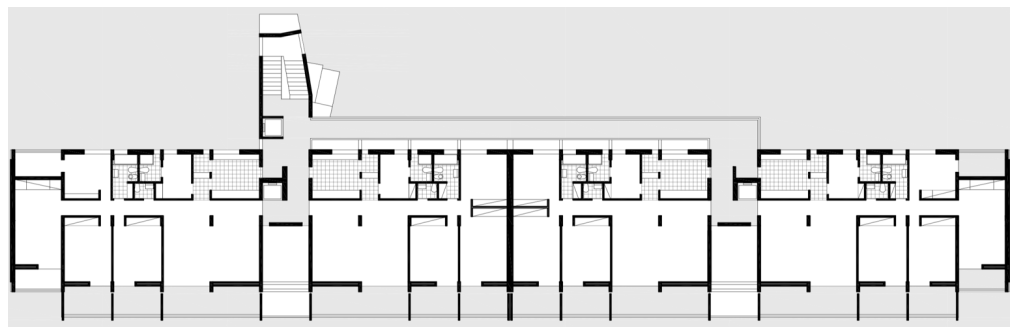
O conjunto é um bom exemplo das virtudes de um espaço urbano-arquitectónico moderno, onde o espaço verde ocupa mais de metade da área construída.

A habitação segue a estrutura modular e resulta numa organização sistematizada.

Os acessos são feitos por três núcleos de escadas (um deles com elevador) que se articulam com uma galeria que permite a distribuição a dois espaços de entrada para os apartamentos num esquema de esquerdo/direito.

Os apartamentos têm um corredor central que separa as zonas de serviço das zonas de estar, e que são por sua vez algo flexíveis, através de painéis de correr que permitem a compartimentação ou ampliação do espaço entre as zonas de entrada, estar e circulação. Assim, a sudoeste desenvolvem-se as salas e quartos principais (sempre com varandas), enquanto a noroeste localizam-se a cozinha, áreas de serviço, instalações sanitárias, quarto de empregada e por vezes um terceiro ou quarto quarto (com vãos pontuais e diversificados, protegidos da galeria por grelhas horizontais).

As principais inovações destas tipologias são: a porta de correr que divide dois dos quartos a sudoeste, que permite a criação de um espaço de maiores dimensões; o sistemas de vãos dos quartos para as varandas que permite regular luz, ventilação e privacidade; os armários embutidos dos quartos que não se prolongam até ao tecto, criando o espaço suficiente para o surgimento de uma janela que permite a iluminação natural do corredor.



F46



F47

F46 - Planta do piso tipo de habitação

F47 - Planta das duas variantes tipológicas a maior (à esquerda) e a menor (à direita)

3.2. reflexão

Na procura de um desenho arquitectónico habitacional mais aberto e adaptado a um estilo de vida contemporâneo é preciso aceitar que a informação não deve ter como fonte apenas a arquitectura mas sim muitas outras áreas disciplinares, como a sociologia, a antropologia e a tecnologia.

“ A prática do ensino da arquitectura tem-nos permitido interrogar a forma como habitamos, onde habitamos e qual a relação entre a habitação e os modos de vida. “

(Rui Ramos, 2002)

Constatamos vários problemas relativos às transformações da casa que incluem questões de relação exterior/interior e questões de organização interna. Por exemplo, a necessidade da dilatação da habitação sobre o espaço exterior, através do redimensionamento de varandas (à imagem do espaço exterior contínuo característico da casa térrea), dando os benefícios de uma habitação tradicional aos moradores de tipologias urbanas. E, ainda, as tipologias rígidas constantemente reproduzidas (t2 e t3), com poucas transformações e incapazes de se identificarem com os novos estilos de vida. Este esgotamento dos modelos de habitação levantam questões objectivas apresentadas por Rui Ramos¹⁹ em 2002 que vão de encontro com a tese aqui defendida:

É necessária a separação rígida entre zonas de quartos e de estar? Não existirão alternativas que possibilitem diferentes apropriações e usos do espaço? Justificar-se-á, ainda, a compartimentação da cozinha dos espaços sociais, numa altura em que as tarefas domésticas são partilhadas, que os momentos culinários fazem parte dos rituais contemporâneos e configuram também momentos de convívio? Fará sentido continuar a concentrar na sala as formas de estar quando cada vez mais o quarto ganha importância numa sociedade individualista? Será essencial continuar a “desperdiçar” área valiosa em corredores e halls num ambiente que tende a ser gradualmente mais híbrido?

Este tema não se esgota nestas questões de hierarquização do espaço, é importante ter em conta questões relativas ao trabalho e às novas tecnologias que a pouco e pouco entram no nosso quotidiano, tendendo a alterar as estruturas habitacionais, os comportamentos domésticos e consequentemente a maneira como vivemos o espaço. São exemplo da modernização dos comportamentos domésticos como influência na habitação a “transformação tecnológica da cozinha pré-equipada” e o “número crescente de instalações sanitárias”.

É, também, importante referir que as directrizes portuguesas para o desenho da habitação se baseiam numa regulamentação²⁰, cuja primeira publicação data de 1951. Interrogamo-nos se uma regulamentação baseada nos hábitos do século XX (que normaliza dimensões, organização e constituição dos vários espaços da habitação) permite uma intervenção arquitectónica contemporânea.

¹⁹ no artigo " A nossa casa, 44, piso 12, ap 136: dois pontos para outras formas de habitar"

²⁰ RGEU (regulamento geral das edificações urbana)

3.3. desafio

Com o evoluir dos tempos fica evidente que a habitação registou uma estagnação na sua organização interior. Os arquitectos não tiveram em conta as alterações sociais, os diferentes estilos de vida, os novos hábitos domésticos (reflexo das novas tecnologias e condições de trabalho), o que resultou em modelos habitacionais rígidos funcional e espacialmente.

As tipologias correntes de habitação revelam-se rígidas e pré-definidas (nas áreas, na compartimentação, na hierarquização e nas composições espaciais) por influência de um pensamento científico, programático, racional e funcionalista, característico da primeira metade do século XX.

A habitação é, ou deveria ser, um reflexo das condições/mudanças sociais, laborais e tecnológicas da sociedade e para garantirmos essa correspondência de exigências com a arquitectura de habitação (quantitativa e qualitativamente); é preciso ter em mente três premissas: Flexibilidade; adaptabilidade; desierarquização.

Estas premissas permitirão uma concepção mais aberta do espaço, capaz de acompanhar a evolução do ciclo de vida dos moradores ou, até mesmo, a mudança de necessidades pela vinda de novos moradores com um diferente estilo de vida. Para isto, é necessário adquirir um desenho tipológico mais flexível, a fim de obter uma casa que permite diferentes usos e apropriações, capaz de se adaptar, não só à mudança do estilo de vida dos moradores, como às mudanças a nível de estrutura familiar, à aquisição de novas estruturas, actividades e equipamentos.

Para esta flexibilidade de espaço é preciso repensar as formas tradicionais de organização interior, repensar as dimensões, as relações entre os espaços e os equipamentos adjacentes. Um espaço só terá flexibilidade se a sua forma e área for versátil, se o seu uso for ambíguo. E essa ambiguidade está directamente ligada às relações de comunicação entre os vários espaços e à importância hierárquica que lhe é dada. É preciso perder a hierarquização dos espaços na concepção da habitação para que esta seja flexível.

A ambiguidade na concepção dos espaços permite que o seu uso seja definido pela necessidade dos utilizadores e não pelas características permanentes de um compartimento.

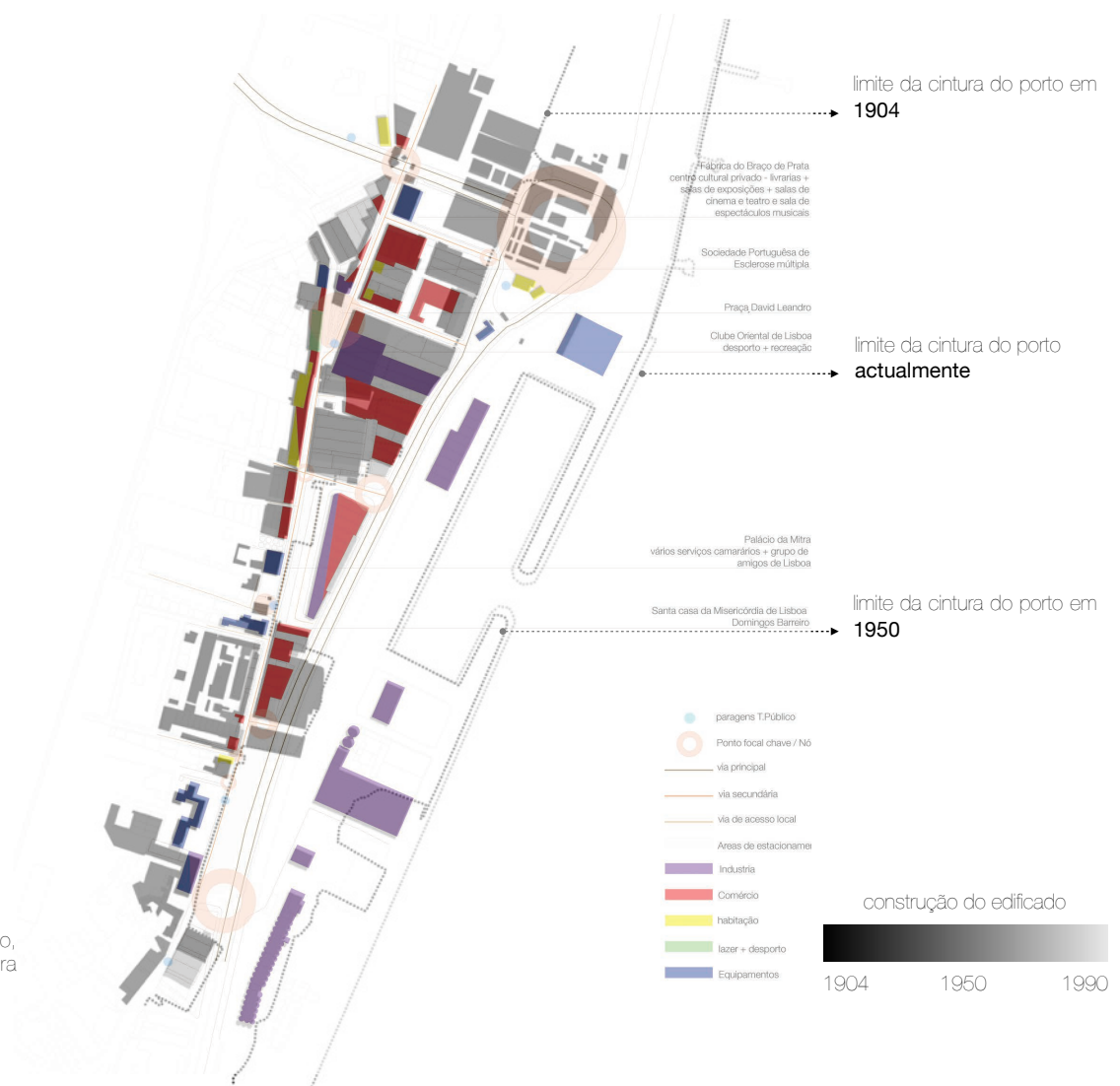
A par da ambiguidade de espaço, é com a desierarquização que se torna possível a flexibilidade de uma tipologia, através de propostas que apresentem formas e dimensões equivalentes que constituam um uso aberto, e assim permitam diferentes modelos de vida doméstica.

Numa forma mais objectiva e prática, após esta análise pelas necessidades de uma população contemporânea, podemos listar várias estratégias a ter em conta para uma habitação contemporânea adequada:

- otimizar as soluções para os espaços de serviços, como instalações sanitárias, cozinhas e arrumos, de forma a poupar área em benefício dos espaços de estar; a organização destes espaços em bandas ou núcleos de serviços também permite uma poupança de recursos e infra-estruturas;
- permitir a possibilidade de transformar os interiores através do recurso a moveis e elementos passíveis de ser retirados, movidos ou alterados;
- evitar a descaracterização dos espaços de circulação ao atribuir-lhe áreas mais generosas que permitam a sua apropriação multifuncional;
- projectar espaços com áreas e formas que permitam ao utilizador a sua própria atribuição de usos entre quartos, salas de estar, de refeição e escritórios, conforme as suas necessidades;
- prever espaços de arrumação (não só de alimentos e produtos de limpeza mas também de tecnologias (equipamentos, objectos e livros) que são em grande parte negligenciados e, ainda assim, essenciais do ponto de vista do utilizador; estes espaços deveriam ser localizados perto das zonas de estar;
- projectar espaços de estar que permitam uma comunicação aberta e directa com as zonas de refeição, cozinhas e quartos;
- utilizar instalações eléctricas nas cozinhas, em substituição das comuns instalações de gás, por serem mais seguras (principalmente em soluções open-space) e mais económicas;
- instalar, especialmente em soluções arquitectónicas com coberturas planas que figuram as condições ideais, painéis solares e equipamentos que tornem a habitação auto-sustentável;
- prever a pré-instalação de estruturas de telecomunicações e redes informáticas, bem como de um maior número de tomadas, que evitem a praga de cabos e adaptadores que sufoca a casa (estas estruturas podem ser ocultadas nos rodapés e pavimentos).

4. proposta

Como já referido anteriormente, este estudo foi lançado inicialmente pelo tema "A cidade como antro-po-urbis, Lisboa" e que numa primeira fase se focou numa análise urbana e histórica da freguesia de Marvila. Esta análise teve como resultado final uma série de diagramas que são seguidamente apresentados.



D2 - diagrama do edificado, respectivos usos e estrutura viária

Numa primeira abordagem e a uma escala maior, como desenho urbano e antropológico, interpretou-se a freguesia de marvila e a sua relação mais ou menos aproximada à cidade de Lisboa.

Foi feito um estudo prévio do edificado que se relaciona com o espaço público e de como este contribui para os propósitos urbanos e a para a continuidade da sua estrutura, bem como para um quotidiano actual.



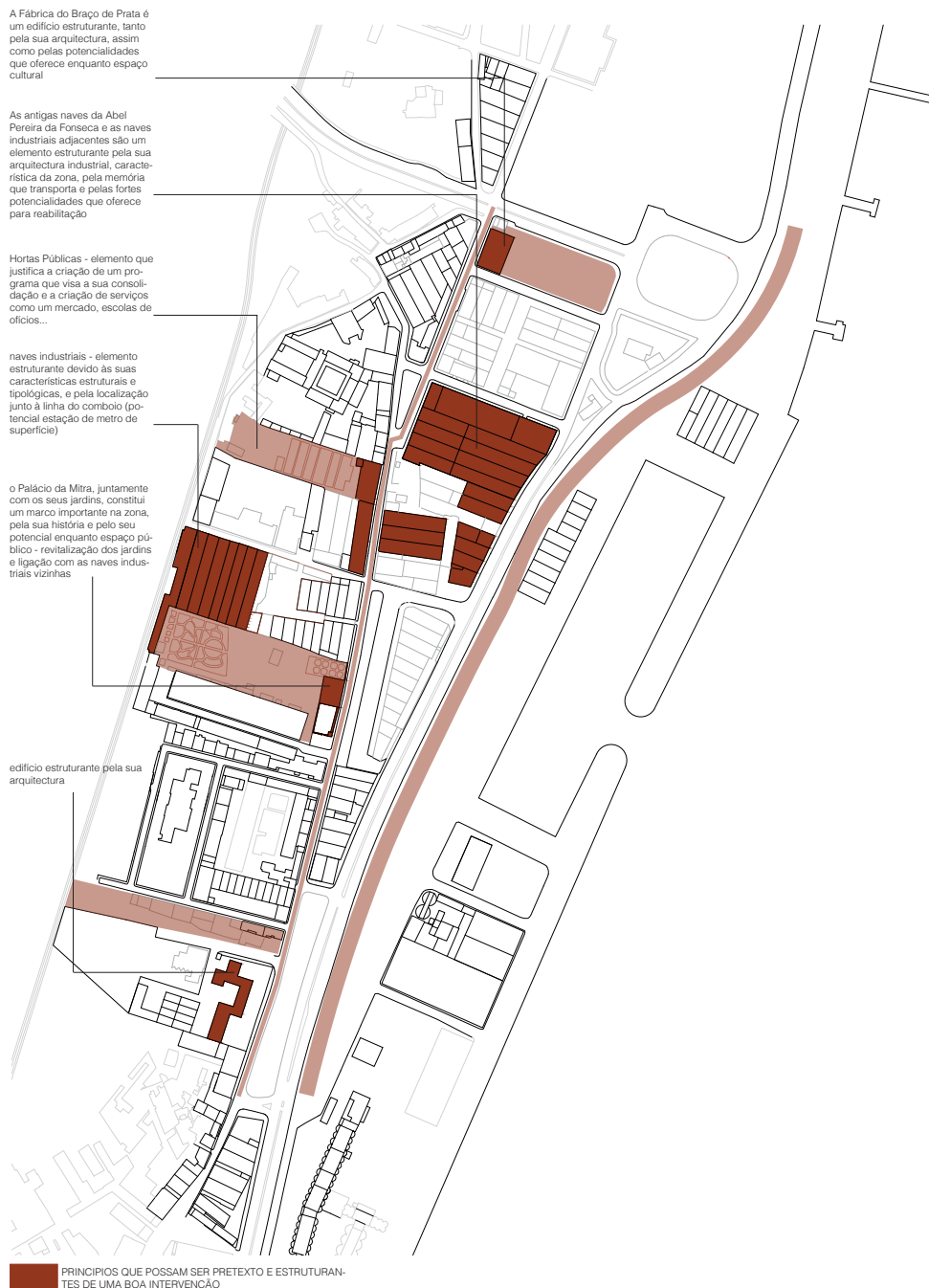
D3 - diagrama de detecção de situações e elementos

A primeira premissa no desenvolvimento desta proposta de intervenção foi a revitalização de uma zona anteriormente industrial, que se mostra agora como uma faixa intersticial e fragmentada entre a zona antiga e a zona nova da cidade.

A proposta procura criar uma estrutura urbano-arquitectónica que envolva o edificado pré-existente, a estrutura e malha urbana, bem como as necessidades locais e requisitos contemporâneos, uma estrutura que permita a revitalização de uma zona abandonada e que sirva de núcleo difusor e atractivo de e para uma cultura contemporânea Lisboaeta.



D4 - diagrama de articulação entre situações e elementos dispersos pelo território



D5 - Diagrama de identificação e proposta de princípios estruturantes e a sua relação com as situações e elementos existentes.

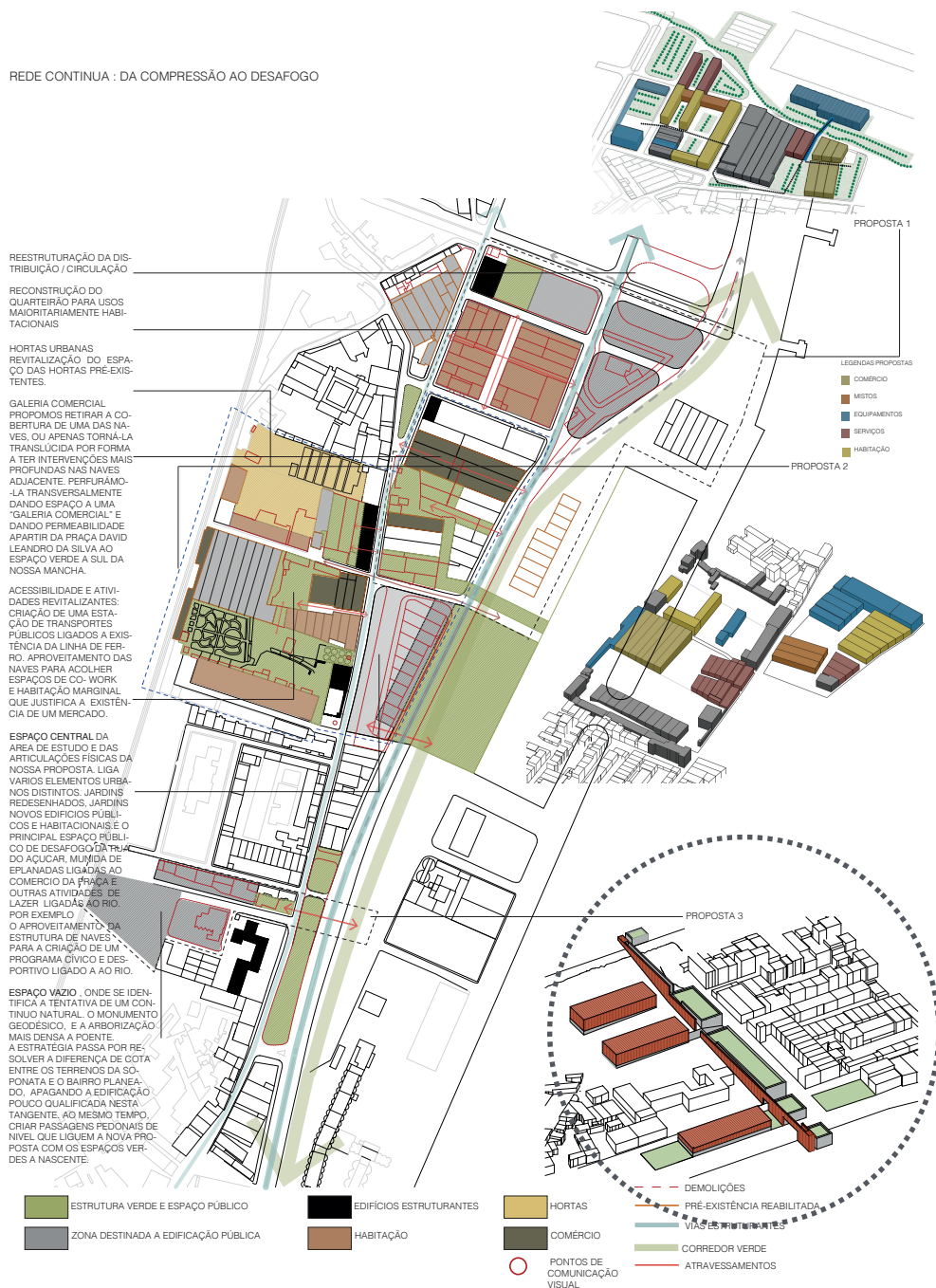
A segunda premissa da proposta, e a uma escala mais aproximada, revela uma preocupação e interesse pessoal desenvolvido ao longo do estudo da arquitectura: a habitação. E, mais uma vez, é de referir o conceito de contemporaneidade. É objectivo deste projecto o estudo de um modelo contemporâneo, de uma ou mais tipologias habitacionais capazes de responder às necessidades actuais da sociedade portuguesa, que se inclua neste organismo arquitectónico que é proposto.

4.1. proposta urbana

O desenvolvimento da proposta urbana teve duas fases.

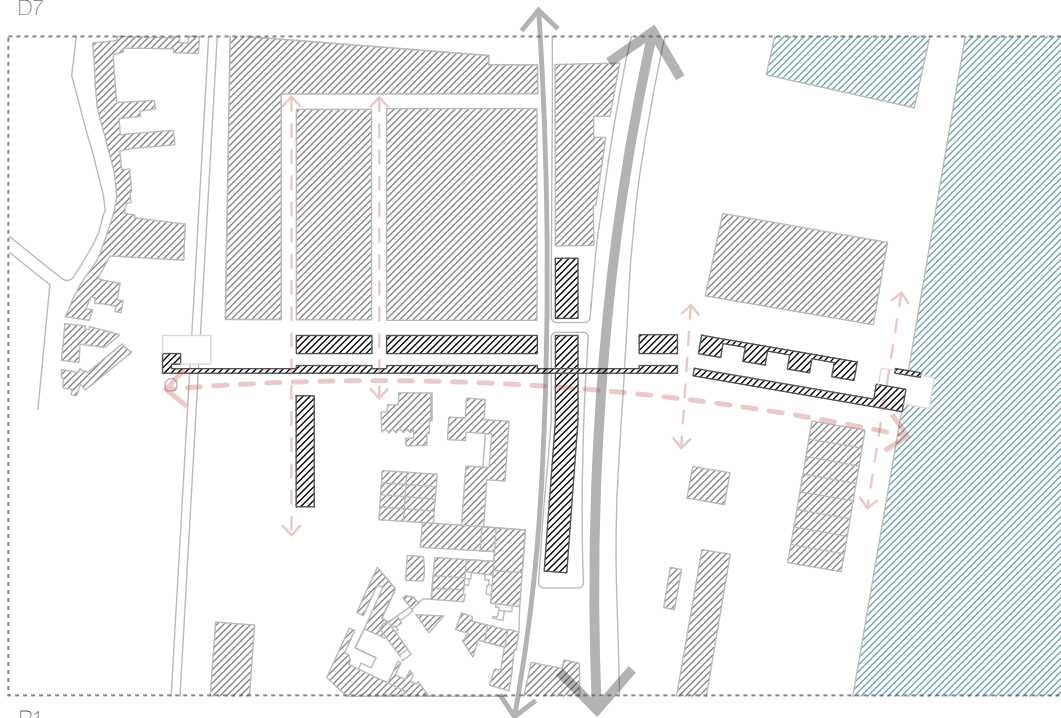
Primeiro, em grupo, desenvolveu-se um desenho mais global e sintético, com base nas análises e estudos anteriores, do qual resultou um diagrama conceptual (D6), que se concentra em três momentos de intervenção, com vista à requalificação na frente ribeirinha de Marvila.

A intervenção desenvolvida neste trabalho corresponde à proposta 3, aqui ainda apresentada como uma proposta em estudo, e desenvolvida no diagrama à frente (D7). No diagrama conceptual da proposta já podemos identificar preocupações mais aproximadas ao território, envolvente, alinhamentos e implantações.



D6 - Diagrama conceptual e ideias de projecto

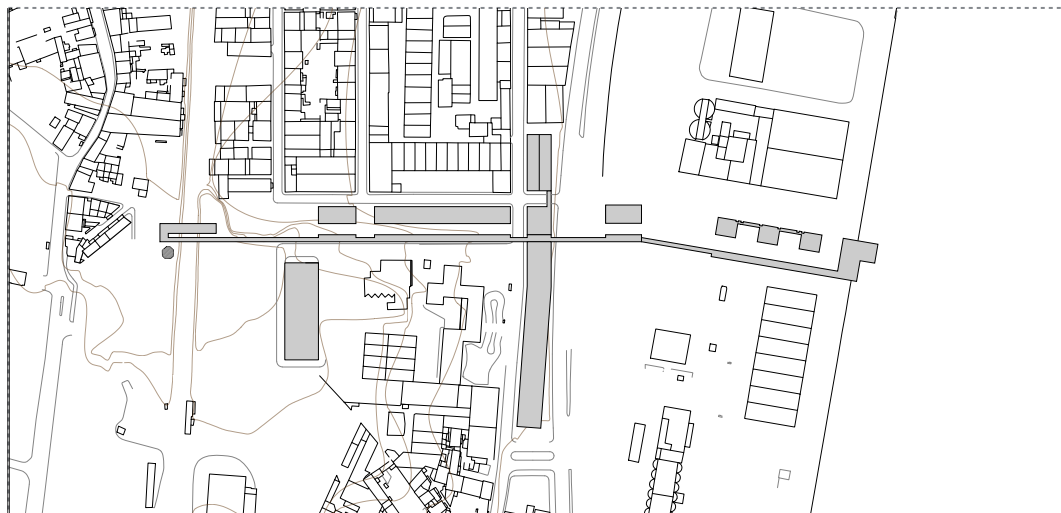
D7



P1



P2



D7 - diagrama conceptual da proposta de intervenção. O objecto "urbano-arquitectónico" procura responder às necessidade de percurso, atravessamento e estruturação urbana, através da integração com edificado pré-existente e alinhamentos urbanos e viários, deixando-os claros e funcionais.

P1 - planta de proposta de demolições

P2 - planta de proposta do novo edificado

O desenho da proposta urbana apresentada teve como ponto de partida a identificação de problemas, potenciais e oportunidades do território em estudo. Os passos seguidos que lançaram o desenho urbano inicial foram: problemas; objectivos; estratégia; programa; inserção; articulação.

A área em questão foi seleccionada por ser uma zona de transição entre Marvila antiga e Marvila moderna e por, assim, fazer sentido marcar, através um "edifício charneira", a transição entre uma malha urbana antiga fragmentada e uma malha mais ou menos ortogonal, fruto de um pensamento urbano modernista.

Os principais problemas identificados na área foram: um monumento geológico negligenciado; a não articulação entre as diferentes cotas de Marvila (há uma diferença de 30 metros de cota entre cada extremo do terreno); os percursos pedonais são escassos, precários e perigosos; sequência de terrenos baldios desqualificados desintegrados da estrutura urbana; uma freguesia desactivada e desqualificada.

Após a identificação das principais problemáticas, da morfologia do terreno e das características da estrutura urbana e edificado envolvente, foram definidos os objectivos do projecto: recuperação do monumento geológico; reaproveitar a pegada de um quarteirão degradado e desqualificado, cuja implantação tem um papel importante no desenho urbano da área de intervenção; unificar uma freguesia fragmentada; criar ligações e articulações eficientes e seguras entre as várias cotas e zonas de Marvila; qualificar e integrar uma sequência de terrenos baldios na estrutura urbana; reactivar a relação da cidade com o rio; criar um momento difusor de actividades e vida capaz de ressuscitar a freguesia.



V.6 - construções degradadas e edificado desqualificado cuja demolição é prevista, no entanto o seu limite é decisivo, como referência na limitação da implantação da proposta, pela coerência do traçado urbano e delimitação do quarteirão.



V.7 - espaço intersticial / vazio espectante / área urbana desqualificada. Pela sua localização e pela falta de estacionamento na zona, é utilizado como estacionamento improvisado. Propõe-se um estacionamento semi enterrado de acesso à cota da estrada a este (à esquerda) com uma cobertura verde de acesso público à cota da estrada a oeste (à direita).



V.8 - Estrada de acesso local a ser aproveitada e continuada para o acesso às Moradias.



V.9- Reestruturação e re-organização do trânsito automóvel e respectivas paralelas. Proposta de demolição com vista organização do mesmo num terreno próximo, em benefício do percurso.



V.1 - construções ilegais e degradados



V.2 - mirante e construções ilegais a oeste da linha do caminho de ferro



V.3 - actual atravessamento sobre o caminho de ferro com o terreno da proposta à esquerda



V.4 - vista sobre Marvila à cota 30 (o ponto mais alto da proposta) após o atravessamento + Valorização do potencial paisagístico em benefício do percurso pedonal público



V.9 - Local na Avenida Dom Henrique para a nova construção e re-localização do espaço público proposto.



V.10 - Terreno de implantação da ponte a oeste e a vista sobre o rio a este.



V.11 - Zona este do terreno, entre a Avenida Dom Henrique e o rio, onde é proposto um observatório e o novo corredor verde, como também parte do percurso.



PE1 - painel de estudo 1 - Contexto Urbano, Envolvente e proposta Conceptual:

Painel desenvolvido no início do desenvolvimento da proposta arquitectónica, com base no diagrama conceptual D7.

O painel apresenta um registo do percurso pelo terreno de implantação, com uma análise das características, dos potenciais, das lacunas e pontos de interesse do território.

Apresenta, também, uma proposta inicial do programa; da implantação dos vários edifícios e respectivos usos.



V.5 - Alinhamento da linha do caminho de ferro / vista este sobre o rio.



V.5 - monumento geológico e a relação com o espaço urbano envolvente. A resolver: o toque do construído com o natural | + maximização do potencial natural e a sua integração numa estrutura verde com uso lúdico público

A oeste desenhou-se um miradouro à cota 30, que marca a entrada num edifício-ponte. Este edifício é o articulador e elemento conector de todos os edifícios que configuram a proposta e prolonga-se até ao rio. Vem substituir umas escadas precárias que para garantirem o acesso à cota inferior invadiam agressivamente o monumento geológico. Permite as ligações e acessos entre as diferentes cotas e "anula" os obstáculos que lhe são transversais, como o caminho de ferro, e a Avenida, ao mesmo tempo que possibilita uma vista desafogada sobre o monumento, que é por sua vez recuperado e inserido numa estrutura verde de uso público e recreativo.

O edifício ponte, para além de garantir as comunicações verticais e horizontais, para uma boa mobilidade da população, alberga uma zona de estudo e trabalho para os estudantes/moradores da zona. É o elemento central de um conjunto de edifícios com diferentes programas e que a ele se anexam formando um conjunto urbano-arquitectónico com um programa diversificado

O programa propõe uma série de opções habitacionais, que despertem o interesse de uma população contemporânea, e uma estrutura de equipamentos de proximidade que suportem e atraiam novos moradores. Prédios de habitação com comércio no piso térreo ajudam a definir a frente de rua e a fechar o quarteirão, paralelamente ao edifício-ponte e mantendo a pegada original do quarteirão; Uma banda de moradias é desenhada transversalmente à estrutura principal e orientada de forma a aproveitar a vista sobre o rio, numa zona até agora abandonada, a oeste da Rua do Açúcar.

Prevê-se a utilização do terreno baldio de terra batida, entre a Rua do Açúcar e a Avenida Infante D. Henrique, para a edificação de um silo automóvel capaz de resolver o estacionamento da zona. Este edifício prevê, na sua cobertura, um espaço público exterior destinado à realização de feiras, que articularão com um outro edifício proposto a norte que, por sua vez, receberá um mercado de frescos. A este é proposto um observatório, uma zona de restauração e um miradouro que se lança sobre o rio, num conjunto que agora se orienta perpendicularmente ao rio, facilitando a orientação e integração de futuras estruturas na envolvente.

Com consequência da implantação da proposta e para uma melhoria da organização do trânsito automóvel e da estrutura urbana, propõem-se alterações no desenho das vias públicas, com reestruturações na rodovia, estacionamentos e passeios públicos.

O conjunto proposto obedece aos vários alinhamentos, frentes de rua e malha estrutural, procurando, assim, uma articulação, não só com os vários elementos que o compõe, mas, também, com a envolvente, e uma inserção ponderada consequente da morfologia do território.

4.2. proposta tipológica

Apartamentos do edifício colectivo

As tipologias habitacionais representam a principal preocupação deste projecto, e são o resultado da pesquisa e estudo apresentado ao longo deste documento.

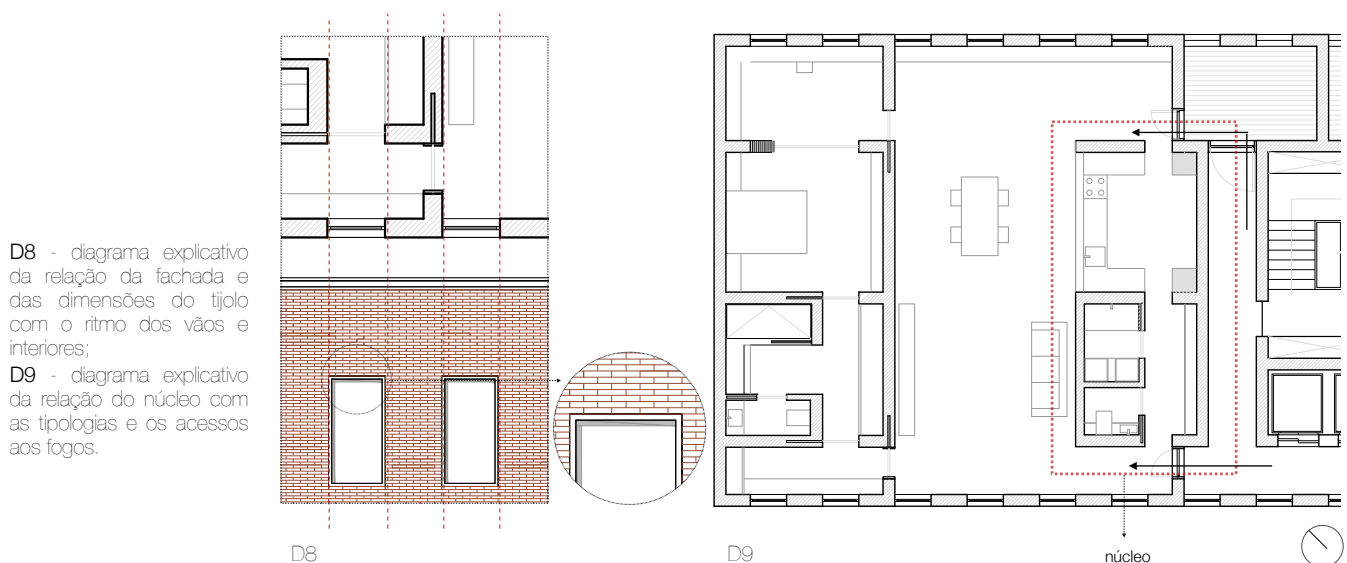
Tendo como base as premissas que resultaram da reflexão apresentada e já referidas no capítulo "3.3 - desafio" (pág. 33) foi desenvolvido um modelo base (de tipologia T2), do qual é possível, através da adição e subtracção de módulos, a configuração de tipologias T0, T1, e T3.

O modelo é desenhado tendo como base módulos múltiplos de 0,23m (medida convencional do tijolo de burro tradicional - material escolhido para o revestimento das fachadas), resultando num ritmo de fachada com vãos de 0,92m (5x0,23) de largura. Como consequência da altura do tijolo (0,05m) os vãos são desenhados com 1,80m de altura.

Assim, esta métrica serviu de base para o desenho dos módulos, de toda a estrutura e organização do edifício que acaba por apresentar, ao nível da fachada, uma estética reveladora da arquitectura racionalista italiana²¹.

Com o objectivo de otimizar as infra-estruturas, foi desenhado um núcleo de serviços, que configura uma caixa dentro do espaço de estar e que inclui a cozinha com uma ligação directa com a sala e a zona de refeições, uma zona de lavandaria, uma instalação sanitária (perto da entrada e da sala) e uma zona de armários para armazenamento de comidas. Este núcleo é comum a todas as tipologias (com algumas variações dimensionais - nas tipologias maiores o núcleo torna-se mais largo) e através da observação do diagrama na planta 5 (P5) torna-se clara a preocupação com a organização de todas as infra-estruturas numa banda central ao longo de todo o edifício (representado no diagrama a cinzento).

Os apartamentos têm duas entradas: uma a nordeste que é feita através de uma varanda, é uma entrada secundária e utilitária; e a entrada principal, a sudoeste, que permite um acesso directo ao núcleo e conseqüentemente á cozinha e à sala de estar, sem desaproveitamento de espaço.



²¹ Arquitectos do Racionalismo Italiano: Giuseppe Terragni (1904-1943); Adalberto Libera (1903-1063); Antonio Sant'Elia (1888-1916)



Os módulos dos quartos identificados a castanho (P6) seguem a métrica anteriormente explicada e possibilitam a apropriação do espaço de várias formas. O acesso ao quarto pode ser feito pelo corredor a sudoeste, que está desenhado de forma a receber módulos de arrumação por baixo dos vãos e, assim, maximizar o aproveitamento do espaço; ou através dos vestíbulos desenhados a nordeste que podem ser zonas de estudo, trabalho ou lazer; no fundo, o seu uso está dependente da escolha e necessidade dos moradores (P8). Estes vestíbulos fazem parte do módulo do quarto e podem comunicar, tanto como com a zona de dormir correspondente ou com o vestíbulo do modulo seguinte, através do uso, ou não uso, dos painéis de correr.

Resumindo, cada módulo de quarto tem dois acessos possíveis, uma zona de dormir, uma zona de estar passível de varias apropriações, uma zona de arrumos, zona de vestir e instalação sanitária.

- P3 - Diagrama das circulações verticais;
- P4 - Diagrama das tipologias;
- P5 - Diagrama dos espaços húmidos (instalações sanitárias, lavandarias e cozinhas);
- P6 - Diagrama dos módulos dos quartos;
- P7 - Diagrama das zonas de estar;
- P8 - Diagrama com das zonas exteriores e de contacto com o exterior.





As tipologias crescem com o acrescentar de módulos de quartos e com o aumento de área do núcleo central das infra-estruturas. (P4)

- P9 - Planta tipo do T2
- P10 - Planta tipo do T1
- P11 - Planta tipo do T3
- P12 - Planta tipo do T0

Legenda:

- 0 - escadas
- 0' - elevador
- 1 - varanda
- 2 - cozinha
- 3 - lavandaria
- 4 - instalação sanitária
- 5 - despensa
- 6 - zona de estar
- 7 - zona de arrumos / acesso aos quartos
- 8 - zona de guarda-roupa
- 9 - instalação sanitária
- 10 - zona de dormir
- 11 - zona de trabalho / acesso aos quartos
- 12 - closet / escritório / berçário

A zona de estar (P7) atravessa o apartamento para uma melhor iluminação natural e para uma relação próxima com as várias zonas da habitação. Dependendo da utilização dos painéis de correr, que separam a sala dos vestíbulos a nordeste e dos corredores a sudoeste, é possível controlar a privacidade dos quartos e a ampliação do espaço de estar, que apresenta áreas generosas capazes de incluir não só uma área de estar, como de refeições e leitura. É também garantida uma ligação visual com a cozinha, a favor do convívio familiar durante o tempo da refeição e da sua confecção.

Uma varanda a nordeste permite, não só uma entrada secundária, como uma potencial zona de secagem de roupa, ou uma zona de lazer e refeição próxima da sala e da cozinha.

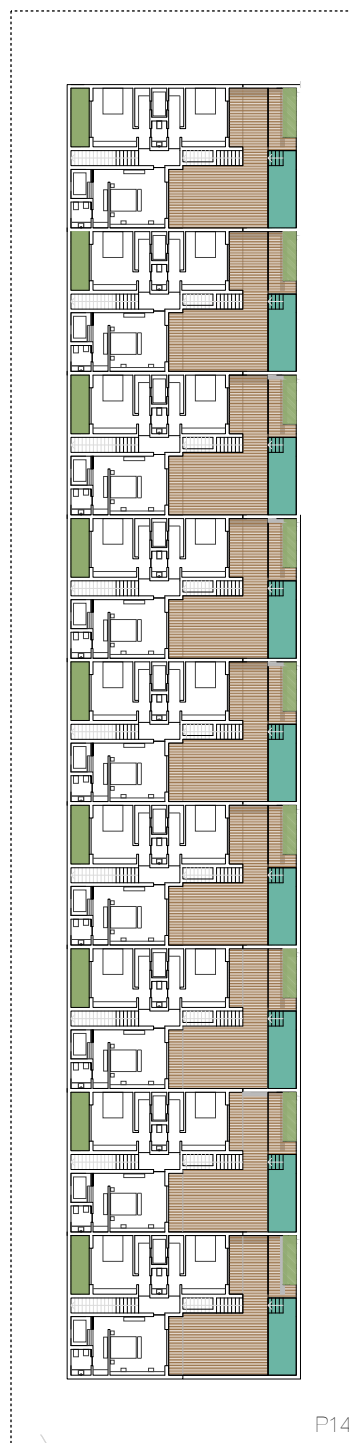
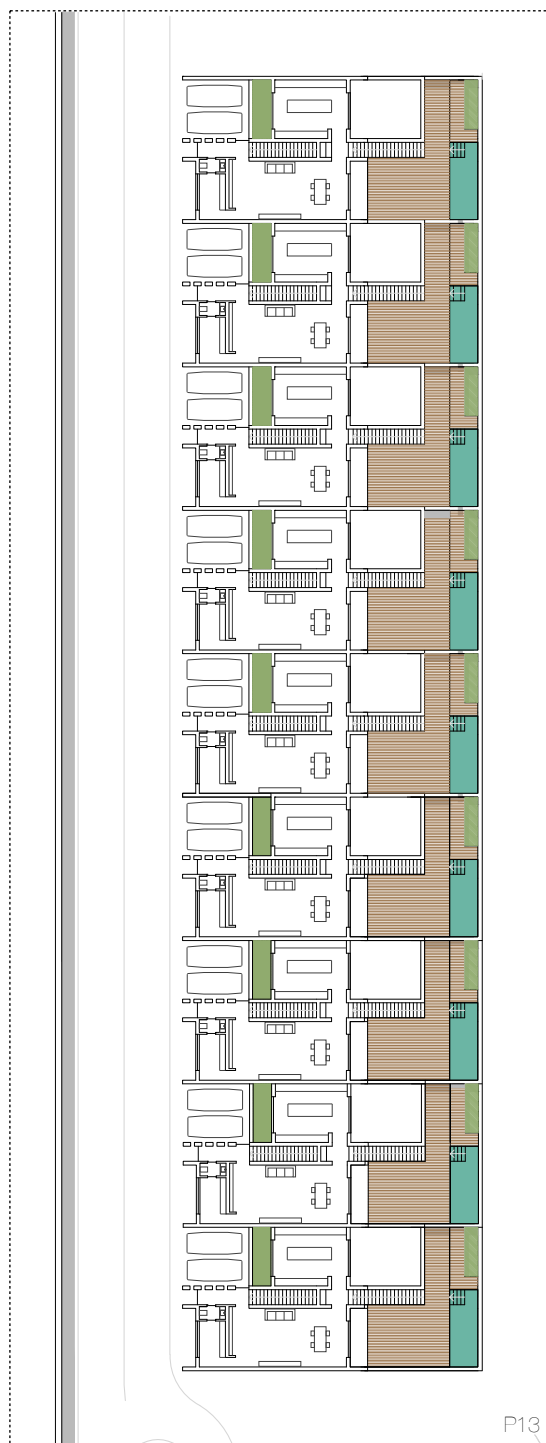
As casas de banho dos quartos apresentam algumas variações, mas seguem sempre o mesmo conceito; a separação da zona da sanita da zona do banho, bem como uma zona extra de lavatório, de forma a tornar mais eficiente a sua dinâmica de utilização e para um maior conforto.

Moradias

As moradias seguiram um conceito diferente dos apartamentos. A métrica já não está limitada pelos múltiplos das medidas do tijolo e conseqüentemente as fachadas não seguem um ritmo tão rigoroso.

As moradias tiveram como objectivo o aproveitamento da vista sobre o rio, do vazio verde da envolvente e da morfologia do terreno.

De forma a possibilitar o desafogo dos espaços sociais e de estar sobre o rio Tejo e a vista da cidade, tendo em conta as cotas do terreno e o seu declive, foi necessário trazer estes espaços para o piso superior e, assim, fazer o acesso às moradias pela cota mais elevada. Conseqüentemente os quartos ganharam lugar no piso inferior com uma relação directa com o jardim.



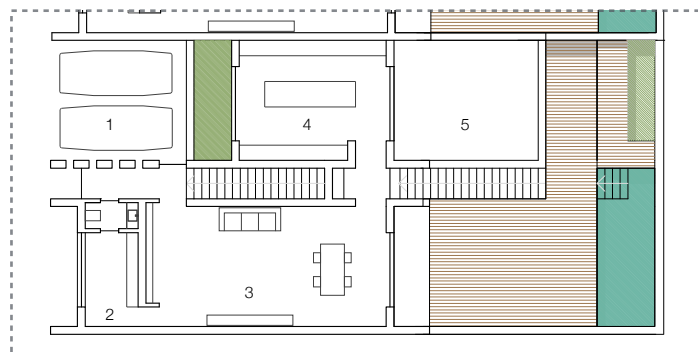
P11 - Planta do piso 0 da banda de moradias;

P12 - Planta do piso -1 da banda de moradias.

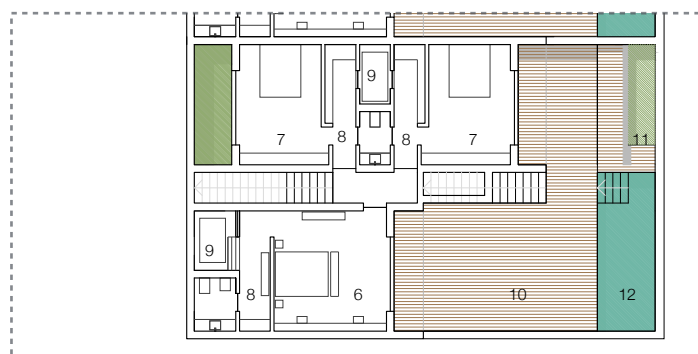
O acesso do piso superior (piso da cota de entrada) ao jardim, pode ser feito, não só pelas escadas que nos levam aos quartos, mas também por uma escada exterior. O jardim é amplo com uma piscina, um deck, uma pequena horta, e uma estrutura de apoio em madeira para a confecção de refeições ao ar livre.

O piso superior tem uma zona de estacionamento privativa ao lado da entrada, onde temos acesso directo às escadas que nos levam ao piso inferior dos quartos, a uma pequena instalação sanitária e à sala. A sala tem um pequeno escritório com acesso directo ao exterior, caso seja necessário um espaço de trabalho profissional e uma varanda que se abre sobre o jardim e a vista. A nordeste da sala temos a cozinha, grande, com balcões largos e espaço suficiente para todos os equipamentos contemporâneos de cozinha e tratamento de roupa; a sudeste tem uma varanda de dimensões generosas para refeições ao ar livre ou actividades lúdicas.

No piso inferior temos três quartos: uma *suite* com zona de vestir, estar, dormir e instalação sanitária privativa, para além da vista e acesso directo sobre o jardim; e dois quartos que partilham uma instalação sanitária, no entanto, cada um deles com uma zona de vestir, arrumos e lavatório individual; o quarto a sudeste tem um vão que abre para o jardim, enquanto o quarto noroeste garante ventilação e iluminação natural através de vão para um pátio, que por sua vez expõe a rocha do terreno.



P15

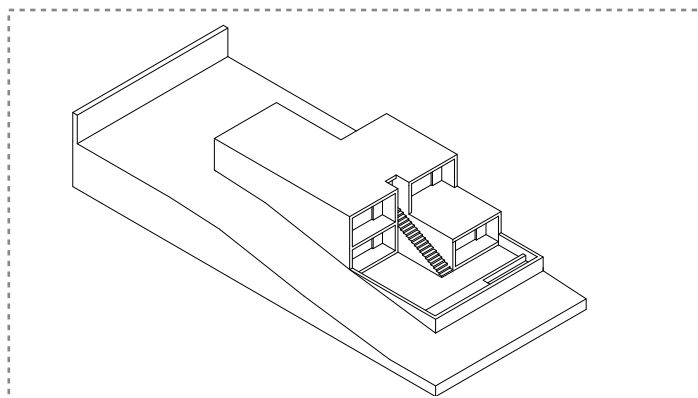


P16

P15 - planta do piso 0;
P16 - planta do piso -1;
P17 - axonometria exterior da moradia;

Legenda:

- 0 - escadas
- 0' - elevador
- 1 - estacionamento privativo
- 2 - escritório
- 3 - zona de estar
- 4 - cozinha
- 5 - terraço
- 6 - suite
- 7 - quarto
- 8 - zona de guarda-roupa
- 9 - duche / banho
- 10 - jardim
- 11 - pequena horta
- 12 - piscina



P17

5. considerações finais

Marvila define-se pela sua identidade industrial, edificado desqualificado, zonas abandonadas e pela falta de infra-estrutura. No entanto, é uma das freguesias de Lisboa com mais história e marcas do passado, que datam desde a pré-história.

Foi, em tempos, uma zona essencial da cidade, pelo seu papel nas actividades económicas industriais: era a principal localização das fábricas, armazéns, onde se realizavam trocas comerciais, com cais privados e vilas operárias.

Com o declínio da indústria, Marvila acabou por cair no esquecimento e ser gravemente negligenciada. Ainda assim, é claro o potencial da freguesia, não só pela sua história, como pelas heranças arquitectónicas do passado, pela sua localização e pela proximidade e relação com o rio.

Escolhido o local de intervenção e identificadas as problemáticas sociais, programáticas e urbanas da freguesia, delineou-se uma série de premissas que guiaram a proposta urbana e consequentemente a proposta arquitectónica.

A "tira de terreno" seleccionada para a intervenção, que atravessa transversalmente a linha do comboio, a Rua do Açúcar e a Avenida Infante D. Henrique, apresentava uma série de questões a resolver: as diferenças de cotas e obstáculos que impediam a circulação; os acessos precários e perigosos; o edificado degradado; terrenos urbanos desqualificados; e, ainda, a negligência do monumento geológico, que servia de apoio estrutural a estruturas precárias.

Assim, foi objectivo criar uma estrutura urbano-arquitectónica capaz de resolver, não só as problemáticas apresentadas no parágrafo anterior, mas, também questões de desenho urbano, articulações de programa e propostas que têm em vista a melhoria da qualidade de vida, principalmente ao nível da habitação.

O conjunto proposto apresenta uma sequência de edifícios cujo programa passa por: mercado de frescos, espaço exterior para feiras, silo automóvel, zona de restauração, comércio, miradouros, edifícios de habitação colectiva, moradias e um edifício ponte, que permite uma circulação fluida pela zona e ainda é espaço de estudo e trabalho para os residentes da freguesia.

Na procura de uma melhoria na qualidade do habitar, focámo-nos nas tipologias habitacionais, e por isso, foram feitas análises de vários casos de estudo, da sociedade contemporânea e das actuais estruturas familiares.

Concluímos que a arquitectura moderna apresentou, de facto, uma evolução na forma de viver o espaço doméstico,+; no entanto, estas tipologias e as novas que se constroem à sua imagem, não estão propriamente adaptadas a um estilo de vida contemporâneo (com todas as exigências, necessidades e regalias que este traz), nem às estruturas familiares actuais, que já não são apenas famílias nucleares tradicionais.

Tendo em conta as conclusões alcançadas, foram desenhados modelos com base em métricas modulares, com uma organização tipológica que reflecte o habitar contemporâneo, que procura responder às necessidades actuais e adaptar-se às várias estruturas e realidades familiares. É importante otimizar os espaços de serviços; flexibilizar os espaços de estar; possibilitar transformações nas tipologias; prever espaços de trabalho em casa; evitar o desaproveitamento de zonas de circulação; prever espaços de arrumação, tratamento de roupa e instalação de infra-estruturas; criar uma organização tipológica cuja circulação não seja fechada e imutável; antecipar que os espaços vão ser apropriados e por isso não devem ser limitados a um uso pré-definido; projectar espaços amplos e comunicativos entre si, em benefício do convívio familiar.

Assim, propuseram-se apartamentos que, partindo de uma modelação métrica, retirada das dimensões convencionais do tijolo, configuram um modelo base (T2) e três possíveis variações (T0, T1, T3). Os apartamentos, de forma a otimizar as infra-estruturas, foram desenhados com um núcleo de serviços, que é comum a todas as tipologias e alberga cozinha, arrumos, tratamento de roupa, e instalação sanitária. Assim, as tipologias têm um módulo com o núcleo, outro módulo com a zona de estar e os módulos dos quartos, cujo número varia consoante a tipologia.

O módulo dos espaços estar foi projectado de forma a ser apropriado conforme as necessidades dos moradores, mas mantendo sempre uma relação próxima com a cozinha, quartos e espaços de trabalho, de forma a permitir o convívio familiar e a tornar o espaço amplo e mutável.

Os módulos dos quartos têm dois acessos, que não configuram apenas espaços de circulação mas sim zonas qualificadas, com condições e áreas que as tornam passíveis de ser apropriadas como espaços de trabalho, estar ou arrumação. Incluem zona de trabalho, dormir, de vestir e arrumação de roupa, casa de banho com a instalação sanitária, separada da zona de banhos e lavatório extra. A privacidade entre os módulos de quarto e módulos de estar, e entre estes últimos, é controlada com o uso de painéis de correr.

Todas as tipologias fazem uso de uma varanda, através da qual é possível o acesso por uma entrada secundária, e que permite uma comunicação directa com o espaço de estar e cozinha e que pode ser usada como espaço lúdico, ou até, de tratamento de roupa.

As moradias seguem uma organização diferente das tipologias e projectam-se tendo como premissas o aproveitamento da vista sobre a cidade e o rio e a implantação no terreno. O acesso às moradias é feito pelo piso superior (consequência das cotas do terreno), onde encontramos a sala de estar, de trabalho, instalação sanitária, uma cozinha e varanda, ambas com áreas generosas, que permitem momentos de convívio familiar. No piso inferior temos uma suite, e dois quartos que partilham uma instalação sanitária. Neste piso temos um jardim com uma pequena piscina e horta, ao qual podemos aceder pelo piso superior através de umas escadas exteriores.

Com este projecto esperamos trazer para Marvila, uma população jovem contemporânea, capaz de reactivar as actividades da freguesia. Esperamos com o conjunto proposto, criar um foho difusor de vida para a zona, um objecto que faça parte de uma arquitectura difusora da contemporaneidade, que dê às pessoas o conforto e necessidades de uma população em evolução. E, que, ao mesmo tempo, seja capaz de resolver as questões urbanas e históricas preservando o património da cidade.

(14 893 palavras)

bibliografia e fontes_

teses_

- Ferreira, João Manuel, "A casa para uma cidade intensa, Tipologia portuense na forma da casa", Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura da FCTUC; 2013/14
- Henriques de Melo, Joana Filipa Peres, "Um retrato panorâmico da arquitectura portuguesa em 5 temas", Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura da FCTUC; 2013
- Paredes, Pedro Fernandes, "Marvila. Transversalidades Ribeirinhas - Integração infra-estrutural e renovação do tecido urbano", Projecto Final de Mestrado com especialização em Planeamento Urbano e Territorial da FAUTL; 2011
- Rosa, José Tiago, "(Re)Visão da Casa Contemporânea: do Moderno ao Digital", Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura da FCTUC; 2011
- Moreira, Ana Silva, "À Procura dos Novos Modos de Habitar. Lisboa", Tese de mestrado Integrado em Arquitectura FAUTL; 2013
- Machado, André Gonçalves de França, "MARVILA. UMA NOVA CENTRALIDADE Integração infra-estrutural e renovação do tecido urbano.", Lisboa, FAUTL, 2011
- Gonçalves, José Fernando, "Edifícios modernos de habitação colectiva - 1948/61 - Desenho e standard na Arquitectura Portuguesa", tesis doctoral UPC; 2007
- Canotilho, Pedro, "HABITAT, Arquitectura e a Problemática da Habitação", Prova Final de Licenciatura em FCTUC; 2008

artigos_

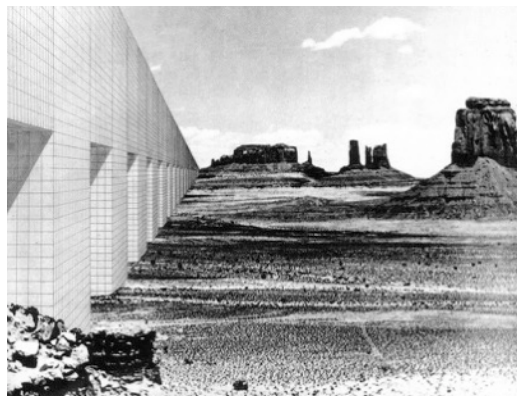
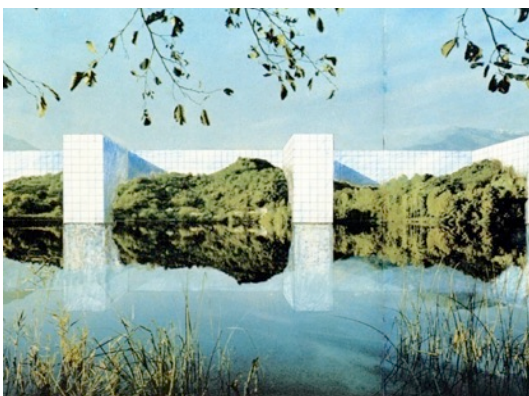
- Casimiro, Fernando, "Os conceitos de Família e Núcleo Familiar nos Recenseamentos da População em Portugal", censos 2011
- Ramos, Rui J. G., "A Nossa Casa, 44, piso 12, ap.136: dois pontos para outras formas de habitar"
Jornal Arquitectos, 205, Lisboa, 2002, p.28-33
[Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura]
- Nunes, João Pedro Silva e SEQUEIRA, Ágata Dourado, "O fado de Marvila. Notas sobre a origem cidadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa", Forum Sociológico, 21 | 2011, 33-41

livros_

- Cortés Alcalá, Luis; "La Cuéestion Residencial: Bases para una Sociologia del Habitar. Madrid: Editorial Fundamentos"; (1995)
- Casimiro, Fernando e Lopes, Maria G., – "Concepts and typologies of household and family in the 1981 and 1991 population censuses in the twelve community countries" ; (1994)
- Eleb, Monique; Debarre, Anne – "L'Invention de l'Habitation Moderne: Paris, 1880-1914. Paris: Hazan"; (1995)
- Eleb-Vidal, Monique; Chatelet, Anne-Marie; Mandoul, Thierry – "Penser l' Habité. Le Logement en Questions. 2ª Edição. Liège: Pierre Mardaga Éditeur"; (1995)
- Leupen, B.; Mooji, H.; "Housing Design. A manual"; (2011)

- Paricio, Ignacio; SUST, Xavier; "La Vivienda Contemporánea: Programa y Tecnología"; 2ª Edición. Barcelona: ITEC (Instituto de Tecnología de la Construcción de Cataluña); (2000)
- Pereira, Sandra Marques; "Casa e Mudança Social. Uma Leitura das Transformações da Sociedade Portuguesa a partir da Casa. Casal de Cambra: Caleidoscópio"; (2012)
- Rybczynsky, Witold; "Home: A Short Story of an Idea. Londres: Pocket Books"; (2001)
- Escolano, Víctor; Bothmer, Hubertus; Soares, Luís; Rosa, Luís; Toussaint, Michel; "Lisboa Expo 98"; Blau (1998)

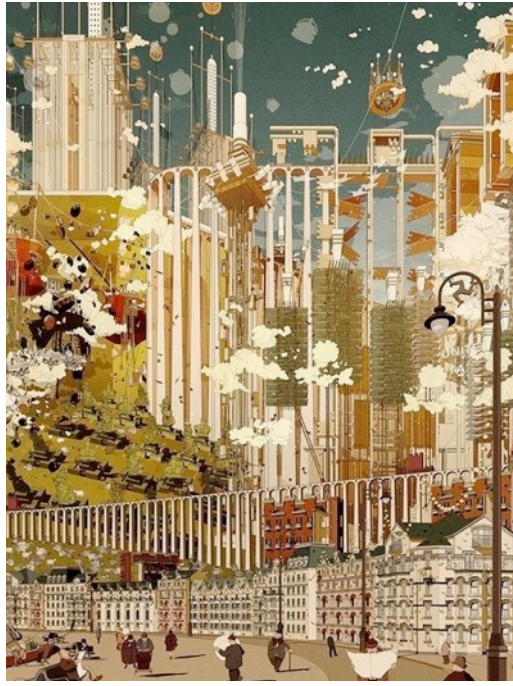
referências_



Superstudio - Monumento continuo, exposição em Roma



archigram - uma cidade mais eficiente



Eric Wong 'Cohesion' Bartlett Summer Show



DYMAXION



WALKING CITY



PLUG IN CITY

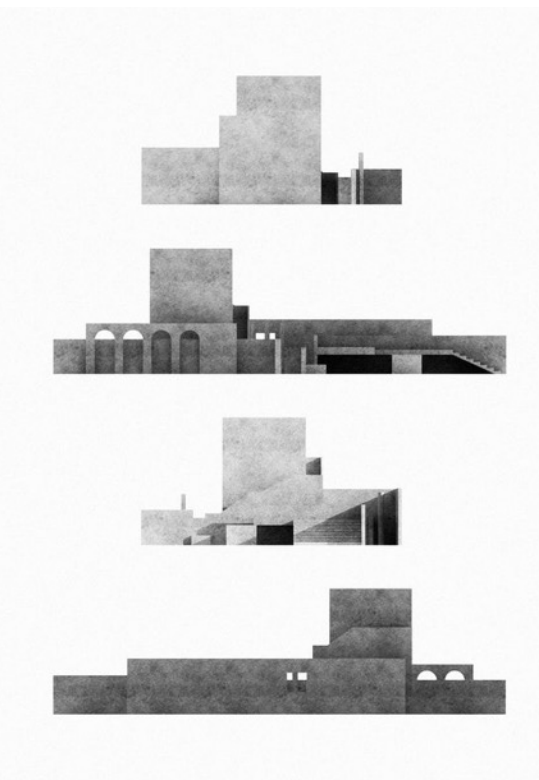


INSTANT CITY

archigram - tipos de cidades mais eficientes



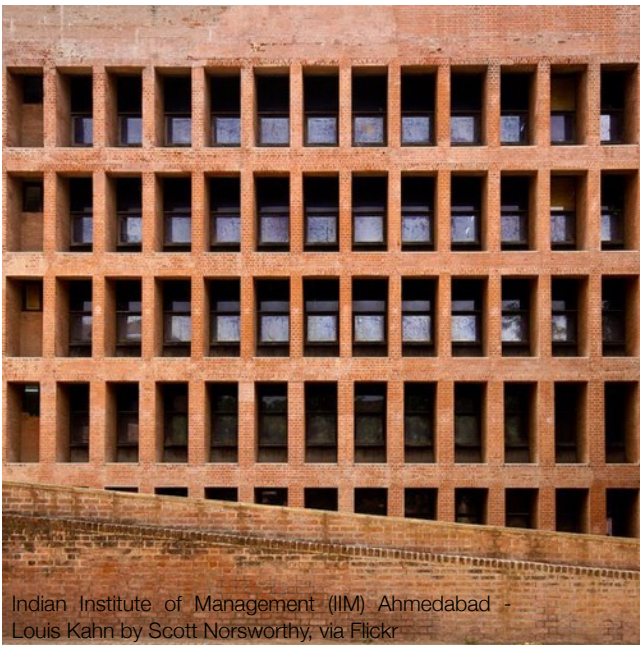
archigram - cidade instantanea



Architecture From a Dream | Douglas Ramos 4s



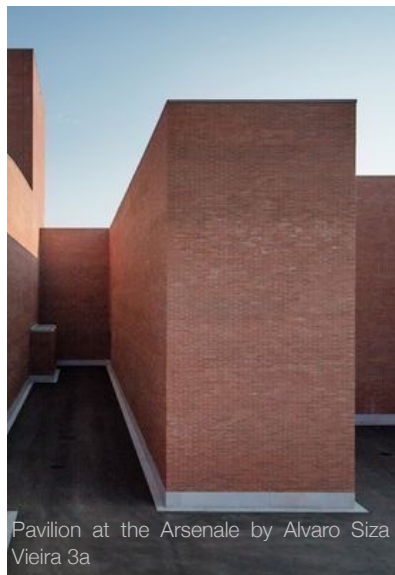
Valério Olgiati . Vila Além



Indian Institute of Management (IIM) Ahmedabad - Louis Kahn by Scott Norsworthy, via Flickr



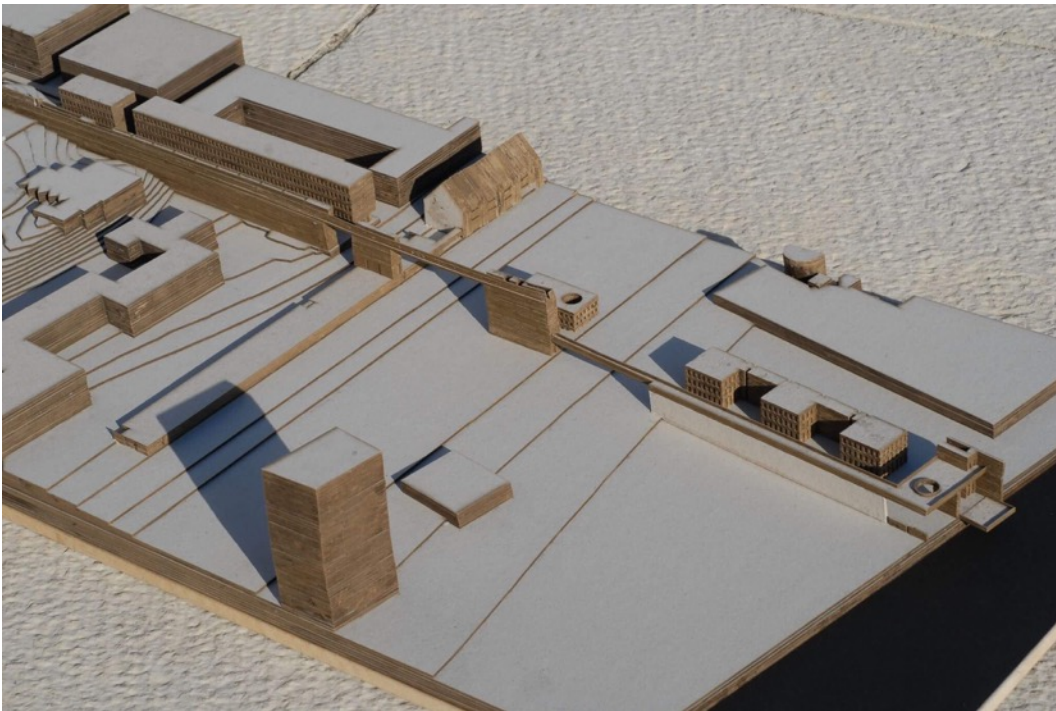
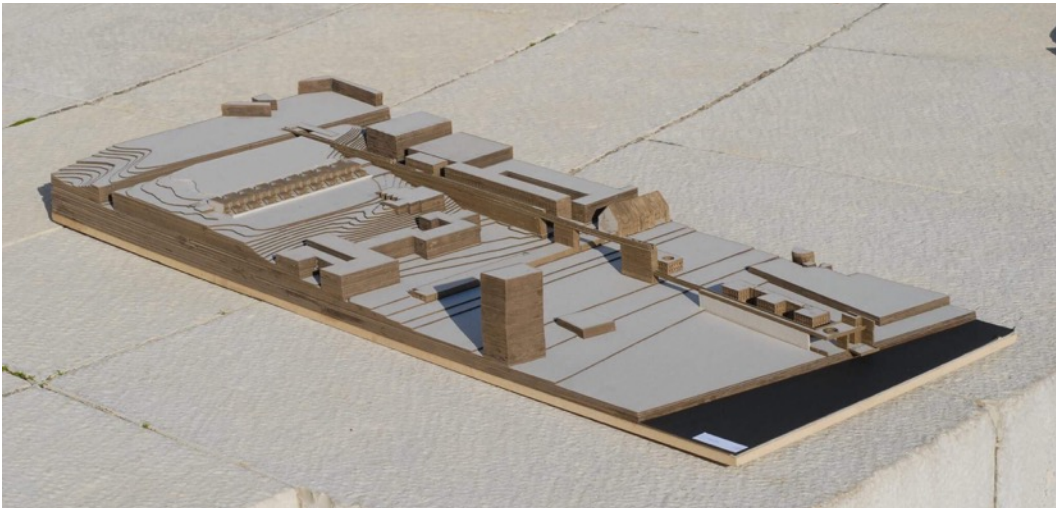
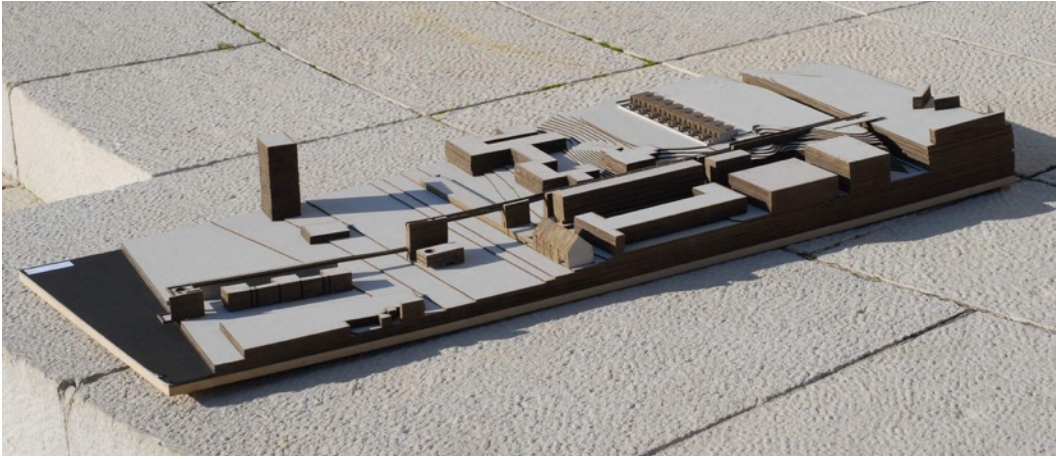
monument to partisans WWII italia Aldo Rossi



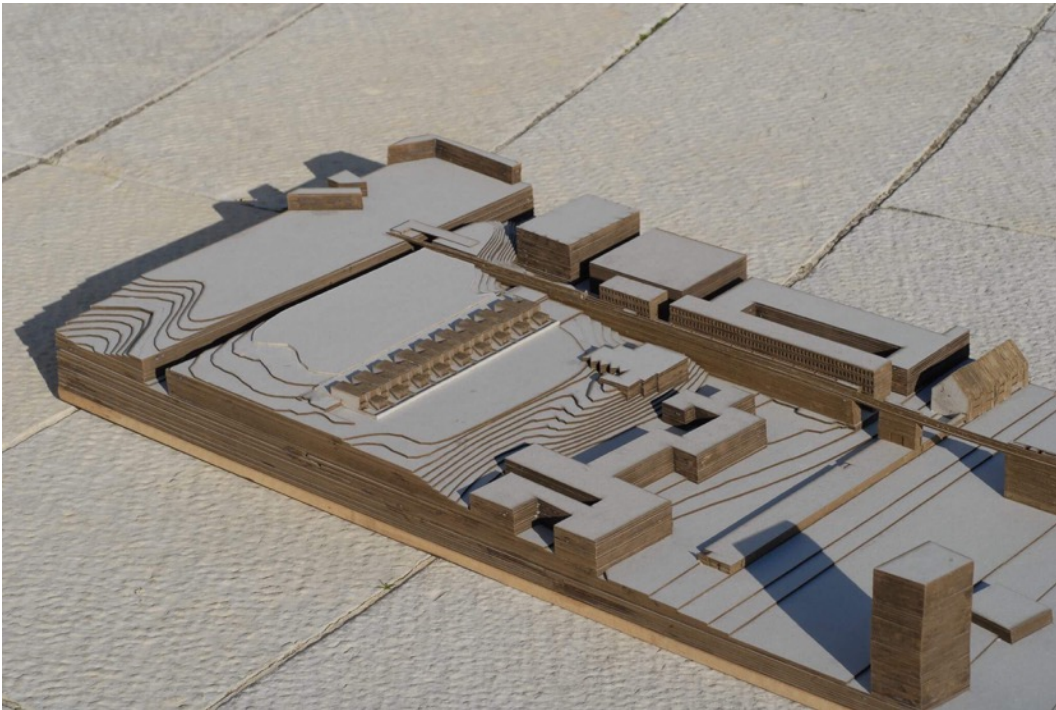
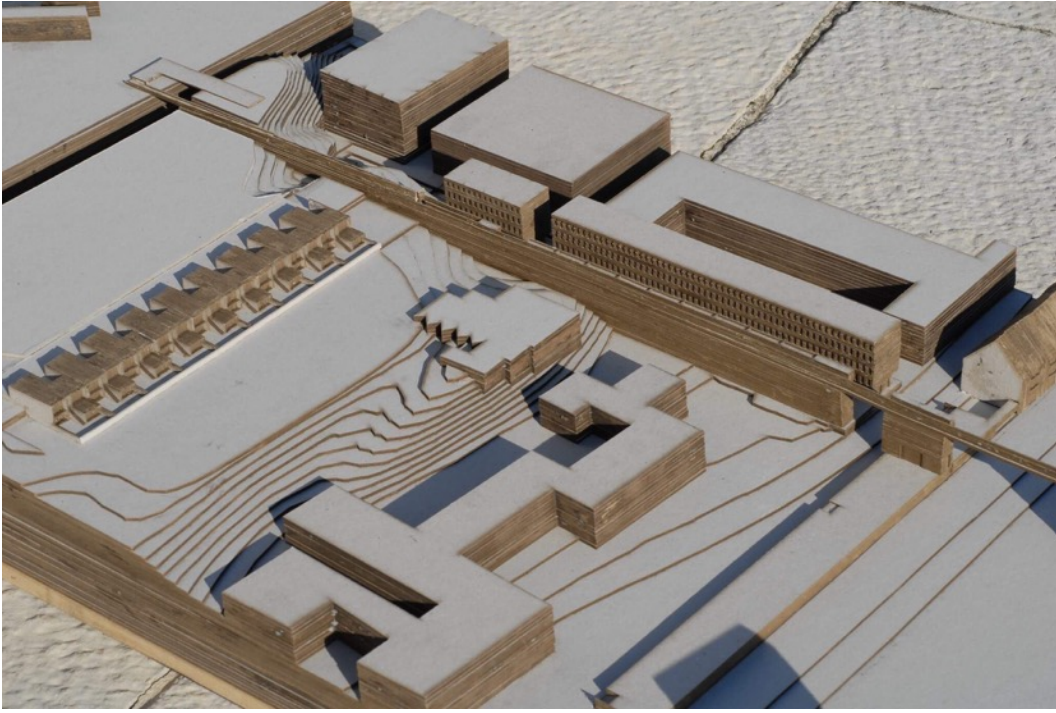
Pavilion at the Arsenale by Alvaro Siza Vieira 3a

anexos_

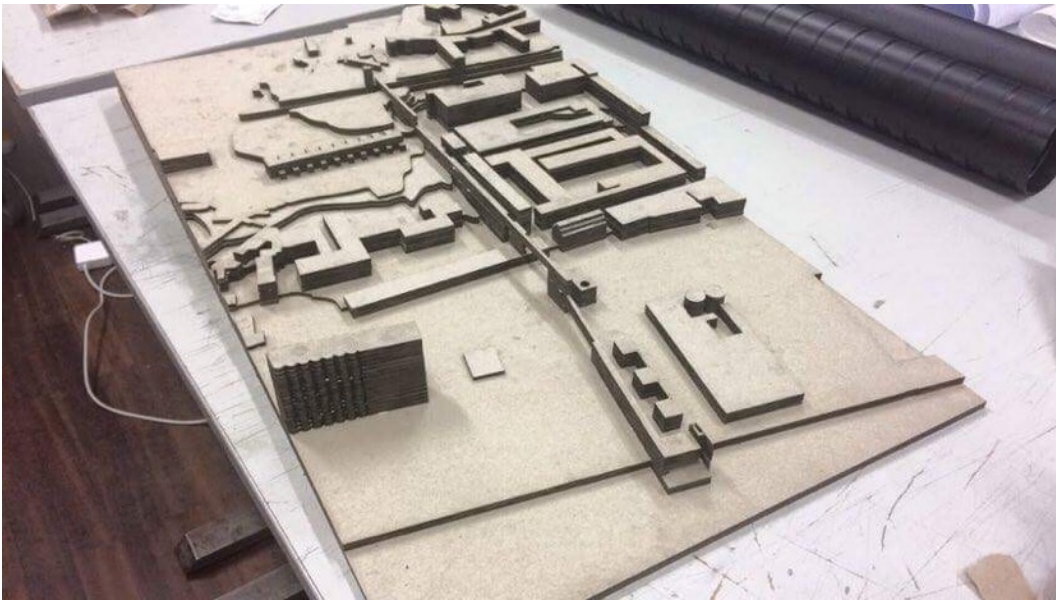
MAQUETES



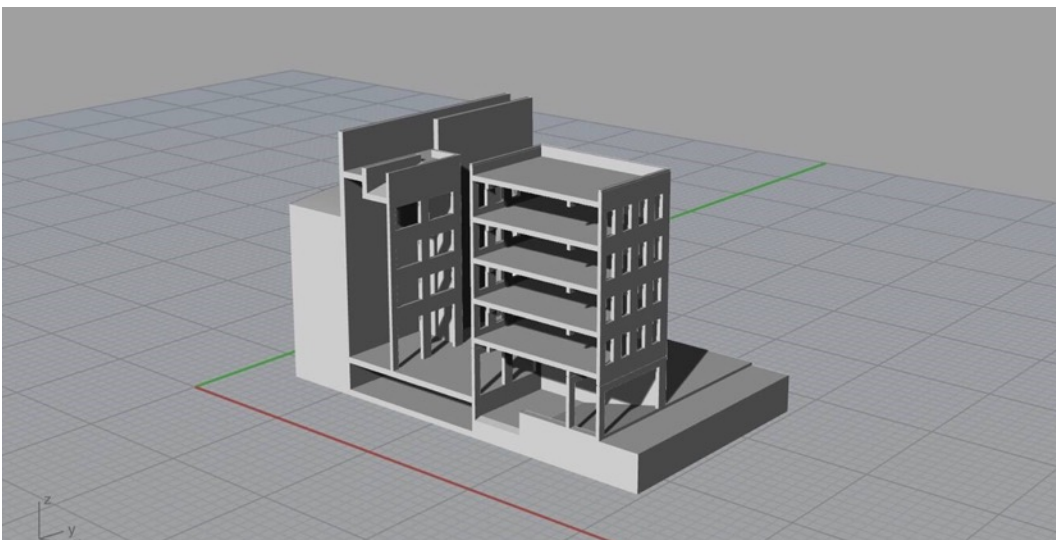
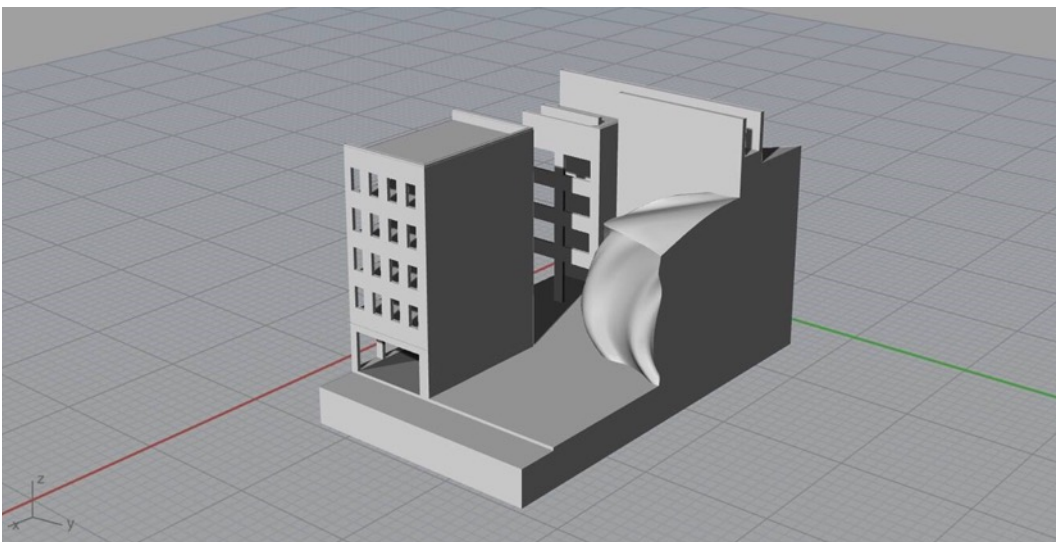
Maquete da Proposta
Urbano-Arquitectónica à
escala 1:500



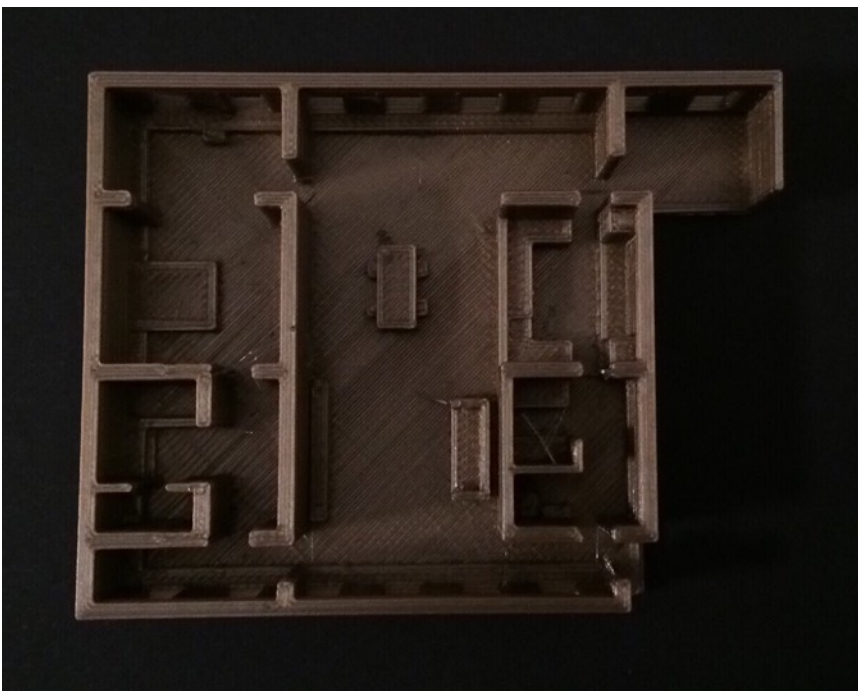
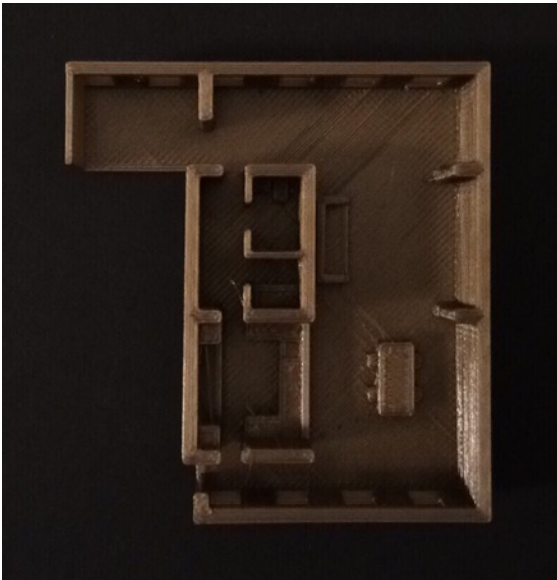
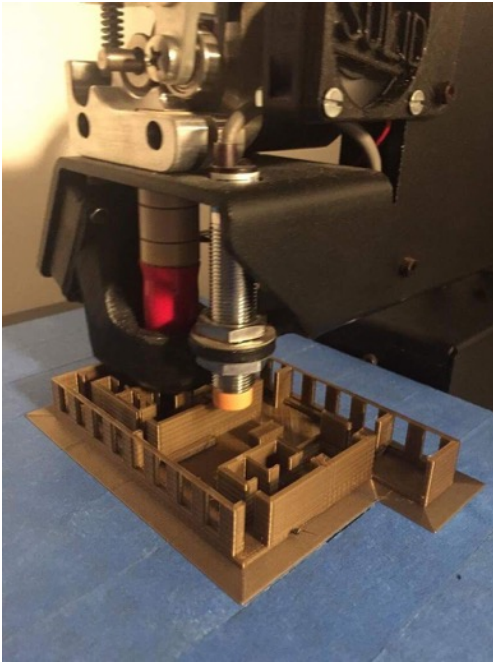
Maquete da Proposta Urbano-Arquitectónica à escala 1:500



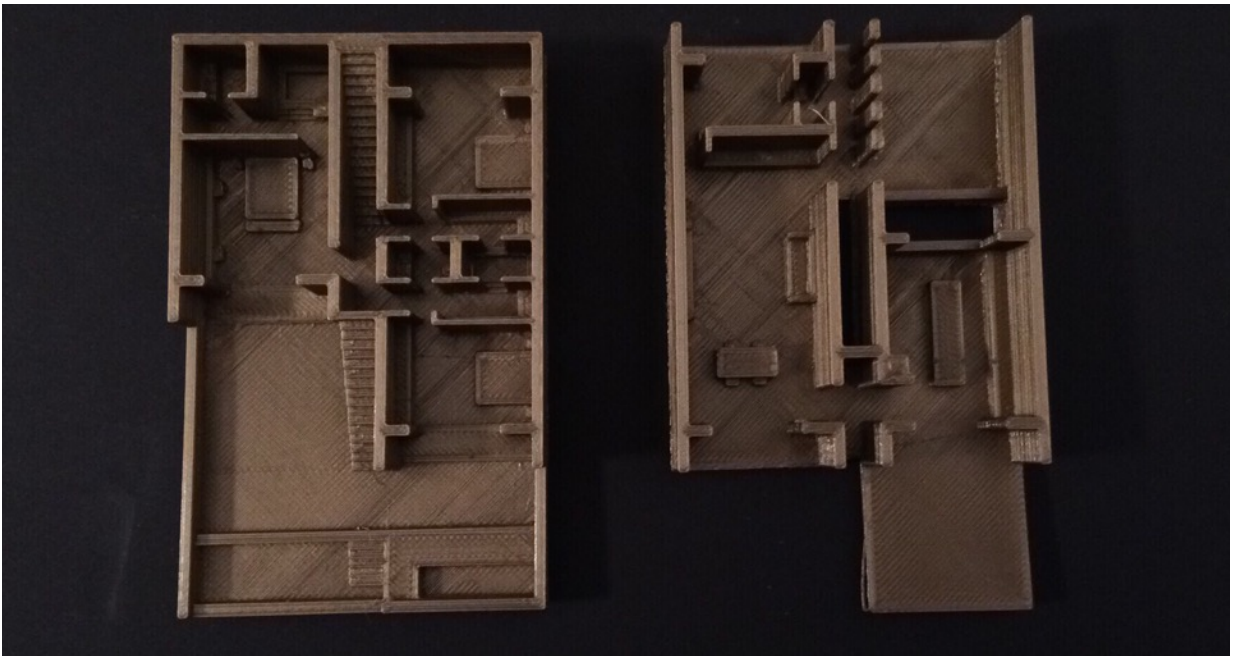
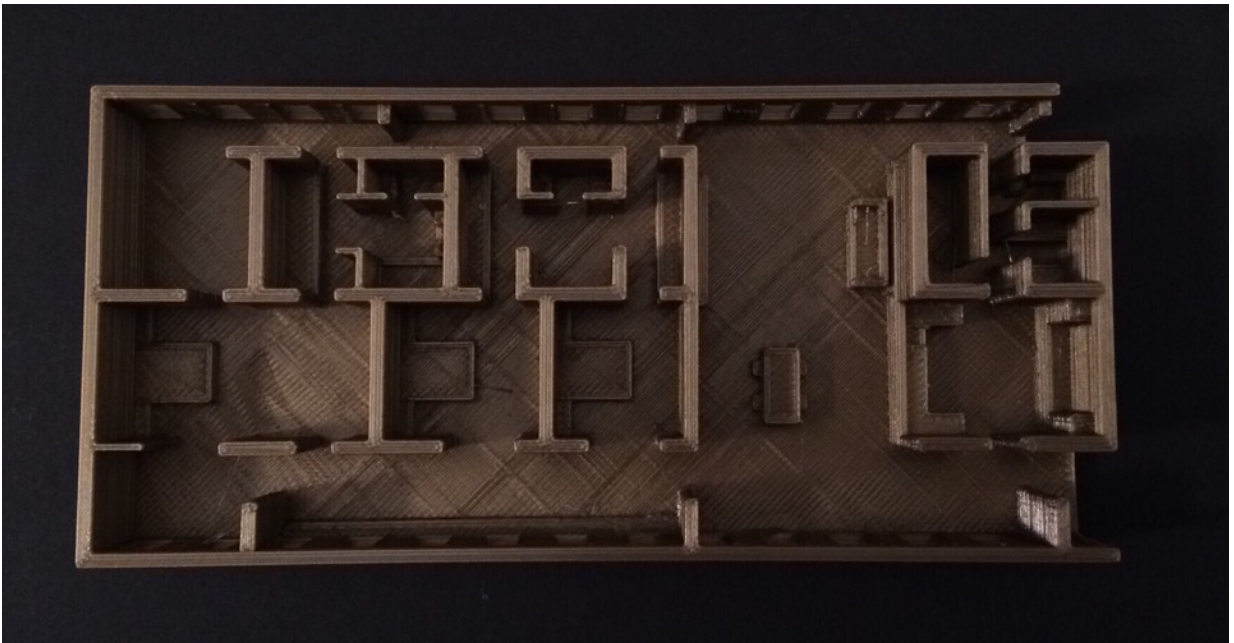
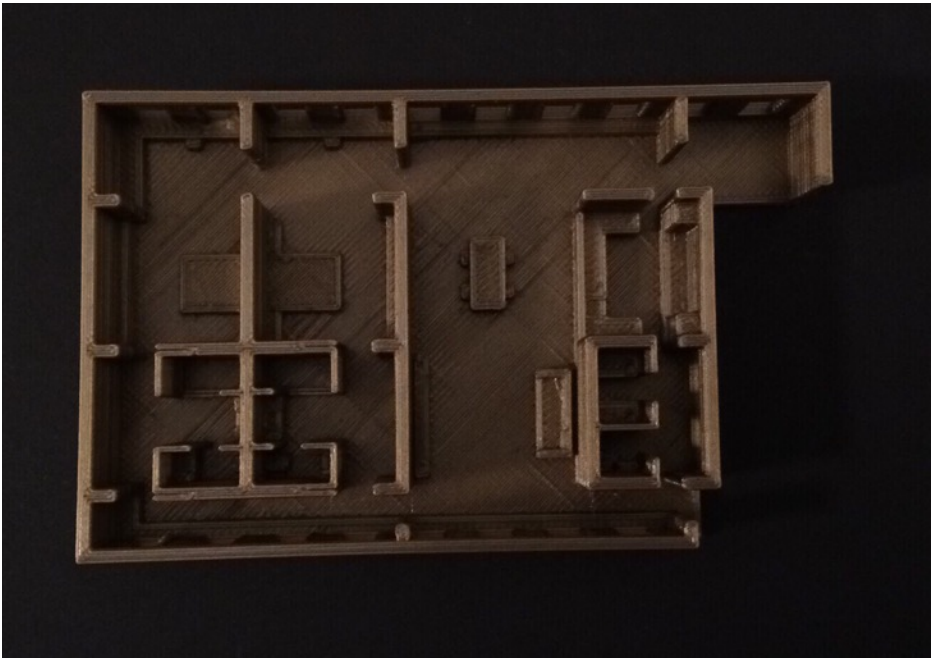
Maquete de Implantação da Proposta Urbano-Arquitectónica à escala 1:1000



Modelo 3D, base para maquete de pormenor à escala 1:200



Maquetes à escala 1:100 das várias tipologias de apartamento e moradias.

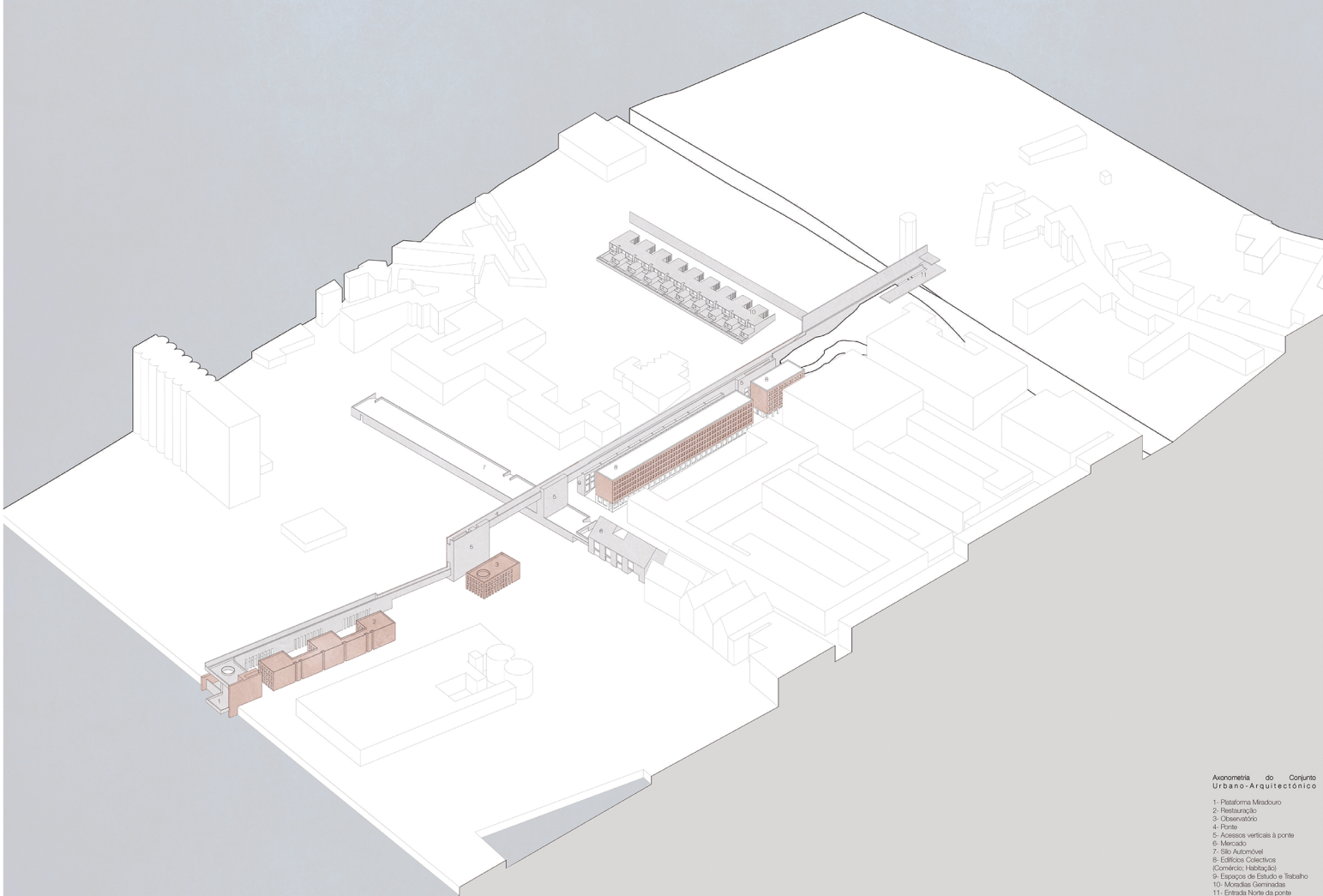


PAINEIS

de Marvila ao Tejo

um traçar contemporâneo

Teresa Alonso
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa
Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista Bastos
Prof. Arq. Hugo Faria

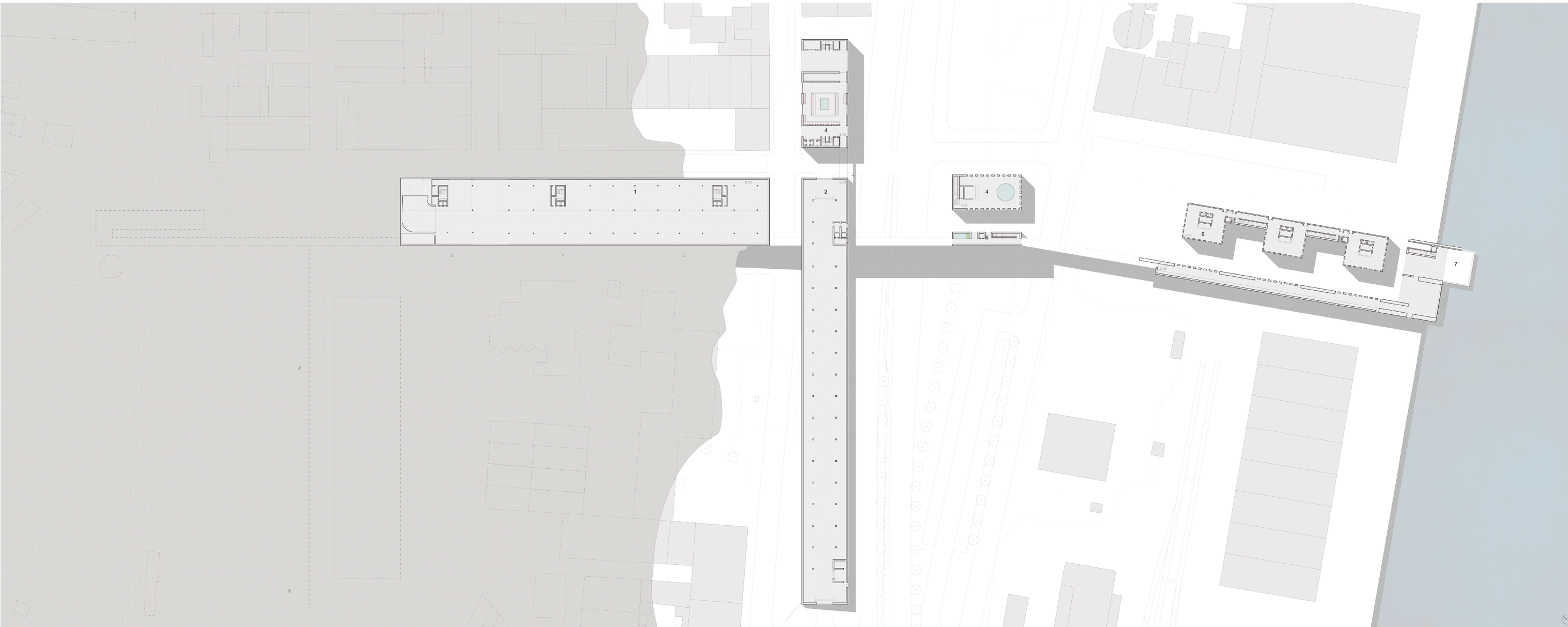


Acronímia do Conjunto Urbano-Arquitetónico

- 1- Plataforma Meaduro
- 2- Restauração
- 3- Observatório
- 4- Ponte
- 5- Acessos verticais à ponte
- 6- Mercado
- 7- Sítio Automóvel
- 8- Edifícios Colectivos (zonas de habitação)
- 9- Espaços de Estudo e Trabalho
- 10- Módulos Gemeadas
- 11- Entrada Norte da ponte

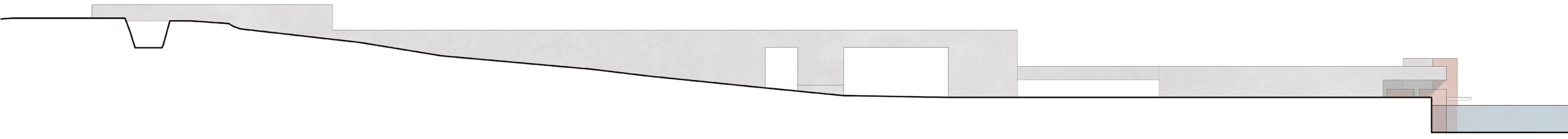
de Marvila ao Tejo um habitat contemporâneo

Teresa Afonso
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa
Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias



Planta à cota 5 | 1:500

Legenda:
1 - Estacionamento de edifício coletivo
2 - Sítio automóvel
3 - Mercado
4 - Observatório
5 - Acesso vertical à praia
6 - Edifício de restauração
7 - Mercado / plataforma superior



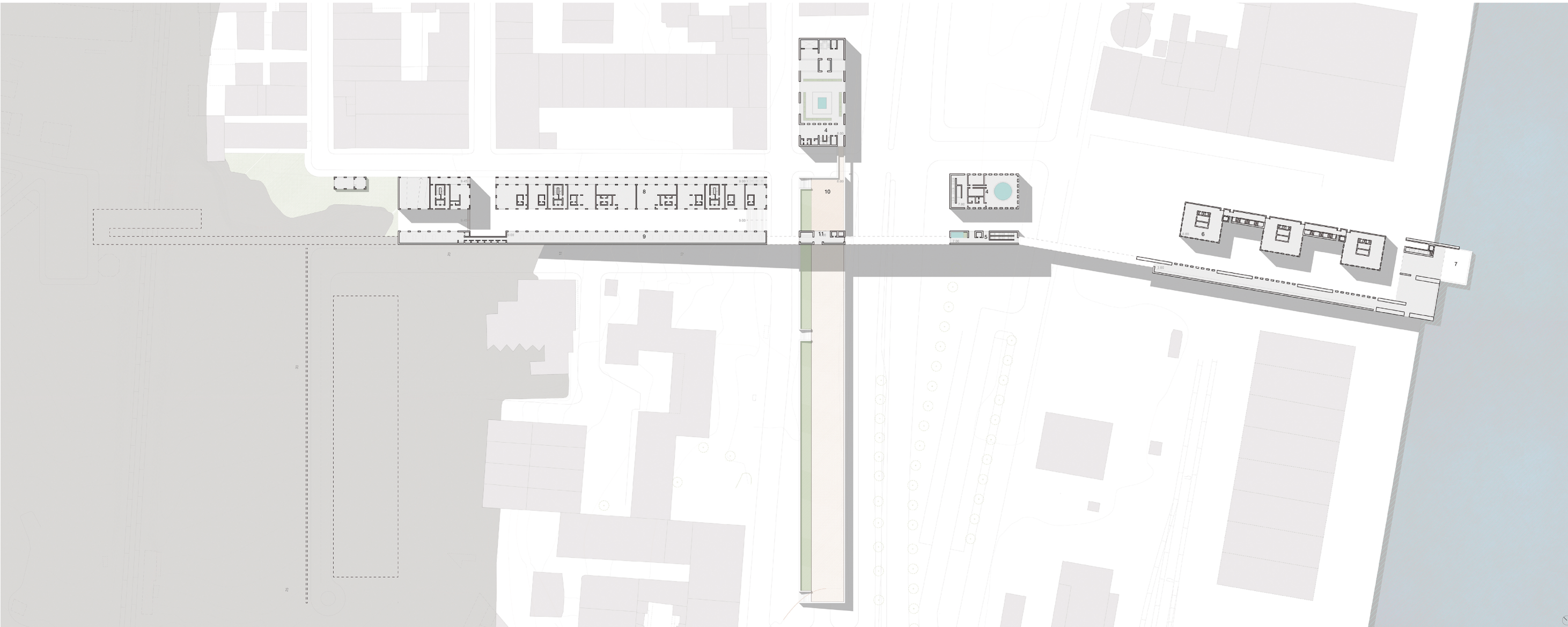
Alçado Poente | 1:500

de Marvila ao Tejo

um habitar contemporâneo

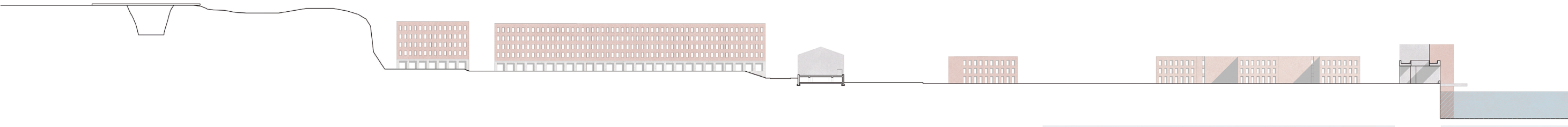
Teresa Afonso
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias



Planta à cota 0 | 1:500

- Legenda:
- 3 - Mercado
 - 4 - Observatório
 - 5 - Acesso vertical à ponte
 - 6 - Edifício de restauração
 - 7 - Mercado / plataforma superior
 - 8 - Edifício Comercial - plano dedicado a espaços comerciais
 - 9 - Espaço de estudo e trabalho
 - 10 - Corredor de acesso automóvel de uso público, paralela à viação para fazer ao ar livre, em comunicação com o mercado.
 - 11 - Acesso Vertical que permite o acesso à ponte, ao site automóvel e às ruas paralelas.



Alçado / Corte Poente A | 1:500

de Marvila ao Tejo um habitar contemporâneo

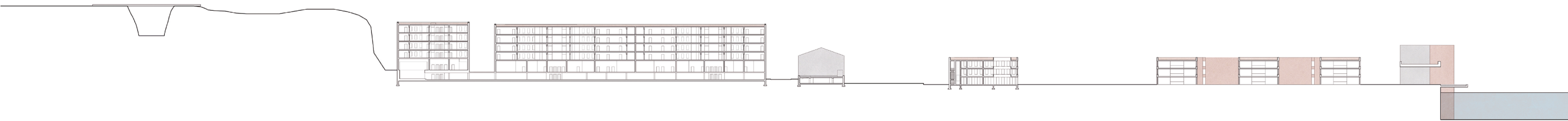
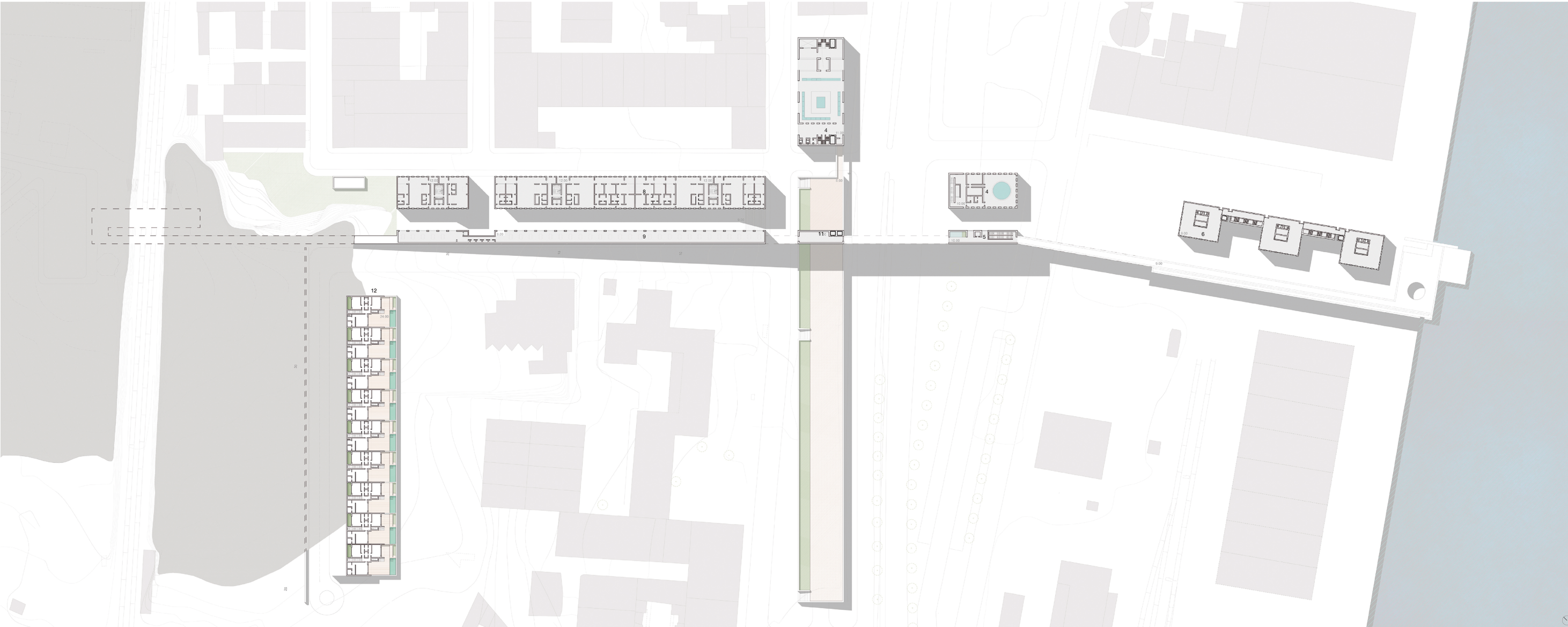
Teresa Afonso
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias

Planta à cota 12 | 1:500

- Legenda:
- 3 - Mercado
 - 4 - Observatório
 - 5 - Acesso vertical à ponte
 - 6 - Edifício de restauração
 - 8 - Edifício Cívico - tipo tipo com as tipologias de habitação coletiva
 - 9 - Espaços de estudo e trabalho
 - 11 - Acesso vertical que permite o acesso à ponte, ao site automóvel e às ruas paralelas.
 - 12 - Piso -1 das moradias geminadas

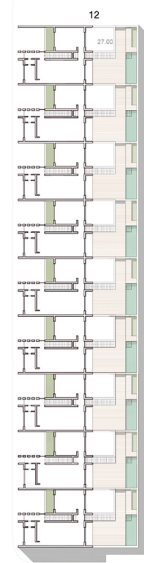
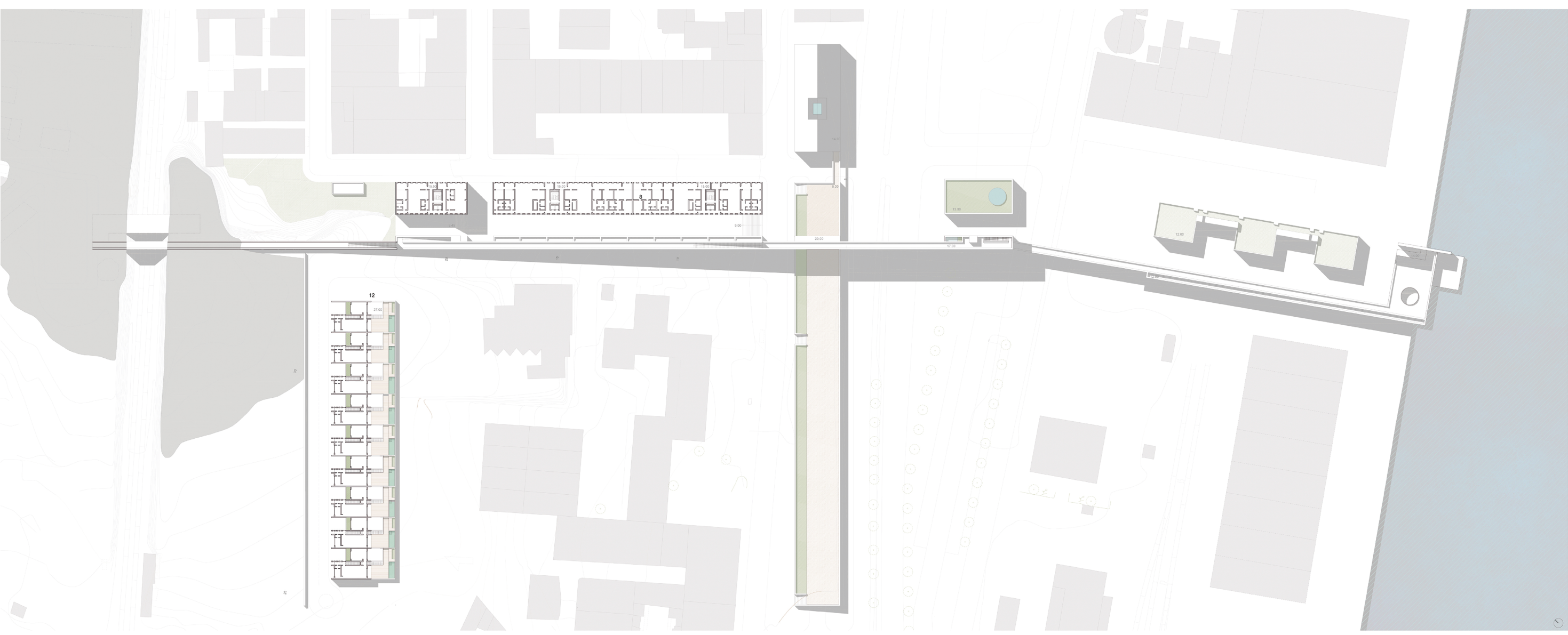
Alçado / Corte Poente B | 1:500



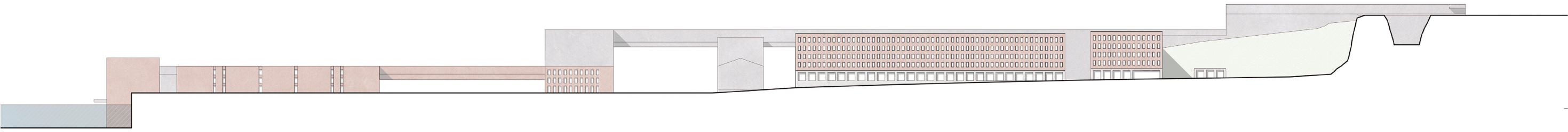
de Marvila ao Tejo um habitat contemporâneo

Teresa Afonso
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias



Planta à cota 21 | 1:500
Legenda:
Edifício Colúmbio - tipo tipo com as tipologias associadas colúmbio
12- Plano 0 das moradias geminadas



Alçado Nascente B | 1:500

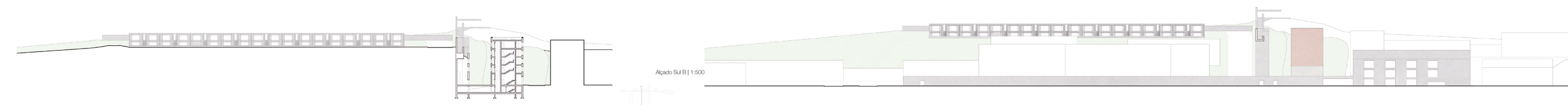
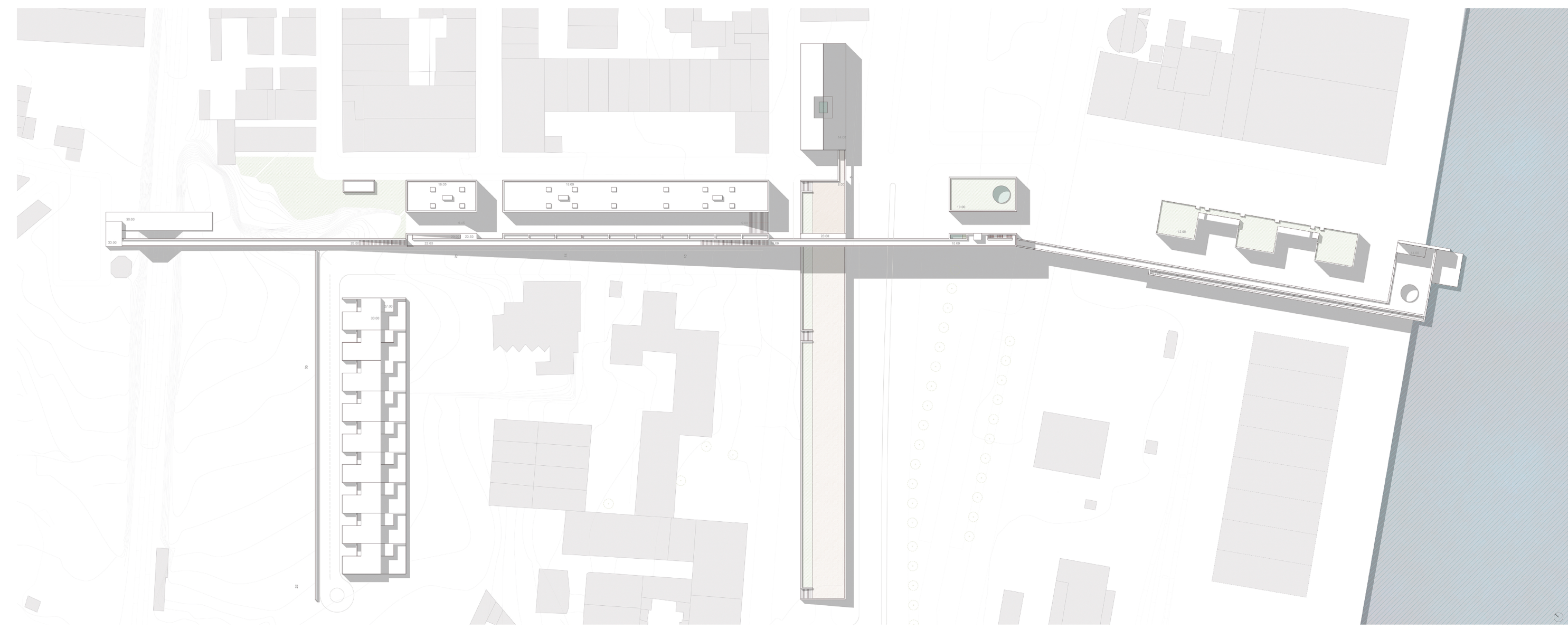
de Marvila ao Tejo
um habitat contemporâneo

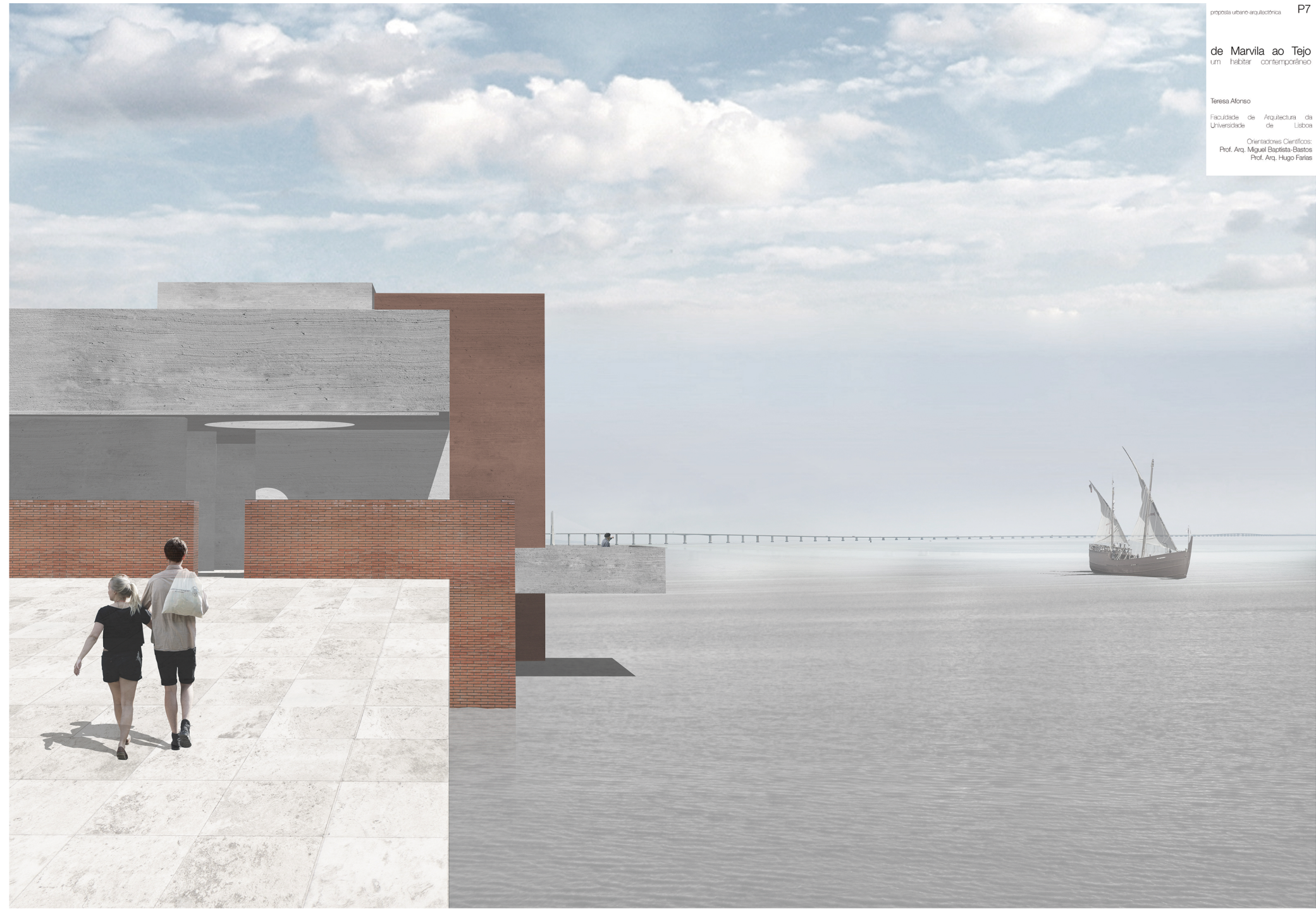
Teresa Afonso
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias

Planta de cobertura | 1:500

Açado Sul B | 1:500





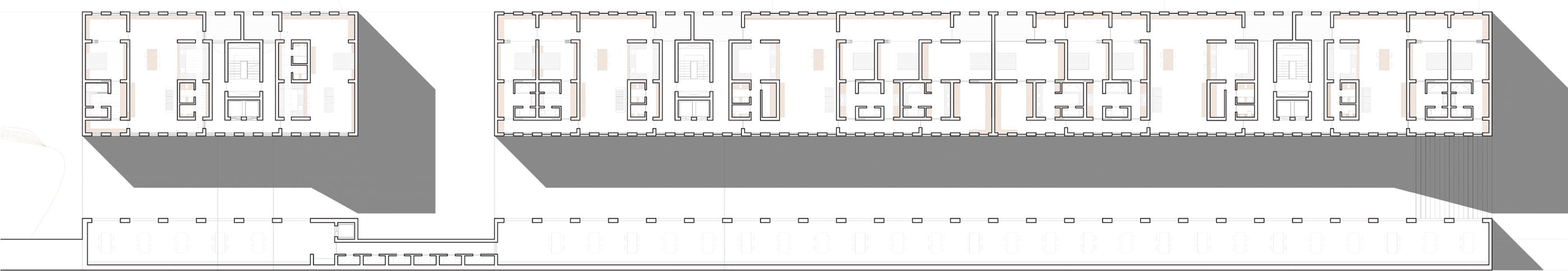
de Marvila ao Tejo

um habitar contemporâneo

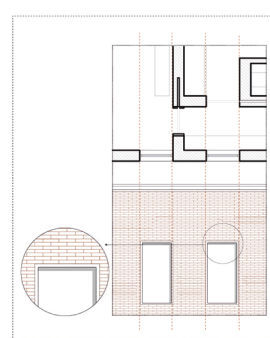
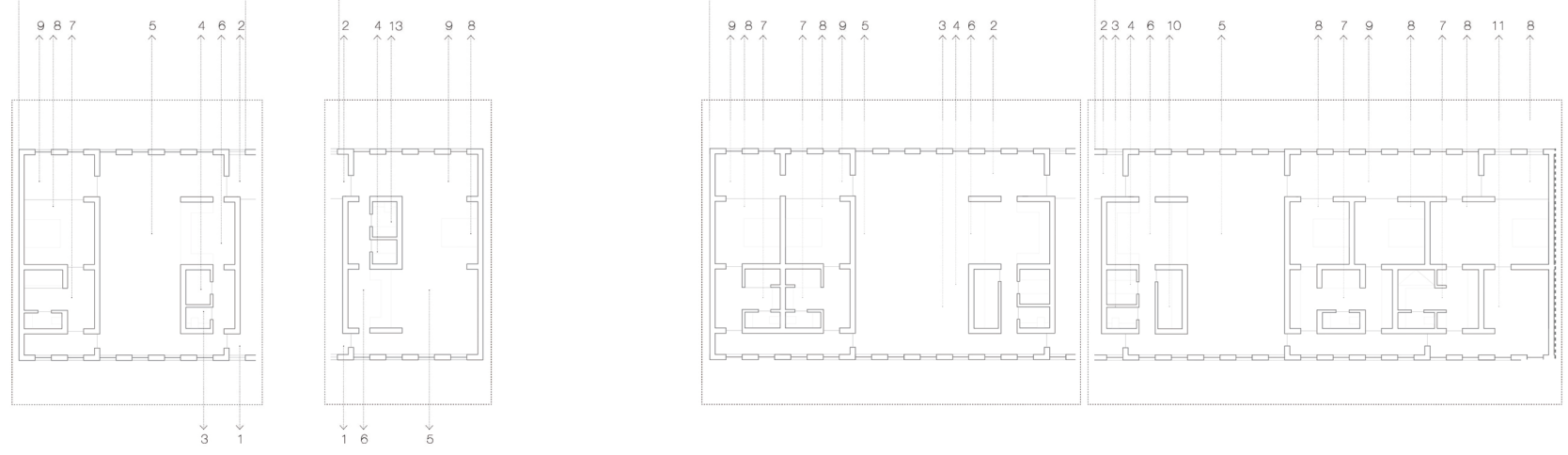
Teresa Afonso

Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias

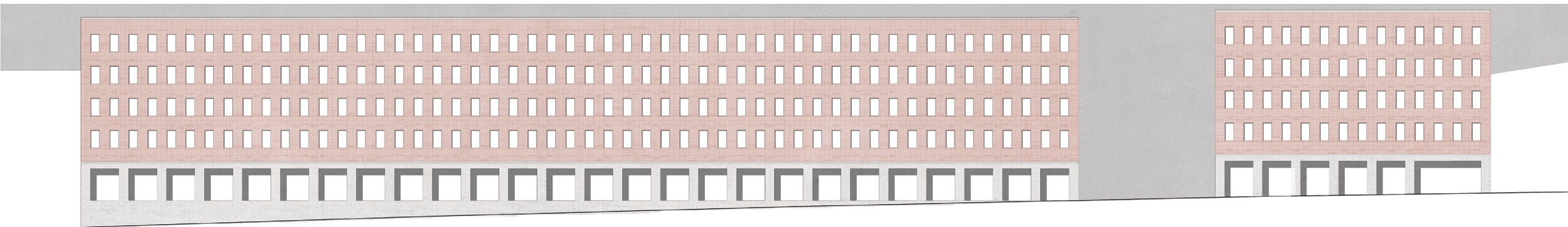


Planta tipo das habitações do edifício colectivo | 1:200

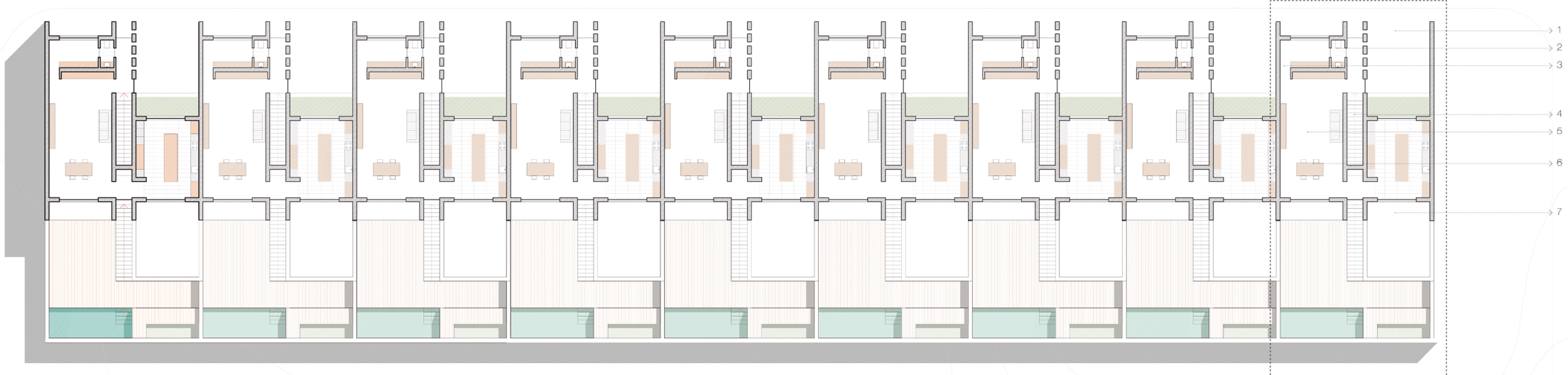


Módulos Habitacionais

- acessos:
- 1- entrada Principal
 - 2- entrada secundária através de um espaço exterior coberto de uso privado
- núcleo:
- 3- instalação sanitária social
 - 4- lavandária
 - 5- sala de estar
 - 6- cozinha
 - 10- despensa
- quartos:
- 7- casa de banho com zoneamentos
 - 8- espaço de dormir
 - 9- zona de trabalho / estudo
 - 11- escritório / berçário / closet
 - 12- varanda
 - 13- casa de banho



de Marvila ao Tejo
um habitar contemporâneo



Teresa Afonso
 Faculdade de Arquitectura da
 Universidade de Lisboa
 Orientadores Científicos:
 Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
 Prof. Arq. Hugo Farias

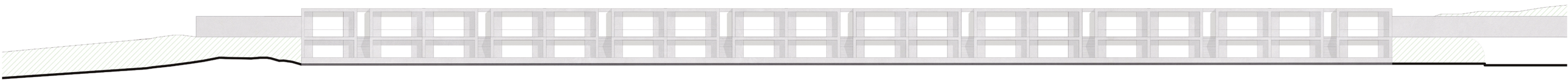
Planta do piso 0 das moradas | 1:200
(zonas sociais)

- 1- estacionamento
- 2- instalação sanitária social
- 3- escritório
- 4- acesso ao piso inferior
- 5- cozinha
- 6- varanda
- 7- sala de estar



Planta do piso -1 das moradas | 1:200
(zonas privadas e espaço exterior)

- quartos:
- 8- pátio interior
- 9- quarto
- 10- closet
- 11- casa de banho partilhada
- suite:
- 12- casa de banho
- 13- instalação sanitária
- 14- closet
- exterior:
- 15- zona verde
- 16- jardim
- 17- piscina

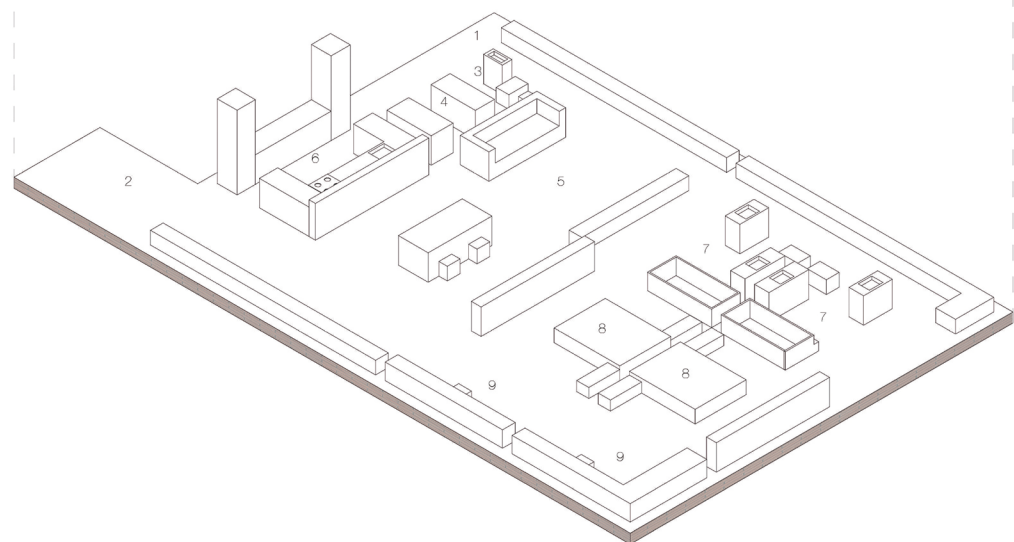
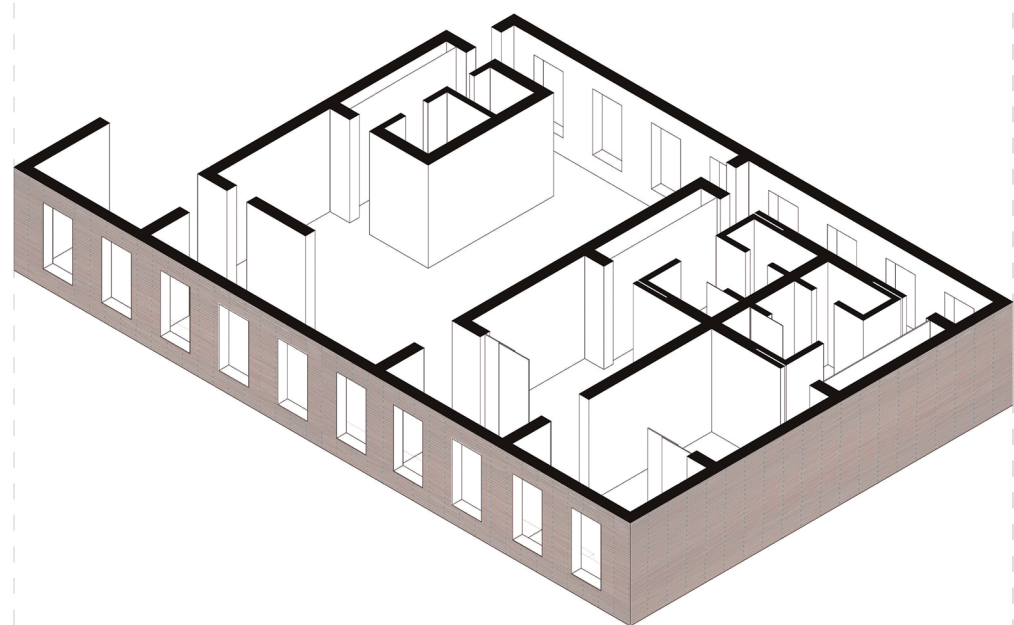
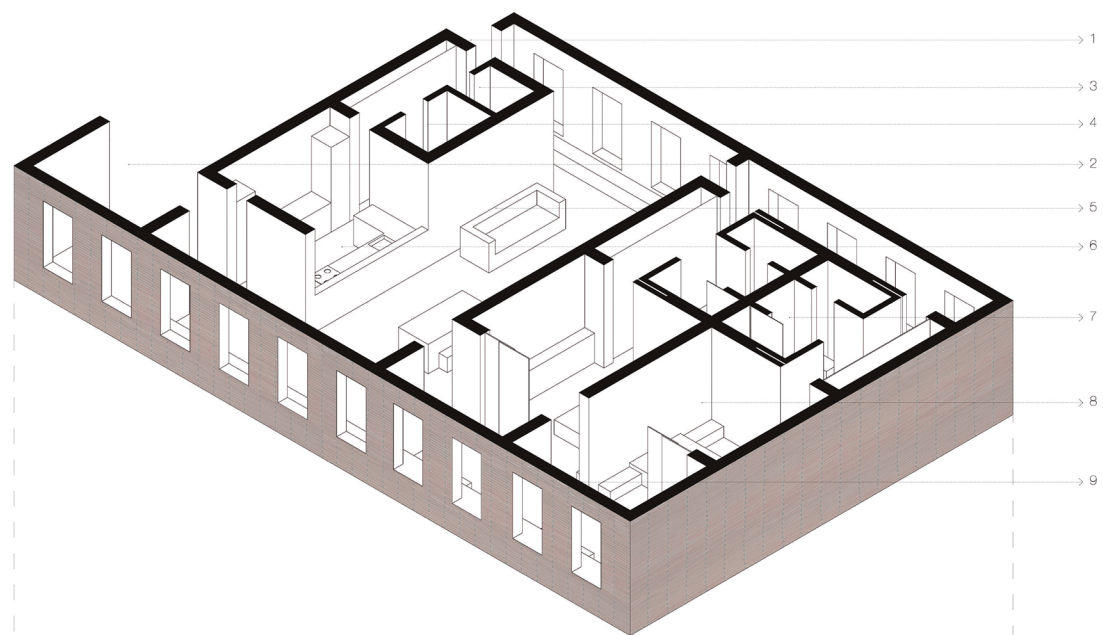


de Marvila ao Tejo
um habitar contemporâneo

Teresa Afonso

Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias



Axonometria do Módulo Habitacional (T2)

acessos:
1- entrada Principal
2- entrada secundária através de um espaço exterior coberto de uso privado

núcleo:
3- instalação sanitária social
4- lavandária
5- sala de estar
6- cozinha

quartos:
7- casa de banho com zoneamentos
8- espaço de dormir
9- zona de trabalho / estudo



de Marvila ao Tejo

um habitat contemporâneo

Teresa Afonso

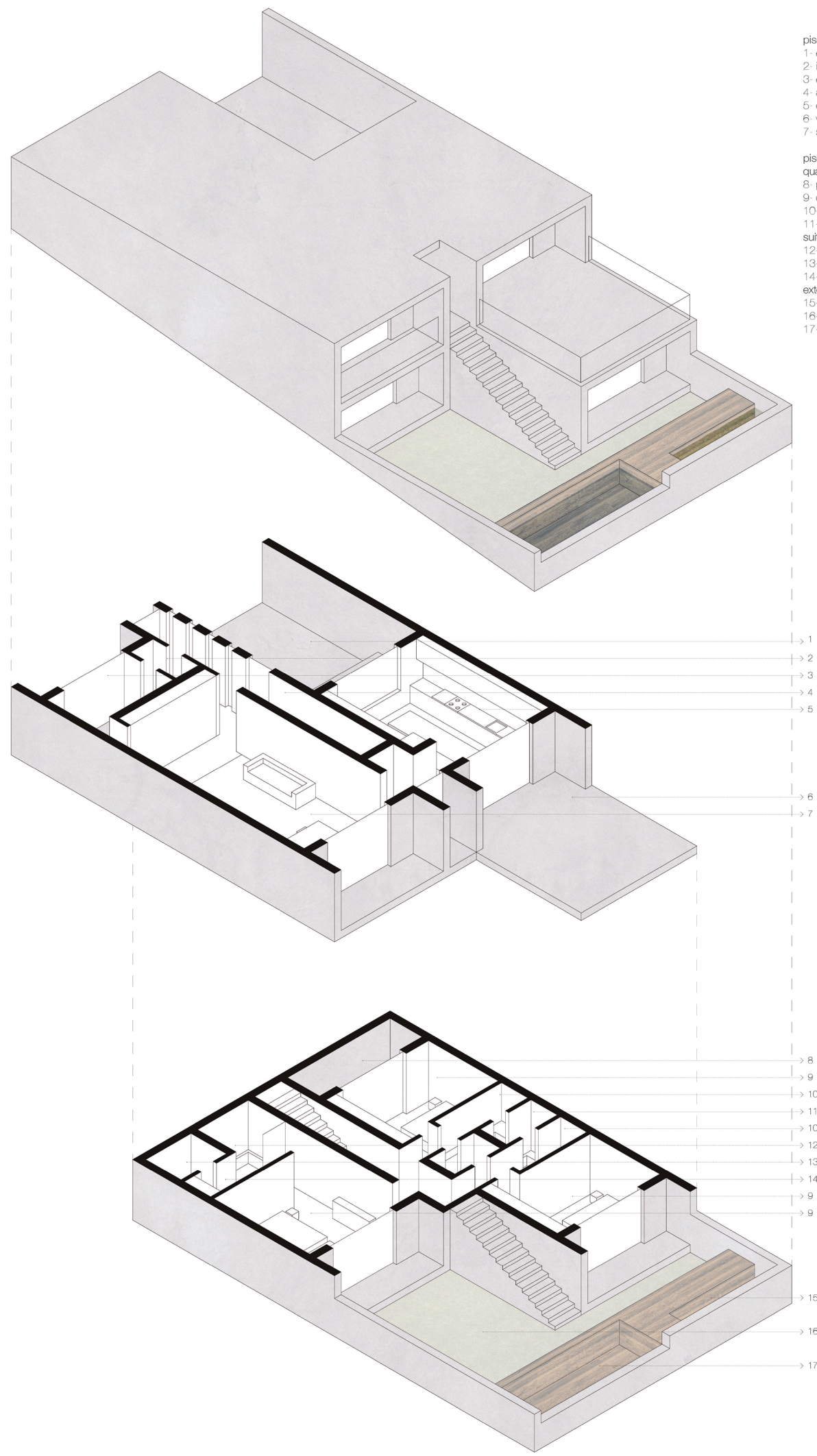
Faculdade de Arquitectura da
Universidade de Lisboa

Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista-Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias

Axonometria da Moradia Tipo

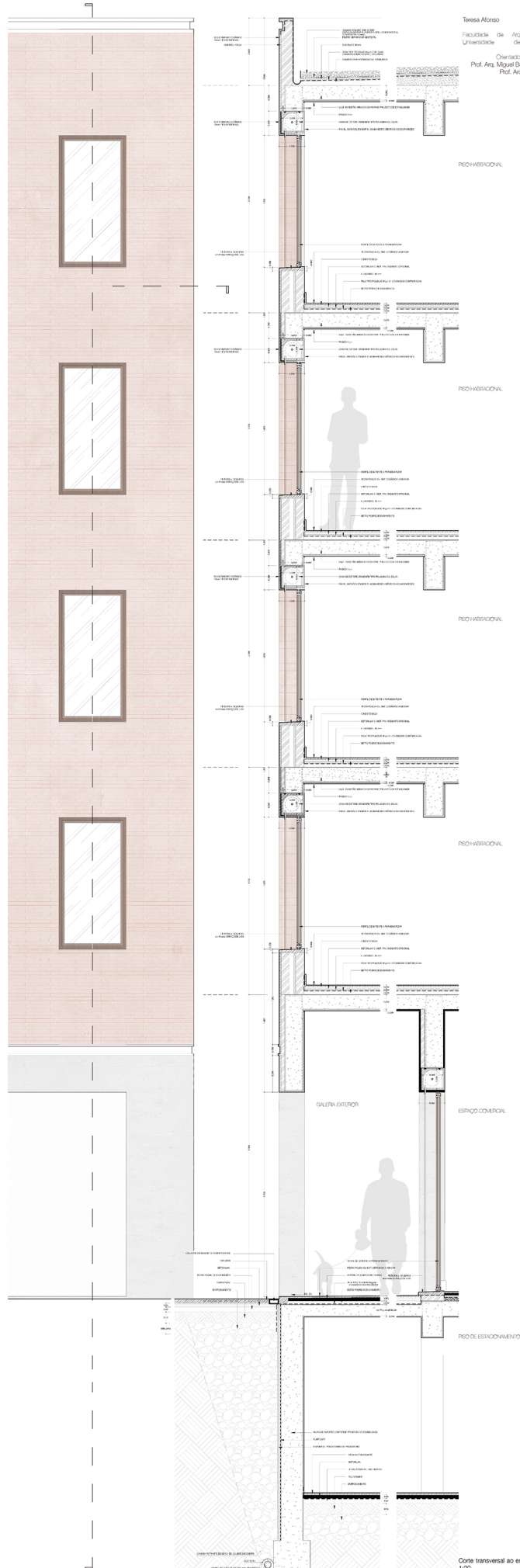
- piso 0 | zonas sociais:
- 1- estacionamento
 - 2- instalação sanitária social
 - 3- escritório
 - 4- acesso ao piso inferior
 - 5- cozinha
 - 6- varanda
 - 7- sala de estar

- piso -1 | zonas privadas e espaço exterior:
- quartos:
- 8- pério interior
 - 9- quarto
 - 10- closet
 - 11- casa de banho partilhada
- suite:
- 12- casa de banho
 - 13- instalação sanitária
 - 14- closet
- exterior:
- 15- zona verde
 - 16- jardim
 - 17- piscina



de Marvila ao Tejo
um habitar contemporâneo

Teresa Alarcos
Escola de Arquitectura da
Universidade de Lisboa
Orientadores Científicos:
Prof. Arq. Miguel Baptista Bastos
Prof. Arq. Hugo Farias



Corte transversal ao edifício coletivo | 1:20